

HISTÓRIA

História Integrada - Módulos



Luíx XIV

Um dos ícones do absolutismo

- | | |
|--|-------------------------------------|
| 33 – Reformas Calvinista e Anglicana | 39 – Ciclo oriental – Portugal |
| 34 – Contrarreforma | 40 – Ciclo ocidental – Espanha |
| 35 – Absolutismo | 41 – Absolutismo inglês – apogeu |
| 36 – Mercantilismo | 42 – Revoluções Puritana e Gloriosa |
| 37 – Os tipos de mercantilismo | 43 – Expansão e colonização inglesa |
| 38 – Contexto e fatores da Expansão Marítima | 44 – Absolutismo francês |

Módulo

33

Reformas Calvinista e Anglicana

Palavras-chave:

- Eleição • Predestinação
- Divórcio • Supremacia

1. A Reforma Calvinista



Calvino, defensor da teoria da **predestinação**.

Enquanto o luteranismo se consolidava na Alemanha, a França permitiu a entrada das ideias protestantes, divulgadas pelos humanistas, apesar da resistência oferecida pelo conservadorismo católico.

O francês Calvino, que havia desenvolvido estudos universitários que abrangiam a Teologia, Direito e Humanidades, acabou tendo contato com as obras de Lutero, Santo Agostinho e o estudo da livre interpretação da Bíblia. A força do catolicismo na França

entrou em choque com as heresias de Calvino, fazendo-o refugiar-se em Genebra, na Suíça, que já havia passado pela influência reformadora de Zwinglio, fornecendo ao reformador francês condições para a propagação de suas ideias.

Apesar do desenvolvimento comercial, fruto de sua excelente posição geopolítica, Genebra vivia um verdadeiro caos moral e político, motivado pelas rivalidades religiosas, bem como pelo comportamento devasso de sua população.

Convidado a moralizar a cidade, Calvino liderou do púlpito severas normas morais, instaurando uma verdadeira ditadura religiosa. A essência de sua teologia está contida no livro *A Instituição da Religião Cristã*, publicado em 1536. Assim como Lutero, acreditava que a salvação estava na fé, porém, enquanto este acreditava que a fé era um sentimento humano e fruto do livre-arbítrio, para Calvino ela só era possível para aqueles que fossem eleitos. A fé para Lutero é humana, mas, para Calvino, ela é de origem divina. Portanto nem todos podem crer, apenas aqueles que foram selecionados por Deus, na eternidade e por graça, sem merecimento, pois todos os homens são igualmente pecadores e merecedores apenas do inferno. E como saber quem são os eleitos? Segundo Calvino, aqueles que foram predestinados a crer, vivendo em seu tempo histórico, e a manifestar uma vida capaz de multiplicar os bens materiais recebidos nela por meio da austeridade e acúmulo de capitais.

Predestinação: determinação de Deus para conduzir os justos à vida eterna.

Com isso, justificou a prática do lucro e da usura. Suas ideias encontraram na burguesia uma grande aliada, uma vez que sua doutrina ia ao encontro dos interesses capitalistas duramente perseguidos pela Igreja Católica. Logo o calvinismo se espalhou pela Europa: os calvinistas, na Holanda, eram chamados de reformados; na França, de **huguenotes**; na Inglaterra, de puritanos; na Escócia, de presbiterianos.

2. A Reforma Anglicana



O rei Henrique VIII buscou na Reforma uma solução para se livrar do universalismo papal, bem como da influência política do Sacro Império Romano-Germânico, governado por Carlos V. Sem a tutela desses dois poderes, o rei poderia consolidar o poder absoluto da Inglaterra em sua Coroa. Henrique VIII, casado com Catarina de Aragão (espanhola), viu seu reino ameaçado pela possibilidade de um herdeiro influenciado pela Espanha. Para isso, era

O rei Henrique VIII pedindo o divórcio ao cardeal Thomas Wolsey.

No início das reformas religiosas, a Inglaterra sempre se manteve ao lado do Papado Romano, contra as heresias dos reformadores. O rei Henrique VIII buscou na Reforma uma solução para se livrar do universalismo papal, bem como da influência política do Sacro Império Romano-Germânico, governado por Carlos V. Sem a tutela desses dois poderes, o rei poderia consolidar o poder absoluto da Inglaterra em sua Coroa.

necessário se divorciar. Seus verdadeiros interesses políticos entraram em conflito com o papa Clemente VII, que negou a anulação de seu casamento. Ignorando a decisão do Sumo Pontífice, o rei desprezou sua mulher para casar-se com Ana Bolena (inglesa) e foi excomungado.

Em 1534, o rompimento da Inglaterra com Roma estava consolidado. Com o **Ato de Supremacia**, que colocava a Igreja sob a tutela do Estado, todos os bens eclesiásticos foram confiscados, passando às mãos da nobreza inglesa. Nascia, assim, a Igreja Anglicana, que, entre outras características, autorizava o divórcio.

Com a morte de Henrique VIII e logo após a de seu herdeiro, ascendeu ao poder sua filha primogênita, Maria Tudor, que tentou restabelecer, por influência da Espanha, o catolicismo na Inglaterra. Após um período de tremenda conturbação, subiu ao trono Isabel I (Elizabeth), a segunda filha do rei, que oficializou a religião anglicana ao estabelecer como seria a sua liturgia e seu corpo doutrinário.

3. Cronologia do período estudado

1531: Proclamação de Henrique VIII como chefe da Igreja Anglicana.

1533: Adesão de Calvino à Reforma.

1534: Ato de Supremacia na Inglaterra.

1536: Início das atividades de Calvino em Genebra.

Huguenotes: designação depreciativa que os católicos franceses deram aos protestantes.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M301**



Exercícios Resolvidos

1 (FUVEST – MODELO ENEM) – Em 1748, Benjamin Franklin escreveu os seguintes conselhos a jovens homens de negócios:

"Lembra-te que o tempo é dinheiro... Lembra-te que o crédito é dinheiro... Lembra-te que o dinheiro é produtivo e se multiplica... Lembra-te que, segundo o provérbio, um bom pagador é senhor de todas as bolsas... A par da sobriedade e do trabalho, nada é mais útil a um moço que pretende progredir no mundo que a pontualidade e a retidão em todos os negócios".

Tendo em vista a rigorosa educação religiosa do autor, esses princípios econômicos foram usados para exemplificar a ligação entre

- a) protestantismo e permissão da usura.
- b) anglicanismo e industrialização.
- c) ética protestante e capitalismo.
- d) catolicismo e mercantilismo.
- e) ética puritana e monetarismo.

Resolução

A ética e as práticas do protestantismo, em especial o calvinismo, valorizavam elementos como o trabalho, a poupança e a acumulação de capital como sinais da salvação, o que de certa forma favoreceu o desenvolvimento do capitalismo.

Resposta: C

2 (UNESP – MODELO ENEM) – Em cada letra da página divina [a Bíblia] há tantas verdades sobre as virtudes, tantos tesouros de sabedoria acumulados, que apenas aquele a quem Deus concedeu o dom do saber [dela] pode usufruir plenamente. Poderiam estas "pérolas" ser distribuídas aos "porcos" e a palavra a ignorantes incapazes de recebê-la e, sobretudo, de propagar aquilo que receberam?

(Texto escrito pelo inglês Gautier Map, por volta de 1181.)

Comparando o conteúdo do texto com a história do cristianismo, conclui-se que o autor

- a) interditava aos pecadores a leitura da Bíblia, reservando-a à interpretação coletiva nos mosteiros medievais.
- b) considerava aptos para interpretar individualmente a Bíblia todos os fiéis que participassem do culto católico.
- c) postulava a exigência de comunicação direta do fiel com Deus, independentemente da leitura dos textos sagrados.
- d) referia-se a um dogma da Igreja Medieval abolido pela reforma católica promovida pelo Concílio de Trento.
- e) opunha-se a um princípio defendido por heresias medievais e que foi retomado pelas reformas protestantes.

Resolução O texto transcrito opõe-se à ideia do livre-exame (livre interpretação da Bíblia), que constituiu um dos principais aspectos da Reforma Protestante. O autor defende a ideia de que cabe à Igreja — e somente a ela — interpretar os textos sagrados para os fiéis (dogmatismo).

Resposta: E

1 Quem foi João Calvino?

RESOLUÇÃO:

Calvino foi um leigo que, ao estudar Teologia, tornou-se um reformador na Suíça e desenvolveu as teorias da eleição e da predestinação.

2 Faça uma relação entre a doutrina calvinista e o capitalismo.

RESOLUÇÃO:

Segundo o pensamento calvinista, a acumulação de riquezas materiais era um forte indício da salvação divina, o que ia ao encontro dos interesses burgueses e estimulava o desenvolvimento capitalista.

3 Relacione Henrique VIII e a Igreja Anglicana com o poder real na Inglaterra.

RESOLUÇÃO:

O rei Henrique VIII precisava submeter a igreja de seu país aos interesses do Estado, por não concordar com algumas determinações da Igreja Católica. Para concretizar seu objetivo criou uma igreja nacional chamada "Anglicana".

4 O que estabeleceu o Ato de Supremacia, aprovado pelo Parlamento na Inglaterra?

RESOLUÇÃO:

Estabeleceu que o rei passaria a ser a autoridade máxima da Igreja na Inglaterra. Para obter esse documento, Henrique VIII prometeu ceder aos nobres parte dos bens eclesiásticos, pois agora ele teria poder para fazê-lo.

5 O princípio estabelecido por Calvino, em Genebra, baseava-se na predestinação, determinando que

- a) a salvação do homem depende de uma vida de prazeres.
- b) as orações e a livre interpretação da Bíblia são as únicas condições para a salvação da alma.
- c) a salvação do homem ou sua condenação é determinada por Deus e se manifesta por meio do trabalho e da riqueza.
- d) a salvação depende exclusivamente da fé.
- e) são necessárias, para a salvação, uma vida de jejuns e a crença nos santos.

RESOLUÇÃO:

O princípio da predestinação serviu para justificar a acumulação capitalista.

Resposta: C

6 (UFMG – adaptada – MODELO ENEM) – Leia estes trechos:

- I – “Assim vemos que a fé basta a um cristão. Ele não precisa de nenhuma obra para se justificar.”
- II – “O rei é o chefe supremo da Igreja [...] Nesta qualidade, o rei tem todo o poder de examinar, reprimir, corrigir [...] a fim de conservar a paz, a unidade e a tranquilidade do reino...”
- III – “Por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens são predestinados à vida eterna.”

A partir dessa leitura e considerando-se outros conhecimentos sobre o assunto, é correto afirmar que as concepções expressas nos trechos I, II e III fazem referência, respectivamente, às doutrinas

- a) católica, anglicana e ortodoxa.
- b) luterana, anglicana e calvinista.
- c) ortodoxa, luterana e católica.
- d) ortodoxa, presbiteriana e escolástica.
- e) luterana, católica e calvinista.

RESOLUÇÃO:

O fragmento I compõe uma das ideias básicas de Lutero (embora todos os demais reformadores protestantes compactuem com ela); o segundo trecho pertence ao Ato de Supremacia, que concedia ao rei Henrique VIII a última palavra sobre assuntos religiosos na Inglaterra; e o terceiro excerto apresenta a predestinação de João Calvino.

Resposta: B

- Tridentino • Jesuítas
- Santo Ofício • Livros proibidos

1. Introdução

A força dos movimentos reformistas alastrava-se por vários países da Europa, comprometendo seriamente as bases do catolicismo universal. A Alemanha, Suíça, Holanda, Inglaterra e parte da França já haviam saído da tutela de Roma.

2. A reação da Igreja Católica

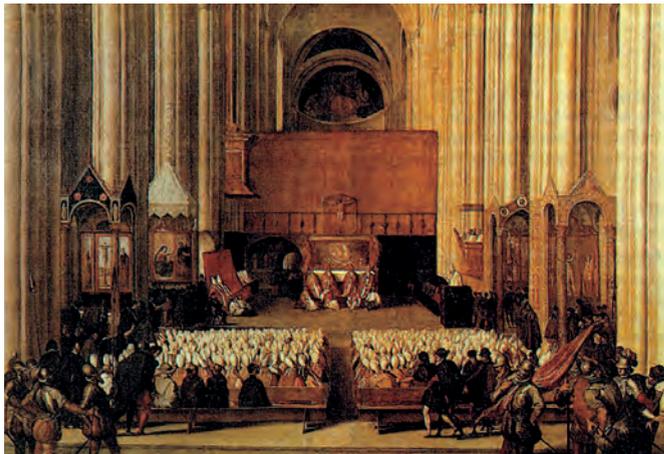
A reação da Igreja Católica foi tardia. Em 1534, o nobre espanhol Inácio de Loyola fundou a **Companhia de Jesus**, organizada sob rígidos princípios morais e militares. Oficializada em 1540 pelo papa Paulo III a fim de usá-la para garantir seus interesses no processo de



Inácio de Loyola recebendo a regra de sua ordem das mãos do papa Paulo III.

Contrarreforma, teve importante missão no processo da reação católica, buscando em várias regiões do mundo novos adeptos ao catolicismo e destacando-se, principalmente, na América, com a catequese dos índios e o monopólio da educação.

No período de 1545 a 1563, foi organizado o **Concílio de Trento** com a finalidade de: reafirmar os dogmas católicos; restaurar a autoridade papal mediante afirmação de sua infalibilidade e supremacia sobre a Igreja; moralizar o clero por meio da criação de seminários e catecismo; impedir a ingerência dos príncipes em assuntos eclesiásticos; definir os direitos e obrigações dos bispos.



A restauração da unidade religiosa e a reforma da cristandade foram realizadas pelo Concílio de Trento.



Os gentios passaram a receber a catequese, ou seja, o ensinamento dos princípios do catolicismo.

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica tomava medidas altamente repressivas contra o avanço do protestantismo, restaurando os Tribunais do Santo Ofício, em que eram julgados os cristãos acusados de não seguirem a doutrina católica, e criando o *Index Librorum Prohibitorum* (Catálogo de Livros Proibidos), com o intuito de censurar todos os livros considerados nocivos à formação de um bom católico.

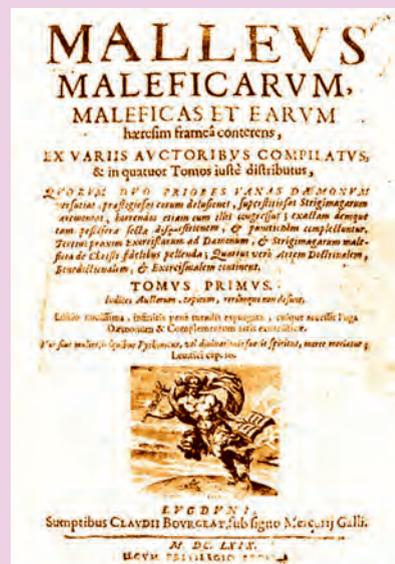
3. Cronologia do período estudado

- 1534:** Fundação da Companhia de Jesus.
- 1542:** Restabelecimento da Inquisição.
- 1545:** Abertura do Concílio de Trento.



Saiba mais

MALLEUS MALEFICARUM



Traduzido como o "Martelo das Feiticeiras", era uma espécie de manual de caça às bruxas. Apresentava uma teologia a respeito da bruxaria, além de regras para identificar a ação de uma bruxa e como neutralizá-la.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus_Maleficarum)



O Destaque

Inácio de Loyola e os Jesuítas

Militar espanhol de origem basca, teve suas pernas feridas por uma bala de canhão durante uma batalha. Enquanto convalescia, teve uma experiência religiosa baseada na leitura de livros e na meditação. Resolveu empregar sua experiência militar a serviço de Jesus, fundando a ordem jesuíta. A Companhia de Jesus – também conhecida como Sociedade de Jesus (as letras S. J. antes do nome identificam o Jesuíta) – é até hoje uma organização do tipo militar cujo comandante-geral é eleito pela ordem em caráter vitalício. Sua estrutura administrativa divide-se em províncias e casas, cujos membros proferem os votos habituais, além da obediência total ao papa e ao seu superior. Destacaram-se dos demais clérigos pela formação apurada, tornando-se grandes teólogos.

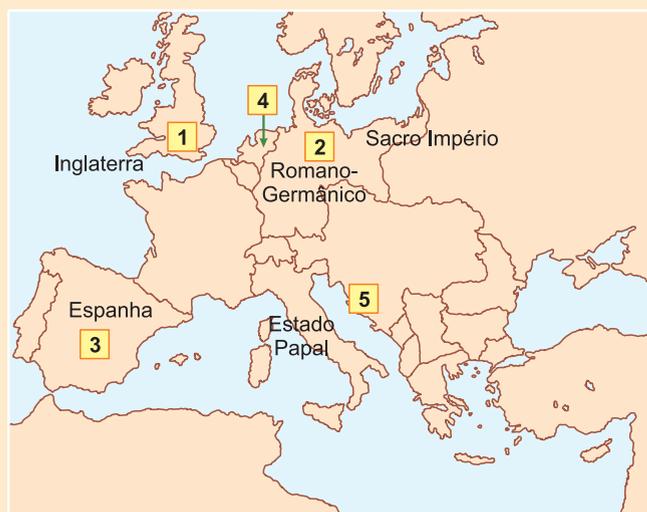


No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M302**

Exercícios Resolvidos

1 (UFRGS – MODELO ENEM) – Observe o mapa a seguir:



Mapa do Sacro Império Romano-Germânico e das divisões políticas da Europa no século XVI.

(S. Sepanek. *Os Grandes Líderes – Lutero*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.)

Em 1563, quando se encerra o Concílio de Trento, o panorama político-religioso da Europa apresenta-se conforme o mapa acima. Relacione os grupos religiosos listados a seguir com as áreas de sua maior influência, de acordo com a numeração constante no mapa.

- () católicos romanos
- () reformados anglicanos
- () reformados luteranos
- () reformados calvinistas
- () cristãos ortodoxos

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
- b) 5 – 1 – 3 – 2 – 4
- c) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
- d) 1 – 2 – 4 – 5 – 3
- e) 3 – 4 – 5 – 2 – 1

Resolução

O mapa apresenta a configuração religiosa da Europa após a ocorrência da Reforma Protestante.

Resposta: C

2 (UNIFESP – MODELO ENEM)

“Deus meu, não se cansando os hereges e os inimigos... de semear continuamente os seus erros e heresias no campo da Cristandade, com tantos e tantos livros perniciosos que são republicados a cada dia, é necessário que não se durma, mas que nos esforcemos para extirpá-los ao menos nos lugares onde isso seja possível.”

(Cardeal Roberto Bellarmino, 1614.)

Tendo em vista o contexto da época, pode-se inferir que os hereges e os inimigos aos quais o autor se refere eram, principalmente, os

- a) jansenistas e os muçulmanos.
- b) cátaros e os letrados.
- c) hussitas e os feiticeiros.
- d) anabatistas e os judeus.
- e) protestantes e os cientistas.

Resolução

O texto se refere à postura intransigente da Igreja em relação à Reforma Protestante e seus desdobramentos.

Resposta: E

1 O que foi a Contrarreforma?

RESOLUÇÃO:

Também conhecida como “Reforma Católica”, foi o movimento organizado pela Igreja Católica que produziu algumas mudanças com o objetivo de enfrentar o avanço do protestantismo.

2 Qual era o objetivo do Concílio de Trento, convocado pelo papa Paulo III?

RESOLUÇÃO:

O Concílio de Trento tinha por finalidade reafirmar os dogmas católicos; restaurar a autoridade papal; moralizar o clero por meio da criação de seminários e da elaboração de um catecismo; impedir a ingerência dos príncipes em assuntos eclesiásticos; definir os direitos e deveres dos bispos; e criar mecanismos para combater o protestantismo.

3 Qual era o papel da Inquisição?

RESOLUÇÃO:

Rebatizada de “Tribunal do Santo Ofício”, seu papel era o de preservar a ortodoxia da Igreja Católica, julgando os cristãos acusados de não seguirem a fiel doutrina da Igreja de Roma.

Obs.: Dentro da nova realidade política (afirmação do poder real sobre o espiritual), serviu de instrumento de repressão aos inimigos do Estado.

4 As ordens religiosas tiveram um grande papel na conservação e difusão da cultura durante a Idade Média. Na enumeração que se segue, entretanto, uma dessas ordens surgiu somente no século XVI, já na Idade Moderna. Assinale-a.

- a) A dos jesuítas, fundada por Inácio de Loyola.
- b) A dos beneditinos, fundada por Bento de Nursia.
- c) A dos dominicanos, fundada por Domingos de Gusmão.
- d) A dos franciscanos, fundada por Francisco de Assis.
- e) A dos carmelitas, fundada por Elias e Eliseu.

RESOLUÇÃO:

A criação da Companhia de Jesus foi fundamental para dar apoio militar ao papa e difundir o pensamento tridentino na Europa e no Novo Mundo.

Resposta: A

5 (FUVEST) – O Concílio de Trento, no conjunto de medidas adotadas pela Igreja Católica no combate à Reforma Protestante, estabeleceu a

- a) supressão da hierarquia eclesiástica.
- b) livre interpretação da Bíblia.
- c) abolição do culto aos santos.
- d) criação do Índice de Livros Proibidos.
- e) eliminação do celibato clerical.

RESOLUÇÃO:

Neste Índice, estavam os livros considerados ofensivos à hierarquia e à doutrina católica.

Resposta: D

6 Não foi um instrumento utilizado pela Reforma Católica ou Contrarreforma:

- a) a Inquisição.
- b) o Index Librorum Prohibitorum.
- c) a fundação da Companhia de Jesus.
- d) o Ato de Supremacia.
- e) o Concílio de Trento.

RESOLUÇÃO:

O Ato de Supremacia foi cedido pelo Parlamento Inglês ao rei Henrique VIII.

Resposta: D

7 (UFRS – MODELO ENEM) – A fim de reafirmar a unidade da Igreja Católica, o Papa Paulo III convocou o Concílio de Trento para organizar a Contrarreforma. Tal fato visava:

I – reafirmar que o único texto autêntico para leitura e interpretação da Bíblia era a *Vulgata* — tradução latina feita por São Jerônimo no século IV.

II – confirmar os dogmas e práticas rituais católicos tais como a presença de Cristo na Eucaristia, o culto à Virgem e aos Santos e os Sete Sacramentos.

III – manter a proibição do casamento para os padres, criando seminários para sua formação.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

As afirmativas apresentam algumas decisões do Concílio de Trento (1545-63), que faziam parte da Contrarreforma ou Reforma Católica.

Resposta: E

- Concentração de poder
- Direito divino • Direito natural

1. Introdução

De uma forma geral, todos os países da Europa Ocidental passaram pelo processo de fortalecimento do poder central no fim da Idade Média e início dos Tempos Modernos. É o caso de Portugal, Espanha, Inglaterra e França. Nesses países, a tendência à centralização ocorreu no plano nacional, isto é, as fronteiras do Estado tenderam a coincidir com os limites culturais da nação.

Itália e Alemanha, entretanto, não caminharam para a centralização do poder. Na Itália, em vez de um único Estado, houve a formação de numerosas unidades políticas, todas elas independentes e soberanas. Na Alemanha, se por um lado houve uma inclinação para o Estado do tipo nacional, representado pelo imperador, por outro acentuou-se o poder no plano local, representado pelos príncipes.

Na França, a descentralização do poder político, verificada durante grande parte da Idade Média, começou a ceder lugar à centralização do poder real, já por volta do século XII. Porém foi apenas na Idade Moderna que esse poder se fortaleceu plenamente. O caráter da centralização da monarquia francesa foi o mais típico, pois, na França medieval, o poder político adquiriu aspecto mais **pulverizado**. Foi também o Estado europeu que mais cedo retomou o caminho da centralização e aquele que conseguiu levar a monarquia à suprema manifestação: o absolutismo.

2. A centralização monárquica: a burguesia alia-se ao rei

Havia uma estreita relação entre o desenvolvimento econômico europeu, principalmente da atividade comercial, e a centralização do poder real. A crise do feudalismo obrigou a Europa a mudar sua organização para se integrar à economia de mercado, provocando o enfraquecimento da nobreza feudal ligada à terra.

Os comerciantes tinham interesse na centralização do poder político, à medida que se uniformizaram a moeda, pesos e medidas. Com isso, seriam extintos poderes locais, proporcionando condições de expansão externa, para concorrer com a burguesia de outros Estados euro-

peus. Em volta do rei, agruparam-se os mercadores de nível internacional, ligados ao comércio de importação e exportação, e os pequenos comerciantes localizados em áreas pertencentes aos domínios reais.

A burguesia urbana, ávida em obter o apoio do poder real contra os nobres e contra os entraves que eles representavam para o comércio, começou a contribuir com impostos, que passaram a constituir uma importante fonte de renda. Com o desenvolvimento das nações, as tarifas alfandegárias fortaleceram a arrecadação.

As necessidades financeiras do Estado levaram a uma política de emissão monetária que contrariava os interesses comerciais pela constante alta dos preços. Havia, entretanto, um aspecto positivo: a moeda real substituiu as moedas locais cunhadas pelos senhores feudais, dando uniformidade ao mercado monetário.

3. A Europa no início do século XVI

O Renascimento Cultural, profundamente individualista, estimulou o ideal nacional, do qual o rei era a própria representação material, visto como defensor e protetor da nação. Devemos levar em consideração que existia uma tradição de poder **hereditário**, firmado durante toda a Idade Média, quando o **poder** real não tinha existência **de fato**, mas sim **de direito**.



Os interesses da burguesia e do rei foram fundamentais na construção do Estado absolutista.



Elizabeth I, Rainha da Inglaterra, a última da dinastia Tudor.

Pulverizado: convertido em pequenos fragmentos.

Hereditário: que se transmite por herança, de pais a filhos ou de ascendentes a descendentes.

Poder de fato: poder que existe na realidade, sem a legitimação.

Poder de direito: poder que existe no plano legal, não necessariamente de fato.

No plano internacional, evidenciou-se nesse período o declínio acentuado do **poder universal**, representado pelo papado e pelo **Sacro Império**. Esse declínio resultou da Reforma religiosa do século XVI, que abalou profundamente o poder papal, limitando em muito sua pretensão de **arrogar** o poder universal, que se manifestou durante a Idade Média.

O abalo sofrido pelo poder papal com a Reforma afetou indiretamente o imperador do Sacro Império, pois seu poder político era criado pelo poder espiritual do papado por meio da **cerimônia de sagração**. A política dos príncipes alemães estava voltada para a fuga ao poder imperial e à constituição de um poder absoluto no plano local, com o apoio da burguesia. A crise do papado deu-lhes a oportunidade de se **arvorarem** em chefes de seus **príncipados**, até mesmo no plano religioso.

A falência do poder papal é, talvez, o dado mais importante do problema, porque facultava aos reis o controle das igrejas nacionais, o exercício da justiça eclesiástica (até então monopólio da Igreja) e o recebimento das rendas eclesiásticas. Os tribunais do papado, considerados pelo **direito canônico** a última instância julgadora em toda a Europa, cederam lugar aos tribunais reais, que adquiriram a primazia judicial.

4. O fortalecimento militar e a diplomacia

O rei, possuindo recursos próprios, assalariava mercenários para lutar no exército, em nome do Estado. Os batalhões de **infantes**, progressivamente, substituíram os cavaleiros no exército. As próprias cidades compareciam, armadas à própria custa, para lutar ao lado do rei. O Exército Nacional despontou. Compunha-se de mercenários, de corpos militares urbanos e de cavaleiros. O código de cavalaria, que regia os combates durante a Idade Média, desapareceu. O rei implantou a moral do interesse coletivo em substituição à moral particular típica da Idade Média.

O Exército Real era o instrumento por excelência da centralização. Era utilizado contra os nobres **recalcitrantes** em aceitar o poder do rei. Pouco a pouco, numerosos senhores foram subjugados, e o domínio real começou a se expandir.

Poder universal: poder que abarca toda a Terra, que se estende a tudo ou por toda a parte; mundial.

Sacro Império: Império fundado por Oton I, em 962, e que grosseiramente envolve a atual Alemanha e alguns países do Leste Europeu.

Arrogar: tomar como próprio; apropriar-se de algo.

Cerimônia de sagração: cerimônia religiosa que dá o caráter sagrado a alguma coisa.

Arvorar: assumir por autoridade própria qualquer título, ofício, encargo etc.

A diplomacia era outro instrumento da centralização. Os reis souberam utilizá-la com eficiência, intrigando os nobres entre si e depois anexando suas propriedades.

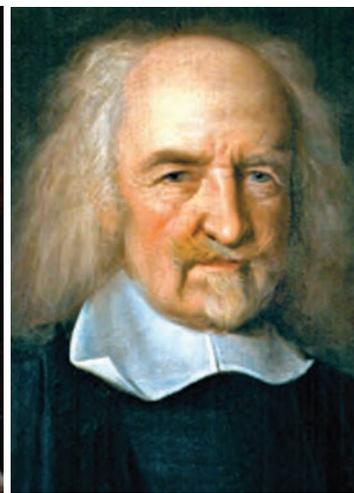
O tribunal real passou a ser considerado última instância julgadora, tornando-se superior aos tribunais feudais. Os culpados poderiam apelar para o tribunal real, e eram normalmente considerados inocentes, mediante uma contribuição em dinheiro. Assim, a justiça transformou-se em outra fonte de renda. O clero, que somente poderia ser julgado por tribunais eclesiásticos, passou a ser controlado pelo rei. As petições para julgamento em última instância no tribunal papal, que funcionava em Roma, foram canceladas.

5. A legitimação do poder absoluto

Ao mesmo tempo, o monarca procurava legitimar seu poder, estimulando o ensino universitário e os estudos das leis. Os legistas, funcionários reais, tanto se ocupavam da administração quanto escreviam as leis do reino. Interpretavam o **direito costumeiro** e estudavam o Direito Romano, procurando extrair um conjunto legal que autorizasse o rei a exercer o poder absoluto. O rei era apontado como fonte viva da lei, pela ascendência divina do seu poder.



Jacques Bossuet, autor de A Política extraída da Sagrada Escritura.



Thomas Hobbes, um dos primeiros pensadores que defendeu, em suas teorias, o absolutismo monárquico.

Principado: território ou Estado cujo soberano é um príncipe ou uma princesa.

Direito canônico: o que estabelece a ordem jurídica da Igreja Católica Apostólica Romana.

Infante: soldado de infantaria; militar que faz serviço a pé.

Recalcitrante: obstinado, teimoso, desobediente.

Direito costumeiro: direito consuetudinário; complexo de normas não escritas originárias dos usos e costumes tradicionais de um povo.

Durante os séculos XVI e XVII, diversos pensadores buscaram justificar o poder absoluto dos monarcas. A principal obra de Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, escrita para responder a um questionamento a respeito da origem e da manutenção do poder, influenciou os monarcas europeus, que a utilizaram para a defesa do absolutismo. Maquiavel defendia o Estado como um fim em si mesmo, afirmando que os soberanos poderiam utilizar-se de todos os meios — considerados lícitos ou não — que garantissem a conquista e a continuidade do seu poder. As ações do Estado eram regidas pela racionalidade, e não pela moral.

Jean Bodin, autor de *A República*, associava o Estado à própria célula familiar, colocando o poder real como ilimitado, comparado ao chefe da família.

Jacques Bossuet, contemporâneo de Luís XIV, foi o maior defensor do direito divino dos reis; em sua obra *A Política extraída da Sagrada Escritura*, afirmava que a monarquia era de origem divina, cabendo aos homens aceitar todas as decisões reais, pois questioná-las transformá-los-ia não somente em inimigos públicos, mas também em inimigos de Deus.

Thomas Hobbes, autor de *Leviatã*, proclamou que, em seu estado natural, a vida humana era “solitária, miserável, desprezível, bestial e breve”; buscando escapar da guerra de todos contra todos, os homens uniram-se em torno de um contrato para formar uma sociedade civil, legando a um soberano todos os direitos para protegê-los contra a violência.

6. Mecanismos do absolutismo

O absolutismo se insere no quadro do Antigo Regime, que por sua vez é formado por três outros elementos: o capitalismo comercial e a política mercantilista; a sociedade estamental; e o Sistema Colonial.

O soberano exercia o poder de fato e de direito, sustentando-se sobre o conflito das ordens sociais: nobreza, clero e Terceiro Estado, no qual se inseria a burguesia. As leis fundamentais do reino, costumeiras e religiosas, eram os únicos limites ao seu poder, de resto absoluto. Dessa forma, o rei baixava as leis, organizava a justiça, arrendava a cobrança de impostos, mantinha o Exército, nomeava funcionários, tudo em nome do Estado que ele representava.

A luta entre as ordens sociais foi, entretanto, o traço essencial desse fortalecimento. Talvez não fosse excessivo dizer que a monarquia nacional e o poder real resultaram desse conflito, pois, não havendo um grupo social que impusesse o seu domínio, uma pessoa conseguiu imperar sobre elas. O rei protegia o burguês, dando-lhe monopólios comerciais e industriais, arrendava os impostos e protegia-o na concorrência comercial externa e também contra os nobres e contra a Igreja. Por outro lado, resguardava as corporações de artesãos contra os empresários capitalistas, assegurando seus direitos, mas exercendo o arbítrio nos seus conflitos, o que lhe dava direito de intervenção.



Saiba mais

(ENEM)

I. Para o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), o *estado de natureza* é um *estado de guerra* universal e perpétua. Contraposto ao estado de natureza, entendido como estado de guerra, o *estado de paz* é a sociedade civilizada.

Dentre outras tendências que dialogam com as ideias de Hobbes, destaca-se a definida pelo texto abaixo.

II. *Nem todas as guerras são injustas e, correlativamente, nem toda paz é justa, razão pela qual a guerra nem sempre é um desvalor, e a paz nem sempre um valor.*

(N. Matteucci Bobbio, G. N. Pasquino. *Dicionário de Política*, 5.ª ed. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.)

Comparando as ideias de Hobbes (texto I) com a tendência citada no texto II, pode-se afirmar:

- Em ambos, a guerra é entendida como inevitável e injusta.
- Para Hobbes, a paz é inerente à civilização e, segundo o texto II, ela não é um valor absoluto.
- De acordo com Hobbes, a guerra é um valor absoluto e, segundo o texto II, a paz é sempre melhor que a guerra.
- Em ambos, a guerra ou a paz são boas quando o fim é justo.
- Para Hobbes, a paz liga-se à natureza e, de acordo com o texto II, à civilização.

Resolução

Segundo Hobbes, que defende o absolutismo em seu livro *Leviatã*, o Estado, resultante do contrato social feito pelos homens primitivos, daria à sociedade estabilidade e segurança, ou seja, a paz, considerada como o supremo objetivo social. Já Bobbio e seus colaboradores estabelecem um juízo valorativo que relativiza os conceitos de “guerra” e “paz” dentro de uma perspectiva ética (ou seja, tomando como referencial determinados valores morais).

Resposta: B



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M303**

A nobreza tinha um nível de vida elevado – despesas com vestuário, habitação e festas –, o que consumia suas rendas diminuídas pela inflação. Por isso, era obrigada a aproximar-se do rei para se manter, obtendo dele pensões para os filhos, postos de chefia na guarda real e nas praças-fortes e o direito de governar províncias. O nobre **cortesão** dependia economicamente do rei e, só a ele recorrendo, podia opor-se à burguesia.

As guerras acentuaram o sentimento de amor à pátria; o rei era seu defensor, uma espécie de herói nacional cultivado pelo humanismo, herdeiro das tradições cavaleirescas cristãs. A concorrência comercial com outros países e a disputa dos mercados coloniais aguçaram ainda mais as rivalidades nacionais, contribuindo para o fortalecimento do poder real.

Foi durante o século XVI que o absolutismo ficou caracterizado em alguns países da Europa, como, por exemplo, a Espanha e a Inglaterra. Na França, esse processo foi retardado, primeiro pelas questões internacionais e depois pelas guerras religiosas. Não obstante, foi na França que o absolutismo atingiu sua expressão máxima, na pessoa de Luís XIV, o protótipo do rei absoluto, durante o século XVII.

No século XVIII, o absolutismo tornou-se decadente e foi substituído, em termos de rotulação, pelo **despotismo esclarecido**. O absolutismo adotou, então, algumas ideias iluministas em seu discurso para modernizar-se e tentar sobreviver. Esse processo ficou conhecido como **reformismo ilustrado** e vigorou até o início dos movimentos revolucionários no final daquele século. No transcorrer do século seguinte, esses movimentos colocaram um fim ao Antigo Regime em vários países da Europa.



Exercícios Resolvidos

1 (UNIFESP – MODELO ENEM) – “O fim último, causa final e desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de sair daquela mísera condição de guerra que é a consequência necessária (conforme se mostrou) das paixões naturais dos homens, quando não há um poder visível capaz de os manter em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito àquelas leis de natureza.”

(Thomas Hobbes, 1588-1679).

“Leviatã”. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.)

“O príncipe não precisa ser piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso, bastando que aparente possuir tais qualidades (...). O príncipe não deve se desviar do bem, mas deve estar sempre pronto a fazer o mal, se necessário.”

(Nicolau Maquiavel, 1469-1527. “O Príncipe”. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1986.)

Os dois fragmentos ilustram visões diferentes do Estado moderno. É possível afirmar que

a) ambos defendem o absolutismo, mas Hobbes vê o Estado como uma forma de proteger os homens de sua própria periculosidade, e Maquiavel se preocupa em orientar o governante sobre a forma adequada de usar seu poder.

- b) Hobbes defende o absolutismo, por tomá-lo como a melhor forma de assegurar a paz, e Maquiavel o recusa, por não aceitar que um governante deva se comportar apenas para realizar o bem da sociedade.
- c) ambos rejeitam o absolutismo, por considerarem que ele impede o bem público e a democracia, valores que jamais podem ser sacrificados e que fundamentam a vida em sociedade.
- d) Maquiavel defende o absolutismo, por acreditar que os fins positivos das ações dos governantes justificam seus meios violentos, e Hobbes o recusa, por acreditar que o Estado impede os homens de viverem de maneira harmoniosa.
- e) ambos defendem o absolutismo, mas Maquiavel acredita que o poder deve se concentrar nas mãos de uma só pessoa, e Hobbes insiste na necessidade de a sociedade participar diretamente das decisões do soberano.

Resolução

Maquiavel (*O Príncipe*) e Hobbes (*Leviatã*) estão entre os principais teóricos do absolutismo da Idade Moderna: o primeiro justifica-o pela razão de Estado; o segundo, como o resultado da cessação dos direitos individuais a uma entidade — o Estado, personificado no Rei — incumbida de preservar a segurança de todos.

Resposta: A

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – Exigiram também que a arrecadação fosse confiada a seus eleitos e o delfim concordou, com mais boa vontade, já que as comunidades tornavam-se, desse modo, responsáveis pela arrecadação.

Assim, foi criado o hábito do imposto. Não sem protesto de ambas as partes, a quantia era concedida apenas por certo tempo e para um objetivo determinado. No meio do século XV, o imposto torna-se praticamente permanente.

(Philippe Wolff – “Outono da Idade Média”)

Dentre as características gerais dos Estados Modernos europeus, no período compreendido entre os séculos XV e XVIII, podemos destacar

- a) a formação de uma burocracia composta por nobres no poder e descentralização administrativa e monetária.
- b) o fortalecimento dos poderes locais e da justiça senhorial, para custear as despesas com o exército.
- c) a autonomia, pelas unidades feudais, depois do século XV, nos sistemas de pesos, moedas e medidas.
- d) a defesa, pela justiça real, das necessidades de um governo democrático, com vistas à manutenção da paz e da ordem.
- e) a justificativa do poder do soberano, legitimada pela Teoria do Direito Divino dos Reis.

Resolução

Dentre as características dos Estados modernos absolutistas, podemos destacar a excessiva centralização dos poderes nas mãos do monarca. Para Jacques Bossuet, em sua obra *A Política segundo as Sagradas Escrituras*, o poder absoluto do rei emanava de Deus, resultando em uma das teorias que justificavam o poder real na Época Moderna.

Resposta: E

Cortesão: relativo ou pertencente à corte; adulator, bajulador.

Despotismo esclarecido: regime de governo típico do século XVIII, em que os governantes tentavam associar as ideias iluministas com os princípios absolutistas.

1 Que importância tiveram os pensadores, nos séculos XVI e XVII, para os monarcas europeus?

RESOLUÇÃO:

Os pensadores desse período procuravam justificar e legitimar o poder absoluto dos monarcas europeus.

2 De que forma as lutas entre as ordens sociais, na Época Moderna, favoreceram o absolutismo monárquico?

RESOLUÇÃO:

As lutas neutralizavam as duas ordens (nobreza decadente e burguesia ascendente), pois impediam que uma delas impusesse o seu controle político sobre a nação, facilitando ao rei estabelecer seu domínio sobre todos.

3 O que retardou a formação do absolutismo na França?

RESOLUÇÃO:

Externamente, o envolvimento do país na Guerra dos Cem Anos e, internamente, a divisão da população entre papistas e huguenotes no contexto das guerras de religião.

4 Quando se fala em Estado Nacional, na Época Moderna, pensa-se no absolutismo, que

- (0) retratava um regime político no qual o monarca concentrava em suas mãos muitas formas de poder.
- (1) refletia um precário equilíbrio de classes entre burguesia e nobreza.
- (2) foi justificado por vários pensadores, entre os quais se destacam os defensores da Teoria do Direito Divino.
- (3) encontrou na burguesia industrial seu mais importante aliado.
- (4) continuou a existir nos países onde ocorreram as revoluções burguesas.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (1) e (2).

Itens falsos: (3) A burguesia comercial foi a sua base.

(4) As revoluções burguesas colocaram um fim no absolutismo.

5 Durante o período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, as monarquias europeias tinham em comum as seguintes características:

- a) o caráter despótico, de origem popular, do poder real, a autonomia do Legislativo e o predomínio dos princípios políticos do iluminismo.
- b) o poder soberano do monarca, a centralização administrativa, a sociedade de ordens e o triunfo do princípio da "razão de Estado".
- c) o direito régio de impor tributos, a igualdade política dos cidadãos e a incessante resistência da nobreza em defesa de suas "liberdades".
- d) a justiça independente, a autonomia dos conselhos gerais e provinciais e a limitação do exercício do poder absoluto por meio das diversas constituições escritas.
- e) o caráter multinacional dos Estados, uma burocracia constituída de oficiais e comissários e o respeito ao princípio do direito divino como garantia da legitimação do poder real.

RESOLUÇÃO:

As monarquias europeias eram absolutistas e apresentavam, como características: caráter centralizador, submissão das ordens sociais e justificativa racional do poder ilimitado dos reis.

Resposta: B

6 (FGV – MODELO ENEM) – "O fim último, causa final de desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos, sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de sair daquela mísera condição de guerra que é a consequência necessária (...) das paixões naturais dos homens, quando não há um poder visível capaz de os manter em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito àquelas leis da natureza (...)"

(Thomas Hobbes. *Leviatã*)

A partir do texto acima, podemos afirmar:

- a) O fim último dos homens é a vida em liberdade e a guerra social.
- b) Para terem uma vida mais satisfeita e cuidarem de sua conservação, os homens têm que dominar uns aos outros.
- c) Por amar a liberdade, o homem tem que sair da condição de guerra, consolidando leis de forma democrática.
- d) Para se conservarem, os homens restringem a própria liberdade.
- e) A democracia, como forma de governo, é a única garantia da conservação dos homens frente ao estado de guerra total.

RESOLUÇÃO:

De acordo com o pensamento de Hobbes, os homens são naturalmente inaptos para a vida social, a menos que constituam uma autoridade à qual entreguem sua liberdade em troca de segurança; essa autoridade (Leviatã) é o Estado absolutista.

Resposta: D

- Capitalismo comercial
- Metalismo • Intervencionismo

1. Introdução

Crise de desenvolvimento

Após a violenta **crise do século XIV**, a Europa foi obrigada a adaptar-se a novas condições econômicas. A necessidade de restaurar os campos e atender ao mercado urbano obrigou o homem do século XV a aperfeiçoar suas técnicas, para satisfazer uma sociedade urbana renovada, cada vez mais exigente em suas necessidades. As técnicas agrícolas, que evoluíram lentamente durante a Idade Média, aperfeiçoaram-se rapidamente, dirigidas por uma nova mentalidade, que procurava no crescimento do mercado maiores lucros.

Ao mesmo tempo, a produção urbana ganhou impulso com o aperfeiçoamento de novas técnicas: a produção têxtil modernizou-se com a invenção da roda de fiar; a substituição da força humana pela força hidráulica, nos foles da **forja**, provocou uma verdadeira revolução na fundição, impulsionando o desenvolvimento da metalurgia; as técnicas comerciais progrediram com a fabricação de novos tipos de navios, que dilataram sobremaneira o horizonte europeu.

As arcaicas estruturas das corporações de ofício não conseguiram mais se adaptar às condições modernas. O surgimento de novas empresas provocou a separação entre os capitalistas, proprietários das ferramentas e instalações, e os operários, que detinham apenas a força de trabalho, recebendo baixos salários e sujeitando-se aos azares do desemprego e dos acidentes. Ao mesmo tempo, a produção doméstica, que surgiu inicialmente com a tecelagem da lã, estendeu-se a outros campos da produção.

A organização capitalista atingiu profundamente quase todas as classes da sociedade urbana. As práticas bancárias, originadas das grandes cidades italianas, difundiram-se rapidamente, permitindo que a facilidade do crédito, aperfeiçoado pelo uso da **letra de câmbio**, superasse o **marasmo** provocado pela dificuldade na emissão de moedas, em razão da escassez de metais preciosos.

Foi, porém, no decurso dos séculos XV e XVI que se deu a mais espetacular retomada da dinâmica do capitalismo. O movimento expansionista conduziu a Europa à descoberta de novas rotas e novas terras. A **Revolução**



Francis Drake, que se transformou em uma lenda em razão dos ataques aos galeões espanhóis repletos de prata e ouro.

Comercial atingiu sua maior amplitude, com os mercados portugueses e espanhóis, que tentavam tomar parte no lucrativo comércio de especiarias orientais e superar o monopólio exercido pelas cidades italianas.

Após um período de exploração comercial nas regiões do Oriente, Portugal voltou-se para a exploração agrícola do Brasil, enquanto a viagem do italiano Cristóvão Colombo, em 1492, garantiu à Espanha a conquista e a exploração das ricas minas de ouro e prata dos astecas, no México, e dos incas, no Peru.

2. Princípios básicos do mercantilismo

No século XVI, a maioria dos Estados europeus já demonstrava preocupação com o aumento do poder real, fundamentado no **intervencionismo** econômico.

Em toda parte, os governos dedicavam maior atenção ao controle dos numerários. A maioria dos financistas acreditava que a acumulação de moedas dentro do país era sinônimo de riqueza, criando condições para o investimento nas produções agrícola e industrial e no comércio, o que aumentava a capacidade tributária da população. Assim, na tentativa de aumentar as reservas

Crise do século XIV: trilogia formada pela Guerra dos Cem Anos, Peste Negra e fome, que provocou a retração no modo de produção capitalista.

Forja: conjunto de fornalha, fole e bigorna do qual se utilizam no seu ofício os ferreiros e outros artífices que trabalham com metal.

Letra de câmbio: título de crédito formal e completo, ao portador ou

nominativo, circulável por meio do endosso em que alguém (sacador) ordena a outrem (sacado) que pague a um terceiro (tomador), em certo tempo e lugar, determinada quantia.

Marasmo: falta de atividade; paralisação, estagnação.

Intervencionismo: doutrina ou política que preconizava a intervenção de um Estado nos negócios internos ou particulares de outros.

monetárias (**metalismo**), os governos mercantilistas procuraram estimular uma balança comercial favorável.

Nesse momento, perceberam a necessidade de manter a **balança comercial favorável**, única maneira de evitar o extravasamento monetário, que provocaria uma profunda crise na produção. O desenvolvimento econômico de um Estado era percebido sempre em comparação a outros. Predominava a noção de um mercado **inelástico**, isto é, se um país aumentasse suas exportações, os demais veriam diminuída sua quota-parte. O enriquecimento de um país tinha como contrapartida o empobrecimento de outros; assim, a balança comercial tornou-se o verdadeiro termômetro do desenvolvimento econômico.

A maior intervenção do Estado na economia resultou no **protecionismo**, que conduziu a diversas restrições no mercado: proibiu-se a importação de mercadorias que concorressem com artigos produzidos internamente, principalmente produtos indispensáveis à indústria do Estado; impediu-se a saída de matéria-prima que pudesse estimular indústrias em outros países; não se permitiu a saída de produtos alimentícios, normalmente deficitários.

A legislação protecionista também se estendeu a outros setores: os salários foram mantidos baixos, bem como os lucros dos proprietários rurais; adotou-se uma política de estímulo à natalidade, que visava baratear a mão de obra, aumentando o consumo interno e a força militar do país; estimulou-se a emigração como um meio de povoar as colônias, desenvolvendo a produção e o consumo; recorreu-se à imigração como um meio de aprimoramento da técnica artesanal, pois os artesãos estrangeiros contribuiriam para melhorar o nível de trabalho; o crédito foi facilitado, cobrando-se uma taxa de juros reduzida para incentivar os investimentos industriais e agrícolas.

No plano mais geral, buscava-se a uniformização interna do Estado por meio de: redução das barreiras e pedágios; abertura de estradas e construção de portos; uniformização de pesos, medidas e moedas; código de leis adequado ao desenvolvimento econômico. Até mesmo a religião esteve sob controle do Estado, acompanhando suas necessidades econômicas e políticas, pois, enquanto o protestantismo estimulou o acúmulo de riquezas, o catolicismo ofereceu aos reis a origem divina do poder, que legalizava seu absolutismo.

O **monopólio**, elemento essencial do protecionismo, era concedido pelo rei mediante um pagamento.

Internamente, o monarca concedia a exclusividade do mercado ou de produtos a particulares ou a grupos e, externamente, cedia o direito de compra e revenda dos produtos coloniais, bem como o fornecimento de produtos metropolitanos consumidos pela colônia. Dessa forma, o Estado era fortalecido e a burguesia mercantil enriquecia-se com um duplo lucro, na hora da compra e na hora da venda.

3. O mercantilismo e o Sistema Colonial

A montagem do sistema colonial no continente americano foi orientada pelos rígidos princípios da política econômica mercantilista. À medida que as colônias constituíam um apêndice da metrópole, a forma de relacionamento existente apoiava-se na relação de exclusividade, visando a atender aos interesses tanto do Estado quanto da burguesia comercial europeia.

O Sistema Colonial tornou-se a peça mais importante neste conjunto, passando a ser o componente fundamental do Antigo Regime, ao lado do absolutismo, da sociedade estamental, do capitalismo comercial e da política mercantilista.

Dessa forma, entendemos que o Sistema Colonial tinha como objetivo **precípua** enriquecer a burguesia por intermédio do Estado, seguindo o princípio do monopólio e do protecionismo. Os exemplos mais típicos são o Brasil e a América Espanhola.

O **Pacto Colonial** era um conjunto de relações de dominação e subordinação entre metrópole e colônia. Na área econômica, era fundamentado no regime do monopólio, forçando a colônia a vender seus produtos por preços baixos e reservando aos empresários da metrópole a venda de produtos manufaturados nas colônias. Esses comerciantes obtinham grande lucro com a revenda dos produtos coloniais na Europa e com a imposição aos colonos de um preço elevado sobre os produtos metropolitanos.

Até a maneira pela qual se organizava a produção era determinada pelo Estado metropolitano, que, buscando sempre maiores vantagens, fez ressurgir nas áreas coloniais o escravismo em bases capitalistas. Assim, o **tráfico negreiro** tornou-se uma extraordinária fonte de riqueza, fortalecendo sobremaneira a burguesia e acentuando o processo de acumulação de capitais.

Inelástico: sem elasticidade; rígido; inflexível.

Precípua: principal; essencial.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M304**

Exercícios Resolvidos

1 (CESGRANRIO – MODELO ENEM) – O mercantilismo, enquanto conjunto de ideias e práticas econômicas dos Estados modernos europeus, caracteriza-se:

- I – pela política da balança comercial favorável;
- II – pelo protecionismo às manufaturas do próprio país;
- III – pelo estímulo ao crescimento populacional, "fonte maior de riquezas das nações";
- IV – pelo "exclusivo colonial", que estabelecia o monopólio sobre o comércio da colônia.

Assinale se estão corretas apenas:

- a) I e II
- b) I e III
- c) I, II e IV
- d) I, III e IV
- e) II, III e IV

Resolução

A afirmativa III está incorreta, porque no mercantilismo não havia nenhuma relação entre a riqueza e o tamanho da população do país.

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – Na época do mercantilismo, as relações econômicas possuíam o seguinte funcionamento: a colônia estava sempre forçada a vender seus produtos a preços estabelecidos e em lugares indicados pela metrópole. A colônia tinha de aceitar a venda de seus produtos a preços vis, sem discussão, nem escapatória possíveis, porque estava proibida de vendê-los a outros mercados e, além disso, não lhe era permitido valorizar seus produtos primários mediante transformação industrial.

Nesse sentido, havia toda uma série de medidas severamente aplicadas a fim de que a colônia jamais pudesse reagir contra as restrições impostas.

A descrição refere-se a qual característica do mercantilismo?

- a) Metalismo.
- b) Pacto Colonial.
- c) Protecionismo.
- d) Liberalismo.
- e) Monopólio.

Resolução

O texto apresenta as características do Pacto Colonial, cujo objetivo é manter a balança comercial favorável para a metrópole e assim auxiliar na acumulação metalista.

Resposta: B

Exercícios Propostos

1 Qual a importância das colônias no contexto mercantilista europeu?

RESOLUÇÃO:

As colônias constituíram a peça mais importante da política econômica mercantilista, pois sua exploração permitiu o enriquecimento da burguesia e a acumulação de capitais nas metrópoles.

2 O mercantilismo caracterizou-se como uma política de intervenção do Estado na economia, o que contribuiu

- a) para o fortalecimento do poder das monarquias nacionais.
- b) para a consolidação do sistema feudal.
- c) para a eliminação das restrições monopolistas.
- d) para a decadência do sistema colonial.
- e) para a extinção da política protecionista pelas monarquias nacionais.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo estabeleceu as regras de funcionamento da economia e a garantia de maior arrecadação de impostos sobre as atividades econômicas.

Resposta: A

3 O mercantilismo teve como características básicas: (0) o pressuposto de que riqueza nacional e fortalecimento do Estado estão associados.

- (1) o intervencionismo do Estado na economia, que demonstrava o controle do rei sobre as atividades mercantis.
- (2) o objetivo de assegurar à nobreza decadente condições de manter sua predominância econômica.
- (3) o pacto colonial que permitia aos colonos negociarem livremente com outros países.
- (4) o colonialismo, dentro da ideia de procurar a autarquia econômica da metrópole.
- (5) o princípio de que a riqueza era estática e que não poderia ser ampliada pelo trabalho humano.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (1), (4) e (5).

Itens falsos: (2) Economicamente, o mercantilismo garantia o enriquecimento da burguesia comercial.

(3) O pacto colonial dava à metrópole a exclusividade sobre o comércio colonial.

4 São características da política econômica mercantilista, exceto

- a) balança comercial favorável.
- b) metalismo.
- c) livre-cambismo.
- d) intervencionismo estatal.
- e) monopólio.

RESOLUÇÃO:

O livre-comércio sem tarifas protecionistas é uma característica do liberalismo.

Resposta: C

- 5 (FGV) – O mercantilismo correspondeu a
- um conjunto de práticas e ideias econômicas baseadas em princípios protecionistas.
 - uma teoria econômica defensora das livres práticas comerciais entre os diversos países.
 - um movimento do século XVII que defendia a mercantilização dos escravos africanos.
 - uma doutrina econômica defensora da não intervenção do Estado na economia.
 - uma política econômica, especificamente ibérica, de defesa de seus interesses coloniais.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo foi um conjunto de normas e práticas econômicas típicas do Estado Moderno e tinha como uma de suas características o protecionismo.

Resposta: A

- 6 (FUVEST – MODELO ENEM) – "Da armada dependem as colônias, das colônias depende o comércio, do comércio, a capacidade de um Estado manter exércitos numerosos, aumentar a sua população e tornar possíveis as mais gloriosas e úteis empresas."

Essa afirmação do duque de Choiseul (1719-1785) expressa bem a natureza e o caráter do

- Liberalismo.
- Feudalismo.
- Mercantilismo.
- Escravidismo.
- Corporativismo.

RESOLUÇÃO:

O texto reúne alguns dos principais elementos constitutivos da política econômica mercantilista: o poder do Estado (representado pelo Exército e pela Marinha de Guerra), o comércio como principal atividade econômica e a exploração das colônias em regime de monopólio (implícito na referência à importância da Armada para a defesa das possessões coloniais). Adicionalmente, deve-se considerar o crescimento demográfico metropolitano como fator de fortalecimento do país, na concepção dos mercantilistas.

Resposta: C

Módulo

37

Os tipos de mercantilismo

Palavras-chave:

• Bulionismo • Colbertismo

1. Origens e conceito

As práticas de regulamentação da economia, nas cidades da Baixa Idade Média, em muito influenciaram as atividades mercantilistas pela ação do intervencionismo exercido sobre elas.

Em termos de doutrina econômica, o mercantilismo estendeu-se do século XVII até o século XVIII ou, mais precisamente, da publicação de uma obra sobre os princípios gerais do mercantilismo, por Antônio Serra, na Itália, em 1613, até a publicação da obra de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, na Inglaterra, em 1776, que pôs fim ao mercantilismo e deu início a um período marcado pelo **liberalismo** econômico. Entretanto, nunca houve uma consciência clara e precisa do que era a política mercantilista, definida apenas nos finais do século XVIII pelos pensadores **iluministas** da França, de maneira **pejorativa**, pois abominavam as suas práticas.

O mercantilismo está estreitamente ligado ao processo de formação das monarquias nacionais europeias, considerado como uma **política econômica** do capitalismo comercial a serviço do Estado Moderno, um

verdadeiro **nacionalismo** econômico. Dessa forma, a produção era obtida pelo trabalho assalariado e a acumulação de capital se dava pela atividade comercial. O comércio centralizava os interesses econômicos, sendo a agricultura e a indústria atividades acessórias e dependentes.

O desenvolvimento da política econômica mercantilista tornou imprescindível a formação de uma monarquia absolutista em lugar da frágil estrutura descentralizada do feudalismo. A participação da burguesia no processo de fortalecimento do Estado foi essencial, em razão do amplo apoio financeiro concedido ao monarca, pois a existência de um rei forte e empreendedor incrementaria o ativo comércio do reino, atendendo ao mesmo tempo à burguesia mercantil, subordinada aos interesses e favores do rei.

2. O mercantilismo no século XVI

A principal consequência das **Grandes Navegações** foi a descoberta de uma imensa quantidade de ouro e prata pelos espanhóis, nas minas do México, Peru e Bolívia, que provocou um assombroso aumento na circulação de

cena ou desagradável.

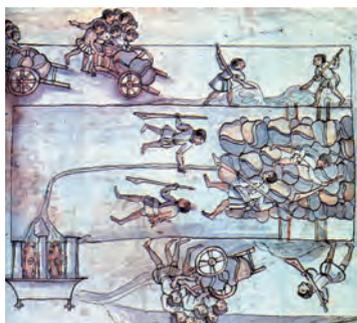
Política econômica: meio pelo qual um governo busca regular ou modificar os negócios econômicos de uma nação.

Nacionalismo: doutrina baseada no sentimento patriótico e que subordina toda a política interna de um país ao desenvolvimento do poderio nacional.

Liberalismo: doutrina política que preconizava uma série de liberdades sociais e individuais, estabelecendo limites à autoridade do Estado, que devia estar submisso às leis.

Iluminista: partidário da Filosofia das Luzes, que propagava as ideias liberais em oposição ao Antigo Regime.

Pejorativo: vocábulo que adquiriu ou tende a adquirir significação obs-



A exploração das minas pelos nativos da América levou ao enriquecimento espanhol.



O comércio de escravos foi fundamental para o mercantilismo.

Espanhol e pela supremacia marítima. Os gastos com a mobilização de exércitos e com a equipagem dos navios tornaram mister o controle quase total da economia pelo Estado, estruturado em um rigoroso intervencionismo, destacando-se a criação de inúmeras companhias de comércio.

No início do século XVII, a baixa produção das minas na América Espanhola, o entesouramento dos metais e o provável acúmulo de riquezas nos **Países Baixos** provocaram uma profunda recessão econômica, multiplicando-se a miséria e o desemprego na Europa.

metais preciosos na Europa. Calcula-se que de 1521 a 1600 foram transportadas da América, pelos espanhóis, mais de 18.000 toneladas de prata e cerca de 200 toneladas de ouro, segundo dados oficiais. Na circulação europeia, entraram também os tributos pagos pelos países orientais e o ouro extraído pelos portugueses na África.

A preocupação das grandes monarquias europeias do século XVI com maior ou menor intensidade foi controlar as saídas de **numerário**, utilizando as vias do intervencionismo econômico. Na Inglaterra e na França, as disposições feitas pelo governo para controlar a saída de metais preciosos redundaram em completo fracasso. Da mesma forma, apesar das rigorosas proibições de seus reis, a Espanha viu sua prata e seu ouro espalharem-se por toda a Europa Ocidental.

O aumento dessa excessiva circulação produziu profundas desordens monetárias, gerando a **inflação** da moeda. Como os países ibéricos possuíam a maioria dos metais amoadados e consumiam produtos em larga escala, os demais países europeus adaptaram-se, a fim de tirar vantagens dessa situação. Entre 1540 e 1640, a enorme circulação de metais ibéricos pela Europa provocou uma violenta alta dos preços e salários, quadruplicando os preços dos produtos, o que ficou conhecido por **Revolução dos Preços**.

A prática mercantilista realizada pelos espanhóis foi a forma mais antiga e tradicional de Mercantilismo, denominada **bulionismo** ou **metalismo**, e caracterizou-se pela acumulação de metais preciosos (entesouramento).

3. O mercantilismo no século XVII

A Inglaterra e a França foram os dois únicos Estados, no século XVII, a desenvolver uma eficiente política mercantilista. Apesar de envolvidos em profundos conflitos internacionais, os monarcas conduziram sua política econômica em disputas pela exploração das riquezas do Império

4. O luxo francês

Por causa do caráter absolutista do governo de Luís XIV, a política econômica na França foi colocada em prática pelo chefe do ministério, Jean-Baptiste Colbert, que via no mercantilismo "não um fim em si mesmo, mas o meio mais conveniente de aumentar a riqueza e o poder do Estado".

Colbert tinha plena certeza de que a riqueza de um país dependia da quantidade de ouro e prata acumulados, a ponto de afirmar que os metais constituíam "o sangue da economia, o sangue do próprio Estado". Por essa razão, adotou uma série de medidas, tais como: a proibição à exportação de metais; o desenvolvimento da navegação; o crescimento do Império Colonial Francês, buscando melhorar a **balança comercial**; a criação de várias companhias de comércio.

Os franceses apoiaram suas atividades comerciais na produção de artigos de luxo destinados à exportação e também de seus produtos agrícolas. Assim, o mercantilismo francês mereceu a rotulação de essencialmente **industrial**, denominando-se **colbertismo**.

Apesar de todo o incentivo dado ao desenvolvimento das indústrias nacionais, consistente na importação de mão de obra especializada e nos **subsídios** concedidos às empresas privadas, a **carestia** dos produtos industriais, fruto das constantes guerras empreendidas pelo monarca Luís XIV, o Rei-Sol, acabou debilitando a economia



Luís XIV em visita a uma manufatura.



Aspecto de Amsterdã em meados do século XVII.

Numerário: quantidade de moeda circulante no país.

Inflação: desequilíbrio do sistema monetário, decorrente da redução do poder aquisitivo da moeda e simultânea alta geral dos preços.

Países Baixos: Holanda e Bélgica.

Balança comercial: relação das operações de importação e exportação de um país, para determinar o saldo em um certo período.

Subsídio: quantia que o Estado arbitra ou subscreve para as obras de interesse público; subvenção.

Carestia: alta dos preços; encarecimento.

francesa. Entretanto, apesar das profundas críticas tecidas pelos economistas liberais contra Colbert logo após sua morte, subsistiu na França uma marinha reconstituída, uma legislação comercial mais atualizada e uma moderna e próspera tecelagem.

A historiografia atual reconhece o gênio de Colbert, justificando os limites de sua obra em razão das instituições e das ideias de seu tempo.

5. Inglaterra: a poderosa rainha dos mares

O mercantilismo na Inglaterra originou-se no século XIII, com a adoção de medidas de proteção à indústria da lã; nos séculos XIV e XV, foram impostos obstáculos à circulação e ao tráfego de navios estrangeiros nos portos britânicos. Foi, porém, no século XVII que o mercantilismo emergiu com profundo vigor, como elemento de defesa nacional contra as ameaças exteriores.

A Inglaterra protestante utilizou-se da bandeira religiosa como pretexto para sua ofensiva mercantil nas campanhas contra a Espanha, de Filipe II, e a França, de Luís XIV. De fato, os ingleses, possuidores de excelente marinha mercante e de guerra, além de contratarem os serviços de barcos piratas, então chamados corsários, aumentaram sua riqueza por meio do comércio internacional de mercadorias.

Os **Atos de Navegação**, de 1651, promulgados no governo de Oliver Cromwell, tinham por objetivo anular a supremacia holandesa no comércio e transporte de mercadorias, visando a assegurar esta posição para a Inglaterra. Esse desenvolvimento estimulou a indústria, principalmente de tecidos, que aos poucos passou a igualar-se em importância e mesmo a substituir o comércio. Dessa forma, o mercantilismo praticado pela Inglaterra pode ser chamado, primeiramente, de **comercial** e, por último, de **industrial**.



Manual Náutico holandês traduzido para o inglês.



A ilustração do século XVI mostra os indígenas mexicanos fugindo da dominação espanhola.

6. Os inovadores comerciantes flamengos

Nos Países Baixos, as atividades comerciais e a indústria têxtil eram as mais antigas da Europa, ganhando maior impulso com a chegada, após 1580, de numerosos judeus portugueses e espanhóis convertidos ao cristianismo, que traziam consigo vultosos capitais e sofisticadas técnicas artesanais.

A grande inovação do gênio **flamengo** foi a criação de companhias de navegação, que colocavam a Europa em contato com os mercados produtores de especiarias no Oriente. Eram apoiadas pelo Estado, com o qual praticamente se confundiam, e pelo Banco de Amsterdã, criado para financiar suas atividades. A Companhia das Índias Orientais, criada em 1602, teve tal êxito que logo proliferaram companhias de comércio por toda a Europa, principalmente na Inglaterra.

A singularidade das práticas econômicas deu-se com a defesa dos princípios de liberdade dos mares e das atividades comerciais. Os mercadores e os banqueiros interessavam-se mais pelo comércio internacional e pela reexportação do que pela produção nacional. O mercantilismo praticado pelos Países Baixos desenvolveu-se de forma incompleta, defendendo a liberdade de fabricação e de comércio, tendo uma conotação de mercantilismo misto, **industrial** e **comercial**.

7. O mercantilismo à luz do liberalismo

Acima de tudo, o mercantilismo constituiu uma política econômica a serviço do Estado, um “sistema de poder”, uma política de unificação nacional. Ao mesmo tempo, favoreceu as empresas dos mercadores e dos manufatureiros e possibilitou amplamente a formação de uma corte e de uma administração dispendiosa.

No século XVIII, porém, ao ritmo das transformações que se operavam na Europa, marcada pelas reações burguesas contra o egoísmo da razão estatal e pelas críticas do pensamento liberal, o mercantilismo começou a envelhecer rapidamente. A mentalidade dos economistas dessa época deu início a um período caracterizado pela liberdade econômica, opondo-se a qualquer forma de regulamentação.

Flamengo: pertencente ou relativo a Flandres, região que corresponde à Holanda e à Bélgica atuais.

8. Cronologia do período estudado

1492: Descobrimto das Antilhas por Cristóvão Colombo.

Século XVI: Preponderância do metalismo.

1557: Bancarrotas e crise financeira internacional.

Século XVII: Predomínio do comércio.

1602: Fundação da Companhia das Índias Orientais dos Países Baixos.

1609: Criação do Banco de Amsterdã.

1651: Decretação do primeiro Ato de Navegação na Inglaterra.

1669: Regulamentação de Colbert concernente à tecelagem.

Século XVIII: Início do liberalismo econômico.



Navios da Companhia Inglesa das Índias Orientais.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M305**

Exercícios Resolvidos

1 (UFRGS – MODELO ENEM) – Leia a seguir um trecho do relatório elaborado pelo embaixador veneziano Giustiniani no período em que serviu na França.

"Seu objetivo era tornar o país inteiro superior a qualquer outro em opulência, abundante em mercadorias, rico em manufaturas e fecundo em bens de todo tipo, não tendo necessidade de nada e dispensando todas as coisas dos outros Estados. Em consequência, ele nada negligencia a fim de aclimatar na França as melhores indústrias de cada país e impede por diversas medidas os outros Estados de introduzir seus produtos no reino [...]. Quanto mais ele se encanta em ver entrar o ouro dos outros no reino, tanto mais é zeloso e cuidadoso em impedir a sua saída, e, para isso, as ordens mais severas são dadas por todos os lugares [...]."

(Citado em Serge Berstein.

"Histoire". Paris: Hatier, 1990. p. 29.)

Considerando os dados emanados do relatório e a época histórica, a política econômica a que o texto se refere é

- a) o feudalismo.
- b) o liberalismo.
- c) o capitalismo.
- d) a fisiocracia.
- e) o mercantilismo.

Resolução

Desprovida de colônias que permitissem a extração de metais preciosos, a França estimulou a acumulação de metais preciosos por meio de medidas protecionistas e de uma balança comercial favorável.

Resposta: E

2 (FEI – MODELO ENEM) – O "bulhonismo" ou entesouramento, caracterizava a prática mercantilista do início dos tempos modernos. Tal prática pode ser entendida como

- a) a exclusividade econômica garantida pelas metrópoles no comércio colonial.
- b) a disposição dos europeus em defender seus interesses econômicos por meio de sucessivos tratados.
- c) a intenção das nações ibéricas no sentido de liderar uma unificação econômica europeia.
- d) a preocupação dos portugueses e espanhóis em garantir o desenvolvimento da economia de suas colônias.
- e) a disposição de se procurar e acumular metais preciosos.

Resolução

Esse tipo de mercantilismo foi praticado pela Espanha e por Portugal.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Entre os séculos XVI e XVII, a Europa foi inundada por um grande afluxo de metais preciosos provenientes do Novo Mundo. Qual foi a consequência dessa grande circulação monetária?

RESOLUÇÃO:

O excesso de oferta de metais preciosos amedáveis provocou uma violenta alta dos preços e salários, que ficou conhecida por "Revolução dos Preços".

- 2** Classifique as assertivas em verdadeiras ou falsas.
- (0) O mercantilismo é a expressão do poderio da nobreza.
- (1) A política mercantilista é a política econômica do Estado Moderno.
- (2) O mercantilismo não se baseia no equilíbrio entre exportações e importações.
- (3) O sistema colonial incrementou a riqueza do Estado absolutista.
- (4) O mercantilismo tem como objetivo primeiro o enriquecimento da burguesia.
- (5) A política mercantilista da Espanha foi conhecida como *bulionismo*.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (1), (3) e (5).

Itens falsos: (0) Expressa o poder do rei.

(2) Uma de suas bases é a balança comercial favorável.

(4) O objetivo primeiro era o fortalecimento do Estado e, depois disso, o enriquecimento da burguesia.

- 3** O mercantilismo francês (colbertismo) tinha como uma de suas características fundamentais o fato de
- a) criar companhias de navegação, com apoio do Estado, para incrementar o comércio com o Oriente.
- b) estruturar seu funcionamento na importação de produtos manufaturados e alimentícios do estrangeiro.
- c) fundamentar seu comércio na exportação de produtos manufaturados com vistas à balança favorável.
- d) basear suas atividades comerciais na exportação de produtos agrícolas e de matérias-primas.
- e) apresentar atividades que conciliavam o *bulionismo* (metalismo) com os princípios do liberalismo europeu.

RESOLUÇÃO:

Exportava artigos de luxo (caros) e importava produtos baratos.

Resposta: C

- 4** O mercantilismo praticado pelos países europeus, entre os séculos XVI e XVIII, trouxe como consequência
- a) o enfraquecimento das monarquias nacionais europeias que nele se apoiaram.
- b) a notável acumulação de capitais no continente europeu, fruto do comércio colonial, tráfico de escravos e exploração de metais no Novo Mundo.
- c) o fim da competição colonial entre as potências mercantilistas europeias.
- d) a impossibilidade de ingressar no capitalismo industrial do século XVIII, em razão da falta de capitais.
- e) uma política de desenvolvimento das áreas coloniais situadas nos trópicos.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo foi responsável pela acumulação primitiva de capital fundamental para os investimentos na indústria fabril.

Resposta: B

- 5 (PUC-MG)** – O mercantilismo é uma prática econômica que implica, **exceto**
- a) o exercício do protecionismo alfandegário às manufaturas existentes.
- b) o combate ao xenofobismo e à natalidade para que o Estado possa consolidar-se.
- c) a existência de um Estado forte capaz de planejar as atividades econômicas.
- d) a eficiência do poder central para dominar os particularismos.
- e) o impulso decisivo do comércio exterior visando a uma balança comercial favorável.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo era uma prática do Estado Nacional e estimulava o aumento populacional para se consolidar.

Resposta: B

- 6 (UFPEL – MODELO ENEM)** – "A única maneira de fazer com que muito ouro seja trazido de outros reinos para o tesouro real é conseguir que grande quantidade de nossos produtos seja levada anualmente além dos mares, e menor quantidade de seus produtos seja para cá transportada..."

(In: Gustavo de Freitas. "900 textos e documentos de História". Lisboa, Plátano, s/d.: "Política para tornar o reino de Inglaterra próspero, rico e poderoso, 1549". Documentos econômicos dos Tudor.)

A afirmação descrita no texto expressa uma característica da política econômica

- a) mercantilista inglesa, base do Tratado de Methuen, que fomentou a acumulação de capital, inclusive com o ouro brasileiro, no século XVIII.
- b) capitalista industrial, quando os ingleses dominaram as colônias ibéricas por meio do comércio de produtos manufaturados, no século XVII.
- c) bulionista, baseada na exploração aurífera da América do Norte e no monopólio comercial com a instauração das Treze Colônias.
- d) colonialista, alicerçada na hegemonia que os ingleses exerciam no Atlântico Sul, desde o século XVI.
- e) metalista inglesa, resultante do Ato de Navegação de Cromwell, na República Puritana, no século XVII.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo inglês pautou-se pelo estímulo a uma balança comercial favorável, garantida ainda por um rígido protecionismo. O Tratado de Methuen (também chamado de "Panos e Vinhos") exemplifica bem essa prática britânica que possibilitou um grande acúmulo de capital para financiar a sua futura Revolução Industrial.

Resposta: A

Nesse momento, houve uma valorização da mão de obra, o que gerou uma tendência ao fechamento nas relações servis, impedido pela eclosão de uma série de revoltas camponesas e urbanas.

O século XV indicou a solução para a crise de retração, solução essa que estava fora da Europa, no processo que ficou conhecido como Grandes Navegações ou Expansão Marítimo-Comercial. No começo desse século, Portugal iniciou as navegações no Atlântico (tomada de Ceuta, em 1415), apontando os novos rumos para a economia europeia.

O capitalismo gestado desde o Renascimento Comercial ganhou novos territórios a serem explorados. A essa fase do modo de produção capitalista, na qual a circulação de mercadorias (obtenção de lucro na compra e venda) tornou-se responsável pela acumulação de capital, denominamos pré-capitalismo ou capitalismo comercial.

As transformações econômicas foram relevantes: nasceram companhias de comércio, surgiram as manufaturas e o trabalho passou a ser pago com salário.

Essa dinamização das atividades comerciais trouxe uma nova necessidade para a ampliação de mercados, que foi justamente a de metais amoeáveis. As minas europeias estavam esgotadas, e os metais preciosos eram fundamentais para a economia capitalista.

4. A formação das monarquias nacionais

O declínio do feudalismo levou à perda da autoridade política dos senhores feudais. À medida que a nobreza perdia seu poder político, o rei surgia como autoridade forte no território nacional, centralizando o poder em suas mãos. Mas a centralização do poder político não foi uma obra pessoal do monarca. Para tal tarefa, os reis contaram com o apoio das respectivas burguesias nacionais.

A burguesia, nesse momento, perdia com a extrema fragmentação territorial do feudalismo. A cada feudo que atravessava para realizar o comércio, a burguesia era obrigada a utilizar-se de um novo tipo de moeda, pagar impostos aos senhores feudais em cada região e submeter-se às leis e sistemas de pesos e medidas diferentes. Assim, para a burguesia, a unificação territorial, administrativa e política era importante, porque levaria ao fim dos obstáculos e ao pleno desenvolvimento do comércio.

A figura política capaz de satisfazer as necessidades econômicas da burguesia era o rei, que já se afirmava como centro do poder. Restava dar um apoio decisivo para a formação de um Estado forte e centralizado. Com o pagamento de impostos, a burguesia entregava ao rei os meios para que este formasse um Exército Nacional e derrotasse, definitivamente, a nobreza feudal, centralizando o poder político.

Dessa forma, surgiu a aliança rei-burguesia, que foi fundamental para a formação de um Estado absolutista capaz de levar adiante os empreendimentos marítimos e comerciais, pois a burguesia, além das necessidades para o seu desenvolvimento econômico, pretendia ampliar as frentes de comércio fora da Europa.

5. O mercantilismo

O mercantilismo foi a política econômica que orientou esta nova fase capitalista, agora comercial.

O Estado absolutista ditava as regras, marcadas por intervenção do Estado na economia, protecionismo, metalismo, balança comercial favorável, direitos e concessões de monopólios e busca de novos mercados, que se concretizou com a conquista de territórios econômicos na Ásia, África e América.

Os interesses estavam particularmente voltados para um território ainda inexplorado pelos europeus – a América –, onde mais tarde se verificaria o sistema colonial tradicional, responsável pela extração das riquezas que abasteceriam a Europa.

6. O humanismo

O humanismo ou Renascimento Científico trouxe para os europeus o conhecimento e o aprimoramento de técnicas – tais como a bússola e o astrolábio, a cartografia e a construção naval – que permitiram às nações europeias se aventurarem pelos mares. Sendo assim, as grandes navegações não foram obra do acaso.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M306**



Soldados franceses vítimas da Peste Negra, que causou a morte de quase metade da população europeia no século XIV.



Visão de um artista do século XV sobre o cerco de Jerusalém, momento importante do movimento cruzadista.



A moeda facilitou as trocas no mercantilismo (O Cambista e sua Mulher, de Rey Merswaele).

Exercícios Resolvidos

1 (PUC-SP – MODELO ENEM) – "Já no século XIV a.C., os fenícios, excelentes marinheiros, detinham o monopólio do comércio de especiarias no Mediterrâneo, a tal ponto que elas foram chamadas de 'mercadorias fenícias'. (...) as especiarias partiram para Roma provenientes do Egito, no início do século II a.C. (...) A cozinha medieval usava carnes em excesso, e tanto para conservá-las como para dissimular seu gosto, quando em princípio de decomposição, apelava obrigatoriamente para as especiarias (...). Os cruzados apaixonaram-se pelas especiarias por volta do século XI, quando chegaram à Terra Santa (...)."

(Adaptado de Fernanda de Camargo-Moro. *Veneza: o encontro do Oriente com o Ocidente*. Rio de Janeiro: Record, 2003, pp. 37, 39, 49, 53.)

A busca de especiarias não ocorreu apenas na Antiguidade e na Idade Média. No início da Idade Moderna, foi um dos motivos da

- a) exploração do litoral do Pacífico na América.
- b) intensificação do comércio no Mediterrâneo.

- c) decadência das cidades italianas.
- d) busca de novas rotas para as Índias.
- e) hegemonia da frota naval inglesa.

Resolução

O principal motivo de interesse dos portugueses em relação às Índias, na época das Grandes Navegações, era o comércio de especiarias, até então praticado pelos italianos no Mar Mediterrâneo.

Resposta: D

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – Assinale a alternativa correta acerca da Expansão Ultramarina Europeia.

- a) A corrida expansionista de Portugal e Espanha gerou, na segunda metade do século XV, um período de grande cooperação entre esses reinos europeus, denominado de União Ibérica.
- b) Posteriormente à descoberta do novo continente, o grande afluxo do ouro e da prata americanos para a Europa gerou uma significativa baixa nos preços dos alimentos.

c) O navegador Cristóvão Colombo provou, com sua viagem, a tese do *el levante por el poente*, isto é, de que seria possível alcançar as Índias, no Ocidente, navegando em direção ao Oriente.

d) As chamadas Grandes Navegações Europeias inserem-se no processo de superação dos entraves medievais ao desenvolvimento da economia mercantil e ao fortalecimento da classe burguesa.

e) Em agosto de 1492, a nau Santa Maria e as caravelas Nina e Pinta partiram de Palos, na Espanha, rumo ao leste, e atingiram, em outubro do mesmo ano, a costa da América do Norte.

Resolução

A Expansão Marítimo-Comercial realiza-se pela necessidade de superar a crise do século XV — conhecida como crise de desenvolvimento — gerada pela necessidade de abrir mercados aos produtos europeus e pela escassez de metais preciosos. A burguesia, interessada em aumentar seus lucros, vai financiar essas navegações.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Quais as mudanças ocorridas na economia europeia após o movimento das Cruzadas?

RESOLUÇÃO:

A Europa passou a vivenciar o renascimento comercial, marcado pelo ressurgimento do comércio internacional e de uma economia monetária e de mercado.

2 Indique as consequências que a crise do século XIV trouxe para o feudalismo e para o capitalismo.

RESOLUÇÃO:

Para o feudalismo: a intensificação da sua crise iniciada no século XI; a desestruturação da cavalaria como arma de guerra; e o abalo na crença da superioridade da nobreza, pois a morte (vista como castigo divino) atingia indistintamente membros da nobreza e do povo comum.

Para o capitalismo: a sensível diminuição da mão de obra e a queda substancial da produção e do consumo; em síntese, a retração das atividades capitalistas.

3 Enumere as razões que levaram à formação da aliança reiburguesia durante a transição feudo-capitalista.

RESOLUÇÃO:

O rei desejava centralizar o poder político; a burguesia almejava a unificação territorial e a uniformização do sistema de pesos, medidas e do sistema monetário e jurídico.

4 A crise europeia dos séculos XIV e XV constituiu um bloqueio ao desenvolvimento da economia de mercado. A superação desse problema foi obtida por meio

- a) da isenção de tributos para as cidades.
- b) do fortalecimento das corporações de ofício.
- c) da expansão marítima.
- d) do incentivo à produção agrícola feudal.
- e) das cruzadas.

RESOLUÇÃO:

Por meio da expansão marítima, foram solucionados problemas como a retração do comércio num primeiro momento, a falta de produtos para o mercado europeu e a necessidade de metais preciosos.

Resposta: C

5 (ENEM) – O texto abaixo reproduz parte de um diálogo entre dois personagens de um romance.

– Quer dizer que a Idade Média durou dez horas? – Perguntou Sofia.

– Se cada hora valer cem anos, então sua conta está certa. Podemos imaginar que Jesus nasceu à meia-noite, que Paulo saiu em peregrinação missionária pouco antes da meia-noite e meia e morreu quinze minutos depois, em Roma. Até as três da manhã a fé cristã foi mais ou menos proibida. (...) Até as dez horas as escolas dos mosteiros detiveram o monopólio da educação. Entre dez e onze horas são fundadas as primeiras universidades.

(Adaptado de Jostein Gaarder. *O Mundo de Sofia: Romance da História da Filosofia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.)

O ano de 476 d.C., época da queda do Império Romano do Ocidente, tem sido usado como marco para o início da Idade Média. De acordo com a escala de tempo apresentada no texto, que considera como ponto de partida o início da Era Cristã, pode-se afirmar que

- a) as Grandes Navegações tiveram início por volta das quinze horas.
- b) a Idade Moderna teve início um pouco antes das dez horas.
- c) o Cristianismo começou a ser propagado na Europa no início da Idade Média.
- d) as peregrinações do apóstolo Paulo ocorreram após os primeiros 150 anos da Era Cristã.
- e) os mosteiros perderam o monopólio da educação no final da Idade Média.

RESOLUÇÃO:

Se a Idade Média durou 1 000 anos e estes equivalem a 10 horas, cada hora, no caso, corresponde a 100 anos (1 século). Ora, as Grandes Navegações tiveram início em 1415 depois de Cristo (tomada de Ceuta pelos portugueses). A rigor, portanto, dentro da equivalência estabelecida na questão, as Grandes Navegações começaram pouco depois das quatorze horas (e não “pouco antes das quinze horas”). Mas, por aproximação, a alternativa a deve ser considerada correta.

Resposta: A

6 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “Como falar em ‘Descobrimientos’ se, já no século X, os vikings, provenientes da Escandinávia atual, alcançaram o extremo norte do continente americano? Em 984, o viking Eric, o Vermelho, atinge o sul da Groenlândia. No ano 1000, Leif Erikson chega à terra de Baffin e à Península do Labrador, no Canadá atual. Mas não se fixaram ou colonizaram essas terras.”

(Carlos Guilherme Mota)

A historiografia tradicional denomina de Descobrimientos o período

- a) de expansão da civilização islâmica, responsável pelo desenvolvimento das técnicas e aparelhos de navegação.
- b) da descoberta de novos continentes e expansão das regiões produtoras e consumidoras, responsável pelo surgimento de um mercado mundial no início da Idade Moderna.
- c) de ascensão econômica da burguesia marítima-industrial e implantação nas novas terras descobertas do modo de produção capitalista.
- d) da generalização do comércio pela Europa Oriental a partir do século XI, responsável pela reabertura do mar Mediterrâneo ao comércio europeu.
- e) da exportação de capitais excedentes provenientes da América para as áreas coloniais e semicoloniais da Ásia e da África, visando assegurar o controle das regiões produtoras de matérias-primas.

RESOLUÇÃO:

O texto do professor Carlos Guilherme Mota vem contrariar a visão tradicional a respeito de quem foi o primeiro europeu a chegar na América.

Resposta: B

Módulo

39

Ciclo oriental – Portugal

Palavras-chave:

- Revolução de Avis
- Escola de Sagres • Périplo africano

1. Povoamento da Península Ibérica

Nos séculos que antecederam a formação de Portugal e Espanha como Estados Modernos, a Península Ibérica sofreu a presença e influência de diferentes povos. No século XII a.C., foram encontrados vestígios dos fenícios, com suas **feitorias** comerciais.

Do século VII ao V a.C., gregos e cartagineses disputaram o comércio de metais e peixe salgado. Do século VI ao III a.C., houve invasões dos celtas – originários da Gália –, formando com os iberos a civilização galaico-portuguesa. A partir do século III a.C., essa região chamada Lusitânia sofreu a dominação romana, reforçando a economia comercial com as “vilas”. Nos séculos IV e V d.C., ocorreram invasões germânicas dos alanos, suevos, vândalos e visigodos.

Feitorias: estabelecimentos comerciais.

Nessa sucessão de povos, o mais importante, sem dúvida, foi o árabe (mouro), que deu à história da península um caráter singular. Os árabes chegaram no ano de 711 d.C. e permaneceram ali por mais de seis séculos (até 1249), enriquecendo a cultura ibérica com seus costumes e, ao mesmo tempo, delineando o ideal cristão-cruzadístico.

2. A Guerra de Reconquista

Em reação à dominação dos mouros, surgiu imediatamente a **Guerra de Reconquista**, cruzada cristã contra os muçulmanos, cuja longa duração resultou nos reinos de Castela, Aragão, Navarra, Leão e, deste último, originou-se o Condado Portucalense. Com a Dinastia de Borgonha (1139-1383), de características feudais, formou-se o reino português, cuja configuração nacional, separada da Espanha, dar-se-ia com a Dinastia de Avis, iniciada, em 1385, com D. João I, por obra de uma revolução apoiada pela burguesia. Esse monarca lançou Portugal nos empreendimentos marítimos que transformariam o mundo ocidental.

3. A Expansão Marítimo-Comercial Portuguesa

Pioneirismo português

Entre os países europeus que participaram da Expansão Marítimo-Comercial (Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda), coube a Portugal o pioneirismo e a liderança inicial. No início do século XV, a Dinastia de Avis voltou-se para a importante empresa náutica, planejando as atividades do Estado, a fim de desenvolver o denominado **ciclo oriental de navegações e descobertas**, que visava atingir o Oriente por meio da navegação em sentido oriental.

O pioneirismo português deveu-se, em primeiro lugar, a um conjunto de fatores político-econômicos, tais como o processo de centralização política e a **formação de uma monarquia nacional precoce**, iniciada ainda na fase da Dinastia de Borgonha e planejada com a ascensão da Dinastia de Avis após 1385. Esta última casa aparecia **aliada a uma dinâmica burguesia mercantil**. Ademais, Portugal gozava de uma **situação de paz interna** conseguida após a ascensão de D. João I ao trono.

Além desse conjunto de fatores, temos o **apoio do Estado português (Avis) aos estudos e à arte náutica**.

Tal apoio tornou-se organizado e planejado, principalmente após a orientação de que os estudos náuticos ficariam a cargo do infante D. Henrique, o Navegador, que, por volta de 1418, transformou a cidade de Sagres em um grande centro de estudos náuticos (fato que deu origem à denominação figurada de "Escola de Sagres").

Outro fator que colocou Portugal na condição de país pioneiro é a **posição geográfica privilegiada** desse país ibérico: Portugal está situado na rota e na escala Mar Me-

diterrâneo-Atlântico, que atinge o Mar do Norte e importantes centros comerciais dessa área. Dessa forma, Portugal tinha uma certa tradição no comércio marítimo pelo fato de seus portos comerciais estarem relativamente desenvolvidos, privilegiados pela sua localização.

4. Etapas das navegações e conquistas portuguesas

Os lusitanos, lançando-se ao Atlântico, iniciaram o chamado "ciclo oriental" pela devastação do litoral africano. Nesta região, destacaram-se as seguintes conquistas: em 1415, o Exército português tomou a cidade de **Ceuta** (norte da África), considerado o **marco inicial da Expansão Marítima Lusa**. Portugal, após essa vitória diante dos árabes, passou a ter não só o controle desse importante e opulento mercado internacional, mas também o domínio político-militar do Estreito de Gibraltar. Comercialmente a conquista não teve tanto sucesso, na medida em que os comerciantes árabes promoveram o desvio do tráfico, prejudicando os interesses portugueses.

Em 1434, o navegador **Gil Eanes** conquistou a região do **Cabo Bojador** (tendo à sua frente as Ilhas Canárias) e, logo após (1445), atingiu a região do Cabo Branco, onde conquistou a Feitoria de Arguim. Paralelamente às conquistas desses pontos do litoral africano, os portugueses foram paulatinamente anexando as denominadas Ilhas do Atlântico – tomaram o Arquipélago da Madeira em 1419 e, entre aproximadamente 1435 e 1456, os Arquipélagos de Açores e Cabo Verde, destacando-se o navegador italiano Cadamosto. Nesses arquipélagos, o Estado português introduziu a agricultura canavieira e a pecuária, adotando o sistema de capitânicas hereditárias para a administração da economia e da mão de obra escrava negra.

A procura de um novo caminho para as Índias foi marcada pela penetração dos navegadores lusos no Golfo da Guiné, quando em 1482 chegaram ao Cabo das Palmas e, alguns anos mais tarde (**1471**), ultrapassaram a linha equatorial, penetrando no hemisfério sul. Na costa sul da África, o português **Diogo Cão**, entre 1482 e 1485, atingiu a **foz do Rio Congo** e a **região de Angola**. Nessas regiões, foram criadas importantes feitorias, como as de São Jorge de Mina, Cabinda e Luanda, onde se praticavam o comércio de especiarias e o tráfico negreiro.



Compra e venda em Champagne.



Infante D. Henrique, o Navegador.

Este périplo africano foi completado em 1488, quando **Bartolomeu Dias** alcançou o extremo sul, o **Cabo da Boa Esperança** (anteriormente denominado “das Tormentas”). Estava, portanto, conquistado o caminho marítimo para o Oceano Índico. No entanto, a chegada dos lusitanos nessa região somente ocorreu em 1498, com **Vasco da Gama**, que atingiu a costa da Índia, **Calicute e Goa**, mas não chegou a empreender nenhuma conquista militar.

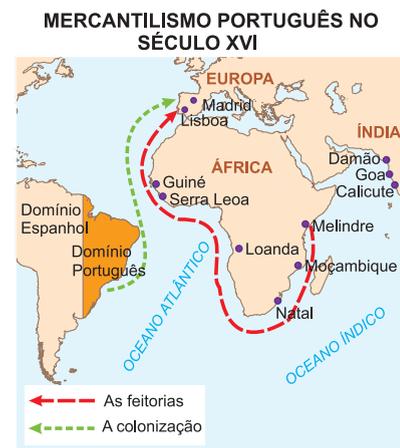
Portugal iniciou, no final do século XV e adentrando o século seguinte, sucessivas **tentativas de formar o seu Império no Oriente**. A primeira e grande investida deu-se em 1500, quando o reino ibérico organizou sua maior esquadra militar, composta de 13 embarcações, sob o comando do almirante **Pedro Álvares Cabral** (Gouveia era o seu nome de batismo). Nesta viagem, foi descoberto o Brasil, de forma intencional ou não, como parte do projeto de garantir a rota africana para o Oriente. No entanto, a investida conquistadora atingiu os objetivos desejados. Já no século XVI, sob o comando do almirante Francisco de Almeida, houve novas tentativas, mas somente por volta de 1509 os portugueses vieram a ter vitórias mais significativas. Entre esse ano e aproximadamente 1515, o almirante **D. Afonso de Albuquerque** – considerado o **formador do Império Português nas Índias** – passou a ter sucessivas vitórias no Oriente, conquistas que englobaram a região do **Golfo Pérsico** (Aden), adentraram a Índia (Calicute, Goa, Diu, Damão) e a ilha do **Ceilão** e chegaram até a região da **Indochina e Indonésia**, onde foi conquistada a importante ilha de Java. D. Afonso de Albuquerque lançou mão não apenas de táticas militares, mas também da política diplomática

e da ação dos **missionários**. Dessa forma, onde não conseguiu (ou estava impossibilitado de conseguir) conquistas militares, procurou travar relações comerciais pacíficas. Tal foi o caso do litoral da China e do Japão, onde, após a conquista da **cidade de Macau** (litoral da China), os portugueses, entre 1517 e 1520, firmaram diversos acordos comerciais em feitorias e cidades da região da China (Pequim) e do Japão (Nagasaki).

A preservação deste vasto Império Oriental, entretanto, implicou não apenas a formação de feitorias, mas também excessivos gastos militares e com a burocracia administrativa. Na década de 1530, o comércio lusitano oriental entrou em declínio por causa dos gastos, da corrupção administrativa, dos crescentes custos de manutenção militar e da queda nos preços dos produtos orientais. No final do século XVI, o Império Lusitano (já sob controle da Espanha) começou a ser invadido por outros países e, no século XVII, foi desmantelado.



O planisfério de Andrea Walsperger, 1448.



O mapa indica os pontos de exploração do mercantilismo português no século XVI.

Missionários: pregadores de missões.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M307**

Exercícios Resolvidos



1 (UEL – MODELO ENEM) – Analise o mapa ao lado.

- Este mapa indica a fase da Expansão Europeia referente
- à colonização do Brasil e ao comércio triangular.
 - aos domínios coloniais ibéricos e suas possessões além-mar.
 - à expansão lusa denominada “Carreira das Índias”.
 - ao comércio triangular do Atlântico Norte.
 - ao auge do comércio desencadeado pelo tráfico negreiro.

Resolução

As linhas apresentam três importantes viagens de navegadores portugueses: a de Bartolomeu Dias até o cabo da “Boa Esperança” (1488); a de Vasco da Gama até a Índia (1498); e a de Cabral, passando pelo Brasil e seguindo até a Índia. Estas viagens compõem o chamado “périplo (viagem em volta de) africano”, também conhecido como o “ciclo oriental das navegações”.

Resposta: C

2 (FGV – MODELO ENEM) – "Durante a Antiguidade e a Idade Média, a África permaneceu relativamente isolada do resto do mundo. Em 1415, os portugueses conquistaram Ceuta, no norte do continente, dando início à exploração de sua costa ocidental".

(José Jobson de A. Arruda e Nelson Piletti,
"Toda a História")

Acerca da África, na época da chegada dos portugueses em Ceuta, é correto afirmar:

a) Nesse continente havia a presença de alguns Estados organizados, como o reino

do Congo, e a exploração de escravos, mas não existia uma sociedade escravista.

b) Assim como em parte da Europa, praticava-se a exploração do trabalho servil que, com a presença europeia, transformou-se em trabalho escravo.

c) A população se concentrava no litoral e o continente não conhecia formas mais elaboradas de organização política, daí a denominação de povos primitivos.

d) Os poucos Estados, organizados pelos bantos, encontravam-se no Norte e economicamente viviam da exploração dos escravos muçulmanos.

e) A escravidão e outras modalidades de trabalho compulsório eram desconhecidas na África e foram introduzidas apenas no século XVI, pelos portugueses e espanhóis.

Resolução

Embora a África toda compreenda duas partes bastante distintas (África do Norte e África Negra), em ambas, na época mencionada, existiam Estados organizados e havia escravos; mas estes não constituíam a base da força de trabalho e, conseqüentemente, não caracterizavam as sociedades africanas como escravistas.

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 Aponte os fatores que fizeram de Portugal o pioneiro nas grandes navegações.

RESOLUÇÃO:

Formação de uma monarquia nacional precoce, uma forte burguesia comercial, estabilidade política interna, estudos náuticos desenvolvidos e posição geográfica privilegiada.

2 Qual a importância da Revolução de Avis para Portugal?

RESOLUÇÃO:

Ela promoveu a união de todos os portugueses (burguesia, nobreza e povo) em torno da figura de D. João, mestre da casa de Avis que veio a se configurar como a primeira dinastia de reis absolutistas de Portugal. Tal fato foi fundamental para o pioneirismo português nos empreendimentos marítimos.

3 Em plena Idade Média (1139-1140), nasceu Portugal, originário do Condado Portucalense. Enquanto o feudalismo era a marca política da Europa Ocidental, em Portugal mostrava-se frágil: o pequeno reino nascia unificado.

Sobre o tema e evolução posterior, analise as assertivas a seguir:

I – O Condado Portucalense transformou-se em Estado, tendo sua independência proclamada por D. Afonso Henriques.

II – Nos finais do século XIV, ocorreu uma crise dinástica: com a morte de D. Fernando, extinguiu-se a dinastia de Borgonha.

III – A Revolução de Avis levou ao trono D. João, Mestre de Avis, apoiado pela burguesia de Lisboa e do Porto, além da adesão entusiástica da "arraia miúda".

IV – A Dinastia de Avis repeliu a política de expansão marítima, fixando prioridades da agricultura, meio de agradar à alta nobreza lusitana.

V – Em razão da política da Dinastia de Avis, a expansão marítima somente ocorreria com o advento da Dinastia de Bragança.

Assinale a opção correta.

a) Apenas as opções I, II e III são verdadeiras.

b) Apenas a opção III é verdadeira.

c) Apenas as opções II, III e IV são verdadeiras.

d) Apenas as opções III, IV e V são verdadeiras.

e) Apenas as opções II, IV e V são verdadeiras.

RESOLUÇÃO:

As afirmativas IV e V são falsas, pois foi a Dinastia de Avis que promoveu as navegações.

Resposta: A

4 O Descobrimento do Brasil foi parte do plano imperial da Coroa Portuguesa no século XV. Embora não houvesse interesse específico de expansão para o Ocidente,

a) a posse de terras no Atlântico Ocidental consolidava a hegemonia portuguesa neste Oceano.

b) o Brasil era uma alternativa mercantil ao comércio português no Oriente.

c) o desvio da esquadra de Cabral seguia a mesma inspiração de Colombo para chegar às Índias.

d) a procura de terras no Ocidente foi uma reação de Portugal ao Tratado de Tordesilhas, que o afastava da América.

e) essa descoberta foi mero acaso, provocado pelas intempéries que desviaram a esquadra da rota da Índia.

RESOLUÇÃO:

A descoberta do Brasil garantiria a Portugal o domínio dos dois extremos do Atlântico e o controle da passagem para a navegação no sul deste Oceano.

Resposta: A

5 O pioneirismo português na Expansão Marítima dos séculos XV e XVI deveu-se

- à invasão da Península Ibérica pelos árabes e à conquista de Calicute pelos turcos.
- à assinatura do Tratado de Tordesilhas por Portugal e pelos demais países europeus.
- a um Estado liberal centralizado, voltado para a acumulação de novos mercados consumidores.
- às guerras religiosas, à descentralização política do Estado e ao fortalecimento dos laços servis.
- a uma monarquia centralizada, interessada no comércio de especiarias.

RESOLUÇÃO:

O poder centralizado foi fundamental para organizar e direcionar as navegações.

Resposta: E

6 (UFSCAR – MODELO ENEM) – Nem todos os brancos que chegavam do mar eram portugueses, e os povos que viviam nas cercanias do litoral logo aprenderam a distingui-los. (...) Se os surpreendiam, os portugueses os atacavam, queimavam e punham a pique. Mas às vezes ocorria o oposto. (...)

Os portugueses insistiam com os reis e notáveis do litoral para que não transacionassem com os outros europeus, por eles qualificados de piratas. E recomendavam que lhes dessem combate. (...)

Por volta de 1560, os portugueses começaram a usar galés para patrulhar as costas próximas ao forte da Mina. (...)

Os entrepostos nas mãos de portugueses fiéis à Coroa eram poucos e quase sempre dependentes da boa vontade dos chefes nativos, até para seus alimentos.

(Alberto da Costa e Silva. *A manilha e o libambo*, 2002.)

O texto descreve a conquista portuguesa

- no Brasil.
- nas Guianas.
- nas Índias Orientais.
- no Japão.
- na África.

RESOLUÇÃO:

O texto descreve os esforços dos portugueses para se instalar na costa ocidental da África, onde estabeleceram feitorias para negociar com os produtos locais (escravos, principalmente). O autor menciona a necessidade, para os portugueses, de efetivar relações amistosas com os chefes nativos e, paralelamente, lutar contra a concorrência de outros países europeus.

Resposta: E

Módulo

40

Ciclo ocidental – Espanha

Palavras-chave:

- Guerra de Reconquista
- Reis católicos • Tordesilhas

1. Antecedentes

A formação de Portugal e da Espanha como Estados nacionais modernos enquadra-se dentro do processo de reconquista da Península Ibérica, ocupada desde o século VIII pelos muçulmanos.

Durante a Baixa Idade Média – séculos XII ao XV –, a Península Ibérica dividiu-se em reinos cristãos e muçulmanos. Processo iniciado no século XI, a reconquista do território ibérico e, conseqüentemente, a unificação territorial espanhola completaram-se com a expulsão dos muçulmanos do Reino de Granada, em 1492.

Portugal, muito antes que a Espanha ou outra nação europeia, havia centralizado o poder político com a Revolução de Avis (1383 a 1385) e partido para as grandes navegações. Já em 1415 ocupou Ceuta, no norte da África; em 1488, Bartolomeu Dias contornou o Cabo da Boa Esperança; em 1498, Vasco da Gama chegou às Índias. O caminho escolhido pelos portugueses para atingir o Oriente foi navegar no sentido oriental.



Batalha de Lepanto, na qual a esquadra espanhola derrotou os árabes no Mediterrâneo.

A Espanha atrasou-se nas navegações por causa de uma série de fatores que foram sendo superados, entre eles a ausência de um Estado forte e centralizado. Esse problema foi superado em meio à **Guerra de Reconquista Cristã**, quando, em 1469, ocorreu o casamento dos "reis católicos" Fernando de Aragão e Isabel de Castela, que deram início à unificação dos diversos reinos locais sob uma única autoridade e à centralização monárquica espanhola.

No reinado de Carlos I (1516 a 1556), neto de Fernando e Isabel, completou-se a monarquia nacional espanhola. Ele foi o responsável pela consolidação do absolutismo espanhol, rei dos Países Baixos e imperador do Sacro Império Romano-Germânico, com o título de Carlos V. A conquista do território americano ocorreu, portanto, durante o seu reinado.

2. A descoberta da América

A descoberta, conquista e colonização europeia da América inseriram-se no mesmo movimento de expansão marítima e comercial, iniciado por Portugal com a conquista de Ceuta, em 1415.

Como os portugueses buscavam o Oriente navegando em sentido oriental, aos espanhóis restou buscar o Oriente navegando em sentido ocidental. O principal partidário dessa ideia era Cristóvão Colombo, que, não obtendo êxito ao propor tal possibilidade ao rei português, D. João II, procurou então pelos "reis católicos".

Dessa vez, Colombo obteve sucesso. Com o apoio financeiro do nobre espanhol, D. Luís de Santangel, organizou sua expedição. Partiu do Porto de Palos, em 3 de agosto de 1492, com três caravelas – **Santa Maria, Pinta e Niña** –, navegando em sentido ocidental.

Em 12 de outubro de 1492, ano em que se completava a reconquista do território ibérico, Cristóvão Colombo descobriu a América, possibilitando a formação de um imenso império para a Coroa Espanhola.

As realizações de Colombo preocupavam os portugueses, que trataram de demarcar os limites e os termos da competição com a Espanha.

Em 1493, foi proposta a **Bula Inter Coetera**, que definia uma linha imaginária 100 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde como meridiano divisor das possessões luso-espanholas. As terras a oeste deste **meridiano** caberiam à Espanha, e as terras a leste seriam de posse portuguesa.

Portugal não aceitou tal demarcação. Os novos limites foram definidos pelo **Tratado de Tordesilhas**, em 1494, que assinalava 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde como meridiano divisor das posses luso-espanholas sobre as terras conhecidas e as terras a serem descobertas.



A esquadra de Colombo.



Meridiano: linha imaginária que consiste em um círculo de longitude.

3. A conquista da América

Da fase inicial de exploração do novo continente pelos espanhóis, destacam-se a conquista de: Porto Rico, em 1508, por Juan Ponce de León; Jamaica, em 1509, por Juan Esquivel; Cuba, em 1511, por Diego de Velásquez. Também sobressaem: a descoberta do Oceano Pacífico, em 1513, por Vasco Núñez Balboa; no mesmo ano, a navegação da Bacia do Mississippi, por Juan Ponce de León; o descobrimento do Rio da Prata, em 1516, por João Dias de Solis; a primeira viagem de circum-navegação da Terra, de 1519 a 1522, iniciada por Fernão de Magalhães e concluída por Sebastião del Cano.



Carlos V representado por Tiziano.



Colombo e os reis católicos.

Mas aos europeus e espanhóis interessava mesmo a conquista de áreas com metais preciosos e, nesse aspecto, a Espanha foi privilegiada na conquista da América.

Entre 1519 e 1521, Fernão Cortês, contando com a supremacia bélica, dominou o Império Asteca (México), garantindo para a Espanha o envio de imensas quantidades de metais preciosos.

O controle das minas de metais preciosos no Novo Mundo não cessava somente com essas conquistas. Entre 1531 e 1533, Francisco Pizarro e Diego de Almagro conquistaram o Império Inca (Peru), fundando, em 1535, a Ciudad de los Reyes, atual Lima.

Além das ricas regiões mineradoras, a Espanha dominou El Salvador e Guatemala (1523 a 1524), Honduras (1524 a 1526), Califórnia (1532) e Bolívia (1538 a 1544).

A conquista militar e religiosa (ação da Companhia de Jesus) destruiu a cultura religiosa e sua organização econômica, atingindo até a sua integridade física.

Por meio de um violento processo de conquista e dominação, a presença espanhola impôs-se aos nativos americanos. O poeta chileno Pablo Neruda sintetizou a conquista com a seguinte frase: "A espada, a cruz e a fome dizimaram a família selvagem."



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M308**



Viagens de Colombo à América.



As navegações estimularam uma grande rivalidade entre as nações europeias.

“Certo dia, Colombo penetra na cabana de um índio e o vê ajoelhado, rezando diante de um símbolo de madeira pintado em cores vivas. Repentinamente o ídolo abre a bocarra e solta um urro medonho. O índio cai por terra e se retorce de medo. Indo averiguar a causa, Colombo descobre um feiticeiro escondido entre a folhagem, diante de um fogo com um tubo acústico de bambu.

O feiticeiro cai de joelhos diante de Colombo e suplica-lhe não revelar o segredo, dizendo ser o temor o único meio de conter os selvagens.

Colombo repete: — Medo! Nós, europeus, também governamos pelo terror e medo. Quando surgirá afinal a era do amor, da paz e da compreensão mútua?”

(O. Zierer, O. *História da América*, 1.º volume, Editora Vozes, p. 91.)

Exercícios Resolvidos

1 (UFPR – MODELO ENEM) – Observe a imagem do mapa de Waldseemüller e leia o texto a seguir.



“Este mapa é de fundamental significação na história da cartografia. Sintetizou a revolução dos vinte anos precedentes na geografia e ampliou a imagem contemporânea do mundo, proporcionando uma visão essencialmente nova do mesmo. [...] Seu histórico é conhecido indubitavelmente a partir do tratado geográfico ‘Cosmographiae Introductio’, que acompanhou sua publicação em 1507. [...] Este mapa tem uma importância histórica única. Nele, o Novo Mundo recebe o nome de América pela primeira vez. Colombo aparentemente nunca abandonou sua convicção de que as ilhas das Índias Ocidentais que descobriu eram próximas à costa leste da Ásia. Vespúcio, entretanto, descobriu a verdade, ou seja, que era um novo mundo. Waldseemüller aceitou esta visão e propôs — para honrar Vespúcio — conceder seu nome à nova terra.”

(Peter Whitfield. “The image of the world: 20 centuries of World Maps”. San Francisco: Pomegranate Artbooks & British Library, 1994. p. 48-49.)

Com base no mapa, no texto e nos conhecimentos sobre a epopeia dos descobrimentos na Época Moderna, é correto concluir que

a) o mapa de Waldseemüller foi elaborado para reforçar a concepção bastante difundida durante a Idade Média de que a Terra era

plana, contribuindo assim para afirmar a tese da impossibilidade de atingir o Oriente navegando para o Ocidente.

- b) o uso da expressão “Descoberta da América”, para designar o ocorrido em 1492, revela uma construção *a posteriori* da historiografia, que assim estabelece uma representação simbólica da presença europeia no continente pela primeira vez na Era Moderna.
- c) a afirmação de que Vespúcio foi o responsável pela “Descoberta do Novo Mundo” significa evidenciar um traço da mentalidade greco-romana da Antiguidade, que prescrevia a experimentação científica como método para obter o conhecimento da verdade das coisas.
- d) a verificação empírica da verdade dos “descobrimientos” possibilitou, ao longo do século XVI, uma nova epistemologia para as ciências humanas, que passou a fundar-se no testemunho direto dos acontecimentos como critério para o estabelecimento dos fatos.
- e) fica evidente, pelo relato sobre os “descobrimientos” explicitado no texto, que havia, no período da publicação do mapa de Waldseemüller, uma nítida separação entre a perspectiva de análise geográfico-cartográfica e a abordagem histórica dos eventos da Expansão Marítima.

Resolução Mera interpretação de texto, pois a alternativa confirma o enunciado da questão, “Colombo aparentemente nunca abandonou sua convicção de que as ilhas das Índias Ocidentais que descobriu eram próximas à costa leste da Ásia. Vespúcio, entretanto, descobriu a verdade, ou seja, que era um novo mundo”.

Resposta: B

2 (UFU – MODELO ENEM) – “Colombo não estava tão longe de certas concepções correntes durante a Idade Média acerca da realidade física do Éden, que descrevesse de sua existência em algum lugar do globo. E nada o desprendia da ideia (...) de que precisamente as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal. (...) A tópica das ‘visões do paraíso’ impregna todas as suas descrições daqueles sítios de magia e lenda.”

(Sérgio Buarque de Holanda. “Visão do Paraíso”.)

A partir da interpretação do trecho acima, assinale a alternativa correta.

- a) Colombo, conforme a mentalidade própria de sua época, acreditava na existência do Paraíso Terrestre, na sua localização nas novas terras descobertas, e que ele havia sido levado para bem perto desse Paraíso, por vontade de Deus.
- b) O Paraíso Terrestre é um mito medieval cuja presença nas novas terras descobertas, na era das grandes navegações atlânticas do século XV e XVI, é evocada apenas como uma metáfora.
- c) Colombo não acreditava no Paraíso Terrestre, mas só pôde compreender a novidade da América comparando-a ao Paraíso.
- d) A América era um território cujas condições naturais e riquezas lembravam metaforicamente um paraíso, porém as colonizações espanhola e portuguesa destruíram seu aspecto paradisíaco.
- e) Colombo, apenas, não queria confrontar seus contemporâneos com suas ideias científicas e embasadas em conhecimento epistemológico.

Resolução Apesar do significado da sua descoberta, Colombo foi um homem do seu tempo, marcado pelas crenças e concepções de um mundo que ainda acreditava no Paraíso edênico. A exuberância da natureza da América confirmava esta crença.

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 (UFMG) – Sabe-se que Cristóvão Colombo não descobre a América, pois imagina estar chegando à Ásia, à ilha de Cipango [o Japão], perto da costa da China e da corte do Grão-Cã. O que procurava? As “Ilhas Douradas”, Tarsis e Ofir, de onde saíam as fabulosas riquezas que o rei Salomão explorara [...]. Aliás, o Almirante era um homem obstinado. Convencido de ter chegado ao Continente Asiático quando desembarcou em Cuba, ele obrigou seus partidários a partilharem de sua ideia fixa.

(Serge Gruzinski. *A passagem do século*. 1480-1520: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 21.)

Considerando-se as informações desse texto, é correto afirmar que

- a) a obstinação de Colombo o levou a atingir as remotas regiões do Japão e da China, onde estariam as riquezas que – dizia-se – haviam sido exploradas pelo rei Salomão e pelo Grande Cã.
- b) a busca das maravilhas relatadas em livros de viagens, desde os tempos medievais, se constituiu em um dos fatores que incentivaram as grandes navegações no início dos tempos modernos.
- c) o desembarque de Colombo em Cuba, na sua segunda viagem, acabou por convencê-lo e a sua frota de que eles haviam chegado a uma terra ainda por descobrir – possivelmente as famosas “Ilhas Douradas”.
- d) a descoberta da América foi feita por Américo Vespúcio, uma vez que Colombo, de acordo com novos estudos, atingiu, na sua primeira viagem, o Continente Asiático, onde foram fundadas feitorias.
- e) Colombo foi o responsável pelo primeiro contato cultural com os povos do oriente, dentre eles japoneses e chineses.

RESOLUÇÃO:

Relatos como os de Marco Polo fizeram muitos navegadores acreditarem que fariam fortuna ao encontrarem tais regiões.

Resposta: B

2 (PUC-Camp – MODELO ENEM) – Considere o texto abaixo.

“(...) aportei em Portugal, onde o rei dali entendia no descobrir ouro mais do que qualquer outro; [mas] em quatorze anos não pude fazê-lo entender o que eu dizia.”

(Carta de Cristóvão Colombo, escrita em maio de 1505. IN: Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo. *Colombo e a América*. São Paulo: Atual, 1991. p. 25.)

No contexto do renascimento do comércio europeu e das Grandes Navegações, o projeto de descoberta de nova rota marítima em direção ao Oriente, idealizado por “Cristóvão Colombo”, suscitou várias controvérsias. A partir do texto e do conhecimento histórico, é possível afirmar que

- a) a Coroa Portuguesa aceitou, de imediato, o projeto de Colombo, contribuindo financeiramente para sua execução, desde que o mesmo se comprometesse a anunciar, com exclusividade, o descobrimento das regiões mineradoras.
- b) Cristóvão Colombo recusou o financiamento proposto pela Coroa Portuguesa, haja vista o interesse desta em obter 100% do lucro advindo do comércio ultramarino provindo das regiões descobertas.

c) Cristóvão Colombo preferiu aceitar o financiamento proposto pela Coroa Italiana para realizar sua viagem em direção à América, em razão das preocupações exclusivamente econômicas dos reis de Portugal.

d) a Coroa Portuguesa rejeitou o projeto de Colombo, uma vez que tinha investido recursos na rota do périplo africano, como alternativa viável para a conquista do mercado oriental.

e) Cristóvão Colombo esteve prestes a abandonar a execução de projeto de circum-navegação, haja vista o desinteresse das Coroas Portuguesa e Espanhola por seu plano fantasioso e ultrapassado.

RESOLUÇÃO:

O genovês Cristóvão Colombo ofereceu seus serviços à Espanha diante da recusa dos portugueses.

Resposta: D

3 Relacione a Guerra de Reconquista cristã e a formação da monarquia nacional espanhola.

RESOLUÇÃO:

A luta contra os mouros na Guerra de Reconquista estimulou a união dos reinos cristãos de Leão, Castela, Navarra e Aragão, resultando na formação da monarquia nacional espanhola.

4 Justifique o atraso espanhol nas Grandes Navegações.

RESOLUÇÃO:

Deveu-se à falta de unidade político-administrativa, superada com o casamento de Isabel de Castela com Fernando de Aragão (1469), e à longa Guerra de Reconquista encerrada somente com a conquista de Granada, em 1492.

5 “A conquista e a colonização das Américas, pelas metrópoles ibéricas, combinavam uma série de processos complexos e contraditórios: o prolongamento da reconquista no Novo Mundo; o transplante de elementos de um feudalismo em decomposição; a projeção do capitalismo mercantil-financeiro como parte integrante das nações do Noroeste Europeu, mais desenvolvidas, comercial e financeiramente.”

O texto acima permite concluir que a colonização da América

- a) se insere no contexto de transição do feudalismo para uma etapa do capitalismo mercantil-financeiro.
- b) fortaleceu o feudalismo europeu.
- c) criou obstáculos para o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente Europeu.
- d) foi uma empresa burguesa, liberal e democrática.
- e) teve natureza religiosa, moralizadora e humanista.

RESOLUÇÃO:

Na colonização da América, são observadas características feudais e elementos do capitalismo comercial.

Resposta: A

- Reforma Anglicana
- Invencível Armada • Cercamentos

1. A Dinastia Tudor

Após a Guerra dos Cem Anos, a Inglaterra viveu uma forte crise dinástica, quando duas famílias de nobres disputaram o trono, envolvendo o país na Guerra das Duas Rosas (1455-1485). O conflito terminou quando Henrique Tudor foi coroado rei, com o nome de Henrique VII. O primeiro monarca dessa dinastia contou com o apoio das ordens sociais, cansadas de um longo período de guerras civis. Suas diretrizes governamentais procuraram pacificar o país, estimular o mercantilismo e fortalecer o poder real.

Seu sucessor Henrique VIII deu continuidade à sua obra. Como já vimos, teve um importante papel na afirmação do poder monárquico ao realizar a Reforma Anglicana com base no Ato de Supremacia, que lhe conferia total poder em assuntos religiosos e o tornava chefe da igreja na Inglaterra. Após a sua morte, ocorreu um curto período de instabilidade.

Um de seus filhos, Eduardo VI, assumiu em 1547. Entretanto, durante seu curto governo, o poder esteve sob a influência do Conselho Privado (órgão consultivo de confiança do rei).

Com a morte de Eduardo VI, em 1553, subiu ao trono sua irmã Maria Tudor, fanática católica que tentou neutralizar a reforma iniciada por seu pai, perseguindo os protestantes. Ao casar-se com Felipe II da Espanha, gerou uma grande intranquilidade na Inglaterra, pois seus súditos temiam o tradicional rival e a influência da Igreja Católica. Maria Tudor morreu em 1558 e, em seu lugar, assumiu Isabel I (Elizabeth), filha de Henrique VIII com Ana Bolena, cujo reinado durou até 1603.

O absolutismo foi implantado de fato, pois evitava convocar o Parlamento. A monarca governou com a ajuda de um pequeno número de conselheiros fiéis.

Isabel consolidou a Reforma Anglicana por meio da **Lei dos 39 Artigos**, adotando como doutrina o calvinismo e mantendo a hierarquia episcopal, além de parte do cerimonial católico.

Seu governo foi marcado por um forte desenvolvimento econômico, seguindo as orientações mercantilistas, ao dar grande impulso à criação de companhias de comércio e à indústria artesanal e ao iniciar a colonização da Virgínia na América do Norte. O estímulo à atividade corsária provocou uma crise enorme com a Espanha. O rei Felipe II organizou uma frota de navios de guerra para atacar a Inglaterra — a Invencível Armada — que acabou sofrendo uma derrota humilhante, perdendo quase a metade de seus navios. Isso inaugurou uma nova fase na



Ao consolidar o anglicanismo, Isabel I (Elizabeth) reforçou o poder do Estado inglês.

disputa pela hegemonia europeia, pois, nesse momento, o domínio espanhol foi substituído pelo inglês, que passou a exercer a supremacia comercial no Atlântico.

Intensificou o processo de cercamentos (*enclosures*), arruinando os pequenos proprietários e camponeses que viviam de favores nessas terras e forçando-os a migrarem para as cidades. Buscando solucionar a crise social gerada, Isabel I assinou a **Lei dos Pobres**, que obrigava a população pobre a trabalhar em oficinas, abastecendo o setor manufatureiro de grande quantidade de mão de obra barata. Ainda do ponto de vista social, diminuiu o papel da nobreza tradicional e católica, aproximando-se da burguesia e da nova nobreza.

Podemos afirmar que, durante o longo reinado de Isabel, o poder absoluto foi implantado de fato. Entretanto, sua morte, sem deixar herdeiros, levou seu primo, o rei Jaime I da Escócia, a assumir, iniciando a **Dinastia dos Stuarts**, e a tentar legalizar o absolutismo diante do Parlamento. Isso gerou um conflito que só terminou com a Revolução Gloriosa em 1688.



Felipe II



Maria Tudor

2. Cronologia do período estudado

1485-1509: Reinado de Henrique VII.

1509-1559: Reinado de Henrique VIII.

1534: Ato de Supremacia.

1559-1603: Reinado de Isabel I (Elizabeth).

1603-88: Dinastia Stuart.



Henrique VIII, fundador da Igreja protestante inglesa, e duas de suas seis esposas (Catarina de Aragão e Ana Bolena).



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M309**



Saiba mais

INVENCÍVEL ARMADA

Armada é uma palavra usada para designar uma grande frota de navios de guerra. A mais famosa foi aquela que pretendia atacar a Inglaterra em 1588. Os 130 barcos espanhóis eram grandes, poderosos e estavam fortemente armados, porém os barcos ingleses eram mais ligeiros, rápidos e, portanto, mais fáceis de manobrar. Uma tormenta de proporções consideráveis destruiu a maior parte dos navios espanhóis, e o resto recuou diante dos ataques ingleses. Vários foram afundados e outros sofreram sérios danos nesta difícil batalha, o que os obrigou a voltar para a Espanha costeando o norte da Inglaterra. Só 67 dos 130 barcos puderam retornar à Espanha.

Exercícios Resolvidos

1 (UFRS – MODELO ENEM) – Leia o texto a seguir, extraído de uma obra de autoria do humanista inglês Thomas Morus.

"Vossos carneiros [...] Normalmente tão mansos, tão fáceis de alimentar com pouca coisa, ei-los transformados, dizem-me, em animais tão vorazes e ferozes que devoram até mesmo os homens, devastando e despovoando os campos, as granjas, as aldeias. Com efeito, em todas as regiões do reino, onde se encontra a lã mais fina e, portanto, a mais cara, os nobres e os ricos — sem falar de alguns abades, santos homens, não contentes de viverem à larga e preguiçosamente das rendas anuais que a terra assegurava aos seus antepassados, sem nada fazerem em favor da comunidade (prejudicando-a, deveríamos dizer) — não deixam mais nenhum lugar para o cultivo, acabam com as granjas, destroem as aldeias [...]"

(Adaptado de: Thomas Morus. *Utopia*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 37.)

Com esta passagem, o autor pretendeu denunciar

- a) o levante dos ciompi.
- b) as Jacqueries.
- c) as revoluções comunais.
- d) o Grande Medo.
- e) os cercamentos.

Resolução

O chanceler de Henrique VIII, Thomas Morus, critica indiretamente o processo de cercamentos (*enclosures*) afirmando que estava provocando a concentração fundiária (“devastando”) e expulsando os camponeses (“despovoando”) por destinarem o uso da terra à criação de carneiros produtores de lã.

Resposta: E

2 (PUC-RS – MODELO ENEM) – Responder à questão com base nas afirmativas, sobre a formação do Estado moderno na Inglaterra.

I – O fracasso da Reforma Protestante no século XVI atrasou o processo de centralização político-administrativa na Inglaterra, pois a Igreja preservou seu poder econômico no país ao longo do período, apoiando o poder privado da alta nobreza.

II – A burguesia e os chamados cavaleiros apoiavam a política centralizadora dos Tudor no século XVI, pois eram grupos sociais particularmente favorecidos pela estabilidade política.

III – O período elisabethano, que se inicia em 1558, marca a consolidação do absolutismo monárquico na Inglaterra, com a supressão legal do Parlamento e a imposição da teoria sobre a origem divina do poder real.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas I e III estão corretas.
- d) apenas II e III estão corretas.
- e) I, II e III estão corretas.

Resolução

A afirmativa I está incorreta, pois a Reforma Anglicana foi fundamental para a consolidação do absolutismo na Inglaterra.

A afirmativa III está incorreta, pois Elizabeth neutralizou o Parlamento e, por ser protestante, não legitimou seu poder pela religião, como aconteceu no caso francês.

Resposta: B

1 Quais os fatores que provocaram um atraso na afirmação do absolutismo inglês?

RESOLUÇÃO:

Externamente: a participação na Guerra dos Cem Anos (1337-1453), contra a França.

Internamente: a Guerra das Duas Rosas (1455-1485) entre as famílias York e Lancaster.

2 O que foi o Ato de Supremacia (1534)?

RESOLUÇÃO:

Documento publicado em 1534, o Ato de Supremacia estabeleceu que o monarca seria, ao mesmo tempo, chefe político e chefe religioso da nação inglesa.

3 Comente a política de Elizabeth I em relação à religião.

RESOLUÇÃO:

A rainha consolidou o anglicanismo como religião oficial ao mesmo tempo em que adotou uma política de perseguição aos dissidentes religiosos.

4 Defina

a) "A Guerra do Corso".

RESOLUÇÃO:

Política de estímulo à pirataria de Estado, adotada pela Inglaterra, para saquear os navios ibéricos.

b) a "Invencível Armada".

RESOLUÇÃO:

Nome da enorme frota de navios de guerra formada pela Espanha para atacar os ingleses em razão dos ataques corsários que estes faziam aos navios espanhóis.

c) a "Lei dos Pobres".

RESOLUÇÃO:

Lei que obrigava os pobres a empregarem-se e assim evitar a marginalidade e banditismo.

5 (UNIFESP – MODELO ENEM) – Nos reinados de Henrique VIII e de Elizabeth I, ao longo do século XVI, o Parlamento inglês "aprova 'pilhas de estatutos', que controlavam muitos aspectos da vida econômica, da defesa nacional, níveis estáveis de salários e preços, padrões de qualidade dos produtos industriais, apoio aos indigentes e punição aos preguiçosos, e outros desejáveis objetivos sociais".

(Lawrence Stone, 1972.)

Essas "pilhas de estatutos", ou leis, revelam a

- a) inferioridade da monarquia inglesa sobre as europeias, no que diz respeito à intervenção do Estado na economia.
- b) continuidade existente entre as concepções medievais e as modernas com relação às políticas sociais.
- c) prova de que o Parlamento inglês, já nessa época, havia conquistado sua condição de um poder independente.
- d) especificidade da monarquia inglesa, a única a se preocupar com o bem-estar e o aumento da população.
- e) característica comum às monarquias absolutistas e à qual os historiadores deram o nome de mercantilismo.

RESOLUÇÃO:

Henrique VIII (1509-47) e Elizabeth I/Isabel I (1558-1603) pertenciam à Dinastia Tudor, que estabeleceu na Inglaterra um absolutismo de fato (controle do rei sobre o Parlamento, que promulgava as leis). Nesse contexto, a legislação mencionada no enunciado corresponde, em sua parte econômica, à política mercantilista, caracterizada pela intervenção do Estado na economia.

Resposta: E

1. Revolução Inglesa

As revoluções inglesas compreenderam: a Revolução Puritana, de 1642 a 1649; o Protetorado de Cromwell, de 1649 a 1658, que corresponde à República; um intervalo de dois anos bastante confuso, que levou à restauração da Monarquia em 1660; a Revolução Gloriosa, completa em 1688.

Realmente, todos estes períodos revolucionários constituem uma única fase, que é a Revolução Inglesa, iniciada em 1640 e completada em 1688.

Conflito entre o rei e o Parlamento

Esta revolução tem sido analisada por causa da oposição do Parlamento à tentativa dos Stuarts de implantar o absolutismo em termos legais, pois ele existia de fato desde a época dos reis Tudors no século XVI.

Parece-nos, entretanto, que a situação é inversa. É o Parlamento, detentor do poder de direito, que agora tenta torná-lo de fato. Durante o século XVI, o absolutismo de fato tinha sua razão de ser, porque a burguesia necessitava do poder real forte para acabar com o poder dos senhores, reformar a Igreja e confiscar seus bens que foram postos em circulação no mercado, defender o Estado das pretensões imperialistas dos espanhóis e garantir a expansão comercial pelo Novo Mundo.

Depois de realizados esses objetivos, o poder absoluto tornou-se desnecessário, passando a constituir um peso morto que entravava o progresso da burguesia inglesa. Na fase em que o poder forte era necessário, muitos direitos lhe foram outorgados, como, por exemplo: governar por decretos, mediante a administração particular de livre escolha; controlar o poder judiciário e a religião; conceder monopólios a quem lhe aprouvesse para aumentar as rendas do Estado; cobrar impostos alfandegários; manter um exército permanente.

No fundo, o poder monárquico continuava ligado à nobreza, a quem abatera, com o objetivo de ter apoio contra a burguesia mercantil. As instituições do Estado, isto é, as leis, os órgãos de governo, a justiça, impediam a continuidade do desenvolvimento econômico desejado pela burguesia. Por exemplo, os proprietários rurais precisavam transformar as terras cultivadas por pequenos proprietários em pastos para a criação de ovelhas, atividade mais lucrativa que a agricultura, mas eram impedidos pelo rei, que protegia os pequenos proprietários nos seus tribunais.

Privilégios: vantagem que se concede a alguém com exclusão de outrem e contra o direito comum.

Importância histórica da Revolução Inglesa

A revolução burguesa na Inglaterra procurava eliminar os entraves ao desenvolvimento capitalista, cujo maior representante era o absolutismo real. A Revolução Gloriosa tornou-se, então, um marco importantíssimo nessa luta, pois nenhuma outra revolução se produziu na Inglaterra até hoje.

No plano da história europeia, a Revolução Inglesa precedeu a Revolução Francesa, constituindo exemplo para esta, a qual se iguala em importância histórica, e até mesmo a supera, por ter sido definitiva.

Com a morte de Isabel I, a Inglaterra foi governada por Jaime I, iniciando-se a dinastia dos Stuarts, de origem escocesa. Sua atuação absolutista chocou-se contra o Parlamento, que travou uma luta política com os Stuarts.



Jaime I, iniciador da dinastia Stuart, a qual representou a decadência do absolutismo inglês.



Carlos I presenciou a decadência da monarquia absolutista inglesa e morreu ao tentar preservá-la.

2. Fatores da Revolução Inglesa

Na Revolução Inglesa, os problemas econômicos, sociais e políticos misturaram-se aos religiosos.

Com o aumento de importância da agricultura (em 1640, a Inglaterra era responsável por quatro quintos do consumo europeu, já que o seu intenso comércio estimulou a produção de alimentos e matéria-prima), os

Puritanismo: vertente inglesa do protestantismo de linha calvinista.



Oliver Cromwell liderou o único período republicano da Inglaterra.



Chamou-se Revolução Gloriosa o movimento que levou Guilherme de Orange ao trono inglês.

empresários capitalistas passaram a investir na compra e exploração das terras, adotando técnicas e equipamentos que elevavam a produção. Com os pequenos proprietários, a quem se uniram, estavam interessados em expulsar das terras os seus antigos rendeiros. Mas esses rendeiros eram protegidos pelo rei, pelos nobres e pelos chefes da Igreja Anglicana, que estavam todos ligados à agricultura também e em nada queriam alterar a situação vigente. Os monopólios, concedidos pelo rei a alguns grandes capitalistas, e os **privilégios** (“herdados” da Idade Média), que tinham as corporações na produção de artigos artesanais nas cidades, constituíam outros motivos de insatisfação para a burguesia.

Empobrecidos pela concorrência burguesa na agricultura, os nobres viram sua riqueza diminuir ainda mais com a inflação (que enriquecia os burgueses); agarraram-se então às rendas do Estado, controlando a administração. Os burgueses, por outro lado, controlavam o poder local e elegiam seus representantes para o Parlamento.

Ao pretender aumentar os impostos pagos pela burguesia para manter os nobres (seu instrumento contra a ascensão burguesa, que ameaçava o poder real), o rei entrou em choque com o Parlamento, que se considerava o único com direito a legislar sobre essa matéria.

Rei e burgueses opuseram-se também por questões religiosas. O **puritanismo** tinha numerosos adeptos na burguesia, pois pregava o trabalho e a poupança, tão a gosto dessa classe social. O rei, para quem o controle da Igreja era um instrumento indispensável do poder, protegia a Igreja Anglicana e perseguia os que atacavam a religião oficial. Os conflitos religiosos entre puritanos e anglicanos foram, desse modo, a expressão de uma luta mais importante: o choque entre burguesia e realeza. A prova é que o primeiro movimento revolucionário pelo controle do poder na Inglaterra foi chamado Revolução Puritana.

3. A Revolução Puritana

A luta entre o Parlamento e o rei começou em 1628, quando o Parlamento impôs a Carlos I a “Petição dos Direitos”, pela qual problemas relativos a impostos, prisões, julgamentos e convocações do exército não poderiam ser executados sem a autorização parlamentar.

Carlos I disse que aceitava a imposição, mas não a cumpriu. Quando a reunião parlamentar do ano seguinte condenou sua política religiosa e o aumento dos impostos, o rei dissolveu o Parlamento e governou sem ele durante onze anos. As decisões que tomou durante esse tempo provocaram protestos em toda a Inglaterra.

A revolta começou na Escócia, com a tentativa de imposição do anglicanismo aos puritanos e presbiterianos, e logo se espalhou. Os rebeldes, que se negaram a pagar os novos impostos instituídos por Carlos I, foram condenados pelos tribunais reais em 1639 e 1640.

Em 1640, os problemas financeiros obrigaram o rei a convocar o Parlamento; este só funcionou durante um mês, pois foi dissolvido ao negar-se a aumentar os impostos, como queria Carlos I. Ainda nesse mesmo ano, foi reunido um novo Parlamento, que, durante os dezoito meses seguintes, transformou a administração da Inglaterra, perseguiu ministros do rei e passou a controlar a convocação do exército e a política religiosa.

Em 1641, a eclosão de uma revolta separatista na Irlanda forçou a organização de um exército, cujo comando foi negado ao rei. Tornou-se, então, obrigatória a reunião do Parlamento pelo menos a cada três anos, e o rei perdeu o direito de dissolvê-lo.

Ainda em 1641, porém, o Parlamento dividiu-se entre alguns líderes radicais (que queriam desapropriar as terras dos senhores religiosos) e a aristocracia unida aos burgueses capitalistas conservadores (que se sentiram ameaçados pelo povo e voltaram-se para o rei, “encarnação” da ordem e da segurança). Aproveitando-se disso, Carlos I tentou recuperar seu poder, indo contra as medidas parlamentares. Começou então a guerra civil no início de 1642.

O comando do exército parlamentarista foi dado a Cromwell, que revolucionou a organização militar da época, tornando-a muito mais eficiente. A ascensão aos postos começou a ser feita por merecimento, e não por nascimento, como antes. O povo pôde participar da revolução, pois foi organizado em grupos para discutir os problemas mais importantes. Embora precisasse dele na sua luta contra o rei, a burguesia começou a temê-lo, vendo que o povo começava a influir no curso dos acontecimentos.

O exército de Cromwell foi influenciado durante algum tempo pelas ideias democráticas de certos grupos artísticos, os “niveladores”, que não conseguiram, no entanto, convencê-lo de suas ideias radicais. A sua luta pelo poder favoreceu o aparecimento dos “escavadores”, proletários urbanos e rurais que não possuíam terras. Em 1649, quando se apossaram de terras no condado de Surrey e começaram a escavá-las, para demonstrar que elas lhes pertenciam, foram dizimados pelos soldados da República. O mesmo movimento surgiu em outras regiões da Inglaterra, mas em todas elas foi reprimido.

Muito disciplinado, o exército de Cromwell acabou por se tornar uma força política poderosa: ocupou cidades, pôs em fuga líderes do Parlamento e assumiu o controle da situação – destituiu a Câmara dos Lordes, aprisionou e depois mandou decapitar em praça pública o rei. A guerra civil culminou com a implantação da República em 1649.

4. Commonwealth

Com a República, começou a segunda fase da Revolução Puritana, a *Commonwealth*. Em poucos anos, Cromwell venceu Carlos II (filho de Carlos I) e dominou todo o Império Britânico. O “Ato de Navegação”, baixado em 1651 (os produtos importados pela Inglaterra só podiam ser transportados por navios britânicos ou pertencentes aos países produtores), provocou a luta com os Países Baixos, cujo comércio se baseava no transporte de mercadorias. Esse ato permitiu que fosse estabelecida a supremacia inglesa nos mares.

Cromwell governou com intolerância e rigidez, impondo a todos as suas ideias puritanas. Quando, em 1653, o Parlamento tentou limitar seu poder, Cromwell dissolveu-o e fez-se proclamar “Protetor” da Inglaterra, Escócia e Irlanda. A partir daí, governou com plenos poderes até a sua morte, em 1658.

Sucedeu-o seu filho Ricardo, que, não tendo as qualidades do pai, foi considerado incapaz e destituído do poder em 1659. Os burgueses desejavam a segurança, e os irlandeses e escoceses, a volta da realeza. O Parlamento procurou, então, Carlos II, que estava refugiado na Holanda. Ao ser restaurado no poder em 1660, Carlos II prometeu a anistia geral, a tolerância religiosa e o pagamento ao exército. Embora tudo parecesse continuar como antes, o Estado tinha sido reorganizado em outras bases: o rei era agora uma espécie de funcionário da nação, a Igreja Anglicana deixou de ser um instrumento do poder real e a burguesia já estava bem mais poderosa que a nobreza.

5. A Revolução Gloriosa

Sentindo-se totalmente limitado pelo Parlamento (que legislava sobre as finanças, a religião e as questões militares), Carlos II uniu-se secretamente a Luís XIV da França, rei católico e absolutista, o que o tornou suspeito ao Parlamento. Desse momento em diante, o rei não pôde mais interferir na política europeia sem o consentimento parlamentar.



Carlos II, deposto pelo parlamento e o último dos Stuart.

Seu irmão e sucessor, Jaime II, era católico e amigo da França. Como tomasse várias medidas a favor dos católicos, o Parlamento revoltou-se e chamou Maria Stuart e seu marido, Guilherme de Orange, dos Países Baixos, para assumir o governo em lugar do rei, que fugiu para a França.

Guilherme só foi proclamado rei (com o nome de Guilherme III) depois de ter aceitado a Declaração de Direitos, que limitava muito a sua liberdade e dava ainda mais poder ao Parlamento: o rei não podia revogar as leis parlamentares e o próprio trono podia ser dado pelo Parlamento a quem lhe aprovesse, após a morte do rei em função; as reuniões parlamentares e as eleições seriam regulares; o orçamento anual seria votado pelo Parlamento; inspetores controlariam as contas reais; os católicos foram afastados da sucessão; a manutenção de um exército permanente em tempo de paz foi considerada ilegal. Todas as decisões passaram a ser tomadas pelos ministros, sob a autoridade do lorde tesoureiro. O Tesouro passou a ser dirigido por funcionários que, na época das guerras, orientavam a política interna e externa. Em 1694, foi criado o Banco da Inglaterra, para emprestar dinheiro ao Tesouro e aconselhar seus funcionários.

Ficou assim organizado o tripé do desenvolvimento do capitalismo inglês, montado pela burguesia: o Parlamento, o Tesouro e o Banco da Inglaterra. E terminada, sem derramamento de sangue, a Revolução Gloriosa marcou a ascensão da burguesia ao controle total do Estado. Nesse sentido, ela pode ser considerada o complemento da Revolução Puritana.

Uma vez estabelecida no poder, a burguesia fez com que fossem retirados os obstáculos à sua expansão: a terra foi liberada para os comerciantes e completou-se a expulsão dos rendeiros. O desenvolvimento da Inglaterra, depois disso, foi enorme.

6. Cronologia do período estudado

- 1628:** Petição dos Direitos.
- 1641:** Revolta na Irlanda.
- 1642:** Início da Revolução Puritana.
- 1645:** Batalha de Naseby.
- 1649:** Implantação da República.
- 1651:** Ato de Navegação.
- 1653:** Protetorado de Cromwell.
- 1658:** Morte de Cromwell.
- 1688:** Revolução Gloriosa.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M310**

Exercícios Resolvidos

1 (FGV- MODELO ENEM) – “(...) nenhuma mercadoria produzida ou fabricada na África, Ásia e América será importada na Inglaterra, Irlanda ou País de Gales, Ilhas Jersey e Guernsey, e cidade de Berwick sobre o Tweed, outros navios senão nos que pertencem a súditos ingleses, irlandeses ou galeses e que são comandados por capitães ingleses e tripulados por uma equipagem com três quartos de ingleses (...) nenhuma mercadoria produzida ou fabricada no estrangeiro e que deve ser importada na Inglaterra, Irlanda, País de Gales, Ilhas Jersey e Guernsey deverá ser embarcada noutros portos que não sejam aqueles do país de origem (...)

(*English historical documents*,
Apud Pierre Deyon, *O mercantilismo*)

Esses são fragmentos do *Ato de Navegação*, que traz como decorrência para a Inglaterra

- a) a perda de vastos territórios coloniais para a Holanda e Portugal, pois a marinha inglesa de guerra ficou inferiorizada.
- b) o apoio, de forma decisiva, na formação dos Estados Gerais da República das Províncias Unidas, hoje Holanda.

- c) o acirramento das rivalidades econômicas com os holandeses e o fortalecimento do comércio exterior inglês.
- d) o reforço do absolutismo da Dinastia Tudor e a eclosão da Revolução Puritana, liderada pelos *levellers*.
- e) a garantia da presença do capital inglês na exploração do ouro e das pedras preciosas em Minas Gerais.

Resolução

O Ato de Navegação de 1651 foi uma medida mercantilista – e portanto protecionista – adotada pelo Parlamento Inglês durante a Revolução Puritana. Ao beneficiar o comércio marítimo inglês em detrimento da Holanda, essa lei acirrou a rivalidade anglo-holandesa e provocou três guerras que, ao final, consolidaram a hegemonia naval da Inglaterra.

Resposta: C

2 (UNIFESP – MODELO ENEM) – Nas outras monarquias da Europa, procura-se ganhar a benevolência do rei; na Inglaterra, o rei procura ganhar a benevolência [da Câmara] dos Comuns.

(Alexandre Deleyre. "Tableau de l'Europe". 1774)

Essa diferença entre a monarquia inglesa e as do continente deve-se

- a) ao rei Jorge III que, acometido por um longo período de loucura, tornou-se dependente do Parlamento para governar.
- b) ao fato da casa de Hannover, por sua origem alemã, gozar de pouca legitimidade para impor aos ingleses o despotismo esclarecido.
- c) ao início da rebelião das colônias inglesas da América do Norte contra o monarca, que o obrigou a fazer concessões.
- d) à peculiaridade da evolução política inglesa a qual, graças à Magna Carta, não passou pela fase da monarquia absolutista.
- e) às revoluções políticas de 1640 (Puritana) e 1688 (Gloriosa), que retiraram do rei o poder de se sobrepor ao Parlamento.

Resolução

O autor do texto compara a monarquia parlamentarista inglesa, criada pela Revolução Puritana e, principalmente, pela Revolução Gloriosa de 1688, com o absolutismo monárquico existente na Europa Ocidental antes de 1789.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Como se explica o rompimento das relações entre o rei Carlos I, da Inglaterra, e o Parlamento?

RESOLUÇÃO:

O rompimento se deu em virtude da recusa do Parlamento em se submeter às pretensões absolutistas do rei Carlos I.

2 “Esse movimento revolucionário criou as condições indispensáveis para a Revolução Industrial do século XVIII, limpando o terreno para o avanço do capitalismo.”

(José Jobson de A. Arruda; Nelson Piletti. *Toda a história: história geral e do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 175.)

a) A que movimento o texto se refere?

RESOLUÇÃO:

À Revolução Inglesa (entendida como a Puritana, de 1642 a 1649) e a Gloriosa, de 1688 a 1689).

b) Justifique a afirmação do texto.

RESOLUÇÃO:

As revoluções do século XVII destruíram o poder da nobreza tradicional; estimularam a acumulação burguesa de capital e limitaram a autoridade do rei, sujeitando-o ao Parlamento.

- 3 Em 1651, Oliver Cromwell promulgou o Ato de Navegação. Essa medida foi muito importante para a Inglaterra, porque
- provocou uma guerra com a Espanha.
 - estimulou a construção naval e o comércio.
 - consolidou a supremacia inglesa em relação à Espanha.
 - fortaleceu militarmente o Estado.
 - incentivou o comércio de intermediários exercido pela Holanda.

RESOLUÇÃO:

A Inglaterra necessitava de navios para transportar as mercadorias dos países com os quais comercializava.

Resposta: B

- 4 (UNESP) "...o período entre 1640 e 1660 viu a destruição de um tipo de Estado e a introdução de uma nova estrutura política dentro da qual o capitalismo podia desenvolver-se livremente."

(Christopher Hill, *A Revolução Inglesa de 1640*)

O autor do texto está se referindo

- à força da marinha inglesa, maior potência naval da Época Moderna.
- ao controle pela Coroa Inglesa de extensas áreas coloniais.
- à monarquia absolutista, com a crescente supremacia política do parlamento.
- ao desenvolvimento da indústria têxtil, especialmente dos produtos de lã.
- às disputas entre burguesia comercial e agrária, que caracterizaram o período.

RESOLUÇÃO:

Na Revolução Puritana, o poder real foi suprimido e instalou-se uma república que economicamente estava mais de acordo com os interesses burgueses.

Resposta: C

- 5 (FGV) – "O século XVII é decisivo na história da Inglaterra... Toda a Europa enfrentava uma crise em meados do século XVII e ela se expressava por meio de uma série de conflitos, revoltas e guerras civis."

(Christopher Hill. *O eleito de Deus – Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. p. 13.)

A esse respeito é correto afirmar:

- Durante o século XVII, a Inglaterra foi a única região que passou ao largo das turbulências político-sociais que sacudiram as monarquias europeias.
- A "Declaração de Direitos" (Bill of Rights), elaborada em 1689, estabeleceu a monarquia absolutista na Inglaterra, condição fundamental para o poderio britânico que se verificaria nos séculos XVIII e XIX.

- A chamada Revolução Gloriosa de 1688 consolidou a emergência dos grupos radicais, denominados niveladores e cavadores, em detrimento do poder da aristocracia senhorial inglesa.
- O resultado final da Revolução Inglesa foi a adoção de um pacto político e religioso entre a burguesia e a nobreza proprietária de terras, que garantiu o reconhecimento da supremacia papal sobre os assuntos religiosos da monarquia.
- Após a chamada Revolução Puritana, que resultou na execução do rei Carlos I, e a Revolução Gloriosa, que levou à deposição de Jaime II, a monarquia teve seu poder limitado, tendo que cumprir as leis votadas pelo Parlamento.

RESOLUÇÃO:

As Revoluções Puritana (1642-1649) e Gloriosa (1688) eliminaram a nobreza tradicional e o absolutismo, além de outros entraves feudais ao pleno desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra.

Resposta: E

- 6 (UNESP – MODELO ENEM) – Gerald Winstanley, líder dos escavadores da Revolução Puritana na Inglaterra (1640-1660), definiu a sua época como aquela em que "o velho mundo está rodopiando como pergaminho no fogo". Embora os escavadores tenham sido vencidos, a Revolução Inglesa do século XVII trouxe mudanças significativas, dentre as quais destacam-se a
- instituição do sufrágio universal e a ampliação dos direitos das assembleias populares.
 - separação entre Estado e religião e a anexação das propriedades da Igreja Anglicana.
 - liberação das colônias da Inglaterra e a proibição da exploração da mão de obra escrava.
 - abolição dos domínios feudais e a afirmação da soberania do Parlamento.
 - ampliação das relações internacionais e a concessão de liberdade à Irlanda.

RESOLUÇÃO:

As Revoluções Inglesas (preferentemente a "Revolução Inglesa") correspondem às rebeliões lideradas pela burguesia inglesa contra as tentativas absolutistas da Dinastia Stuart. A primeira delas foi a Revolução Puritana (1642-1660), durante a qual surgiram grupos radicais como os diggers (cavadores, preferentemente a "escavadores"). A abolição dos direitos feudais (preferentemente a "domínios feudais") ocorreu na Revolução Puritana; já a soberania do Parlamento foi um resultado da Revolução Gloriosa (1688).

Resposta: D

- Puritanos • Companhias de comércio
- Refugiados religiosos • Povoamento

1. Antecedentes da colonização

A Inglaterra, com a França e a Holanda, insere-se no quadro das navegações tardias.

No século XVI, enquanto Portugal e Espanha dominavam e monopolizavam as ricas regiões tropicais da América, as expedições inglesas não passavam de explorações no Novo Mundo. De fato, a colonização inglesa na América teve início no século XVII, e à Inglaterra não sobraram terras ricas e em abundância. Em comparação com as colônias luso-espanholas, as colônias da Inglaterra eram pobres e pouco desenvolvidas, pois localizavam-se em áreas de pouco ou quase nenhum interesse econômico para o mercantilismo reinante naquela época.

Derrotados pela França na **Guerra dos Cem Anos** (1337 a 1453), os ingleses acabaram mergulhando em uma guerra civil – a **Guerra das Duas Rosas** (1455 a 1485) –, que somente teve fim com a ascensão da Dinastia Tudor, a qual realizara a centralização do poder político.

Durante o reinado dos Tudors (1485 a 1603), com os reis Henrique VII, Henrique VIII e Isabel I teremos a consolidação do absolutismo na Inglaterra.

Com a morte de Isabel I, que não deixou herdeiros, deu-se a ascensão da Dinastia Stuart, da Escócia. O reinado dessa dinastia ocupou, praticamente, todo o século XVII e foi marcado pelos constantes conflitos entre o rei e o Parlamento.

Os Stuarts eram ferrenhos defensores do absolutismo e do mercantilismo. No entanto, ao Parlamento, que abrigava burgueses ricos e puritanos, interessava limitar os poderes reais no que diz respeito ao aumento de impostos e às leis que ferissem a relativa autonomia que esse órgão tinha adquirido historicamente.

Como meio de se impor ao Parlamento, os Stuarts iniciaram violentas perseguições aos burgueses. Esse

período de conflitos é denominado **Revolução Inglesa** e abrange: a **Revolução Puritana**, de 1642 a 1649; a **Revolução Gloriosa**, de 1688, que colocou a burguesia definitivamente no poder na Inglaterra.

Para muitos, ficar na Inglaterra era arriscado. Preferiram recomeçar a vida do outro lado do Atlântico, o que acabou impulsionando, ainda mais, a colonização da América.



O mapa indica as datas principais do processo explorador e colonizador inglês na América, que foi resultado de quase um século e meio de expedições.

2. O processo colonizador inglês

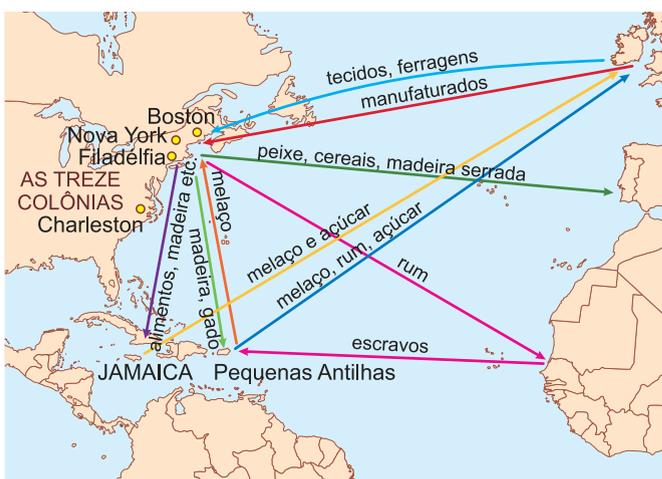
Os primórdios da colonização

Como vimos, durante a Dinastia Tudor, não foi dado um grande impulso colonizador. A preocupação dos reis dessa dinastia estava voltada mais para a consolidação do poder real, condição básica para as **Grandes Navegações**.

Durante o governo de Henrique VII, John Cabot (Giovanni Caboto) realizou a primeira expedição oficial do governo inglês, em 1497, em busca de uma rota para as Índias, e acabou morrendo durante a segunda tentativa, em 1498. Seu filho, Sebastian, continuou a busca iniciada pelo pai na Baía de Hudson, entre 1508 e 1509.

A tentativa de Cabot foi frustrada, mas acabou servindo, mais tarde, de fundamento para a Inglaterra reivindicar a sua parte dos territórios americanos.

O reinado de Elizabeth, marcado pelas rivalidades com a Espanha, intensificou as viagens à América, es-



timuladas pelos saques e pelo contrabando nas Antilhas.

Em 1585, Walter Raleigh, com permissão da rainha, armou uma expedição para a América e fundou a colônia da **Virgínia**. A experiência fracassou, em 1587, pois os colonizadores não resistiram aos ataques indígenas.

A colonização efetivou-se durante o reinado dos Stuarts, que favoreceu a criação das Companhias de Comércio, entregando a estas o monopólio do comércio e da colonização do Novo Mundo, além de conceder doações de propriedades.

Em 1606, a London Company, propriedade de Sir Thomas Smith, recebeu o direito de plantar e explorar a Virgínia. Mais tarde, a companhia passou a ser denominada Virginia Company. A expedição foi comandada pelo capitão John Smith. Apesar dos esforços e do desenvolvimento da plantação de tabaco, as mortes se avolumavam entre os colonos. O empreendimento foi considerado um fracasso e, em 1624, a Virginia Company foi dissolvida e o território voltou a ser uma colônia real.

Nessa mesma época, a Plymouth Company recebeu o direito de exploração no Norte, na região próxima ao Canadá, que posteriormente foi denominada Nova Inglaterra.

Esse território foi ocupado, efetivamente, a partir de 1620, quando o navio Mayflower desembarcou um pequeno grupo de povoadores de origem **puritana** (calvinistas), que fugiam às perseguições político-religiosas. Desse núcleo teve origem a colônia de Massachusetts.



Os ingleses que chegaram à América depararam-se com uma geografia muito variada que ia desde planícies e desertos até desfiladeiros.



Partida do Mayflower para a América.

Colônias do Sul

Em 1632, George Calvert (Lorde Baltimore) recebeu o privilégio de fundar uma colônia ao norte da Virgínia: nascia Maryland, um refúgio para os católicos perseguidos na Inglaterra. A Carolina foi fundada a partir de uma doação real feita a oito nobres em 1663. Originalmente estava dividida em três jurisdições, mas, em 1729, após uma sublevação de colonos contra o governo local, foi dividida em dois governos: Carolina do Norte e Carolina do Sul.

A Geórgia, localizada no extremo sul da ocupação inglesa, foi a última colônia a ser fundada. Em 1729, foi concedida por George II a um militar e acabou transformando-se em um refúgio aos presos por dívidas.

Colônias do Centro

Nova York, Nova Jersey, Delaware e Pensilvânia compõem as colônias do centro do território ocupado pela Inglaterra na América.

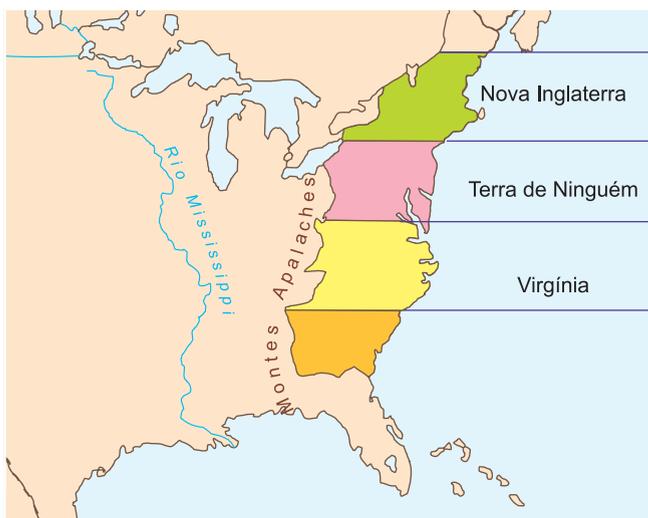
Para evitar conflitos entre o Norte e o Sul, ficou estabelecida uma região, pertencente à Coroa inglesa, denominada "Terra de Ninguém", entre os paralelos 38 e 41 graus.

Os holandeses se aproveitaram da ausência de colonos ingleses e, sob orientação da **Companhia das Índias Ocidentais**, fundaram nesse território Nova Amsterdã e o Forte Orange, dando início à colônia de Nova Holanda, que abrigava colonos de diferentes origens (finlandeses, alemães, suecos e negros livres).

3. A expansão das colônias

Colônias do Norte

A partir da colônia de Massachusetts, formaram-se as colônias de: Rhode Island, reconhecida por Carlos I em 1644; Connecticut, reconhecida em 1662; New Hampshire, reconhecida em 1679.



Ao norte, as colônias de povoamento; ao centro, a Terra de Ninguém separando o Sul explorador.

AS TREZE COLÔNIAS INGLESAS NA AMÉRICA



O processo original de ocupação das Treze Colônias.

Virgínia: o nome dessa colônia foi dado em homenagem à Elizabeth I, a "Rainha Virgem".



Porto de Londres no final do século XVI.

A ida de puritanos para a região desencadeou um processo de lutas entre holandeses e ingleses, que terminou em 1664, quando os holandeses aceitaram a supremacia da Coroa Inglesa. A região foi cedida ao duque de York. Mais tarde, o duque dividiu o território de Nova York com Sir George Cartaret, originando Nova Jersey, que, após a falência, em 1702, foi transformada em colônia real.

A Pensilvânia resultou da doação de um vasto território concedido por Carlos II a William Penn, em 1681, líder de uma seita nascida na Inglaterra, os **quakers**. Tal doutrina pregava a igualdade, o pacifismo e a humildade como regras de vida, estabelecendo que a salvação divina se estendia a todos, sem distinção de *status* social. Ao formar sua colônia, Penn prometeu garantir liberdade de pensamento e participação política a todos os colonos.

Delaware nasceu da compra de um território pertencente a Nova York por William Penn em 1682, visando garantir passagem livre para o Oceano Atlântico. Em 1701, com a assinatura das **Cartas de Liberdade**, Delaware tornou-se independente da Pensilvânia.

4. Diferenciações econômicas regionais entre as colônias

As regras econômicas estabelecidas para as colônias da América seguiam as orientações gerais do mercantilismo. Contudo, as variações climáticas acabaram por definir dois tipos distintos do processo colonizador na América.

As colônias do Norte e do Centro compunham o grupo das colônias de povoamento. Formadas em territórios de clima temperado, essas colônias foram marcadas pelo desenvolvimento da pequena e média propriedades, pela policultura e pelo trabalho livre. Quando muito, utilizava-se como forma de trabalho a servidão temporária (*indentured servant*), que consistia na aquisição de trabalhadores brancos por um pequeno período, mediante o pagamento das passagens destes da Europa para a América.

Os limites impostos pelo clima fizeram com que, nessas colônias, além da pequena produção agrícola, se desenvolvessem as indústrias manufatureira e de peixe salgado e o extrativismo vegetal.

Não havendo uma economia rica o suficiente para despertar a cobiça da Coroa, praticamente nesses territórios inexistia a rigidez do Pacto Colonial. Com isso, houve a possibilidade de formação dos triângulos comerciais, que interligavam a Nova Inglaterra, a qual negociava seus produtos com as Antilhas e a África. O



Escravos numa plantação de algodão.

resultado dessas transações era a obtenção de vários produtos e a comercialização de escravos pela Nova Inglaterra, propiciando a acumulação de capital, o desenvolvimento manufatureiro e o fortalecimento de uma burguesia na região.

Os territórios do Sul formaram as colônias de exploração, que se estabeleceram em regiões de clima tropical e subtropical, com base na grande propriedade agrícola, monocultora e escravista – a *plantation*. A sua produção era totalmente voltada para as necessidades da economia metropolitana.

5. A administração inglesa

O **autogoverno** talvez seja a característica mais significativa no processo de desenvolvimento das colônias norte-americanas. Esse **self-government** remonta a uma tradição inglesa formada com as revoluções do século XVII, de manutenção dos direitos fundamentais dos homens livres.

Essa mentalidade foi transportada para a América pelos colonos ingleses e logo se refletiu na importância dada à autonomia política local.

A tolerância religiosa também fez parte do processo colonizador inglês na América, já que, entre as colônias fundadas, muitas tiveram origens religiosas que não necessariamente eram a religião do rei.

Os governadores de cada colônia eram nomeados pela Coroa, porém, geralmente, saíam das elites locais. Seus poderes eram limitados pelas assembleias locais, e seus salários eram pagos pelos próprios colonos.

Em termos econômicos, à Coroa cabia o exercício do monopólio comercial e a criação de moedas e leis que impedissem o desenvolvimento da indústria e navegação, a fim de evitar a concorrência entre metrópole e colônias.

“A razão, ao que me consta por que ides àquele país. É o desejo de povoar essa terra longínqua e fazer uma nova plantação. Onde tereis boa terra em abundância para plantar e cultivar. A qual ninguém vos tirará nunca, enquanto assim o quiserdes.”

(Balada inglesa do século XVII, S. E. Morison e H.S. Commager, *História dos Estados Unidos da América*, tomo I, p. 57)



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M311**

Exercícios Resolvidos

1 (FATEC – MODELO ENEM) – A bordo do navio Mayflower, em 1620, um grupo de puritanos chegou ao Cabo Cod, no atual Estado do Massachusetts, no nordeste dos EUA, em busca de liberdade religiosa.

Os puritanos

- eram indivíduos desgarrados, aventureiros que buscavam riquezas.
- eram pessoas que, embora indesejáveis na Inglaterra, pretendiam enriquecer e para lá voltar.
- tinham o sonho de construir uma nova pátria, onde houvesse liberdade de culto.
- eram indivíduos desgarrados, que por serem anglicanos tiveram que abandonar seu país de origem.
- objetivavam unicamente ter uma nova pátria, que lhes desse muito lucro, apesar de serem protestantes perseguidos.

Resolução

Os puritanos, grupo calvinista inglês, ocuparam as colônias do norte dos “Estados Unidos”, tinham como ideal a fixação à nova terra, onde as comunidades gozariam de liberdade política e religiosa, e criariam uma “Nova Inglaterra”.

Resposta: C

2 (FGV – MODELO ENEM) – “O puritanismo era uma teoria política quase tanto quanto uma doutrina religiosa. Por isso, mal tinham desembarcado naquela costa inóspita, (...) o primeiro cuidado dos imigrantes (puritanos) foi o de se organizar em sociedade.”

Esta passagem de *A Democracia na América*, de A. de Tocqueville, diz respeito à tentativa

- malograda dos puritanos franceses de fundarem no Brasil uma nova sociedade, a chamada França Antártida.

- malograda dos puritanos franceses de fundarem uma nova sociedade no Canadá.
- bem-sucedida dos puritanos ingleses de fundarem uma nova sociedade no Sul dos Estados Unidos.
- bem-sucedida dos puritanos ingleses de fundarem uma nova sociedade no Norte dos Estados Unidos, na chamada Nova Inglaterra.
- bem-sucedida dos puritanos ingleses, responsáveis pela criação de todas as colônias inglesas na América.

Resolução

Os puritanos (calvinistas) fugiram para o Norte da América do Norte com o objetivo de começar uma nova vida, na qual não havia a possibilidade de retorno à terra natal. Por isso, a estruturação nesse novo território, de uma colônia com características de uma “colônia de povoamento”.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Justifique o atraso inglês na Expansão Marítimo-Comercial.

RESOLUÇÃO:

A Inglaterra passou por guerras (Cem Anos e Duas Rosas) que impediram a formação de um governo absolutista forte que criasse condições de estimular os empreendimentos náuticos.

2 Comente a importância das guerras de religião para a colonização inglesa na América.

RESOLUÇÃO:

Os constantes conflitos religiosos em razão da intolerância do governo absolutista forçaram a migração de grupos dissidentes minoritários e perseguidos para as áreas do Novo Mundo, em busca de refúgio.

3 Sobre a colonização inglesa da América do Norte, assinale a proposição **incorreta**.

- Enquanto a colonização oficial inglesa concentrou suas atenções nas colônias do Sul, a Nova Inglaterra pôde desenvolver o comércio triangular, embrião do industrialismo, e a produção diversificada, baseada no trabalho livre.
- A colonização do Sul baseava-se na grande propriedade, no escravismo e na produção especializada para o mercado externo.

- A inexistência de carga de torna-viagem, nas colônias do Centro-Norte, relegou-as a um segundo plano nos interesses ingleses, obrigando-as a desenvolver suas próprias manufaturas.
- A Guerra dos Sete Anos, embora envolvendo a Inglaterra e a França, não alterou as relações entre as Treze Colônias e a sua metrópole.
- As diferenças existentes na colonização inglesa na América do Norte levaram a um acentuado regionalismo, responsável pela Guerra de Secessão.

RESOLUÇÃO:

A Guerra dos Sete Anos alterou as relações coloniais, levando a metrópole a adotar uma política fiscalista que conduziu ao processo de independência.

Resposta: D

4 Aponte as diferenças regionais entre as colônias inglesas da América do Norte.

RESOLUÇÃO:

Colônias de povoamento: Norte, clima temperado, minifúndio, trabalho livre, policultura e desenvolvimento do mercado interno.

Colônias de exploração: Sul, clima tropical e subtropical, latifúndio, monocultura, escravismo e desenvolvimento do mercado externo.

5 Sobre o "autogoverno", no processo de colonização das Treze Colônias, é válida a seguinte afirmação:

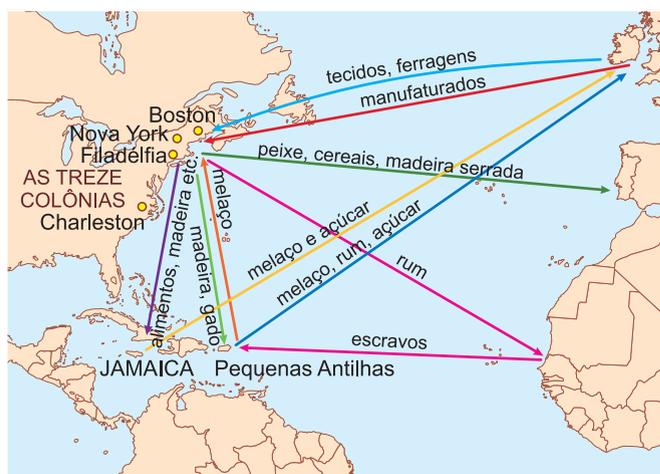
- Tratava-se de uma tradição inglesa o envio de funcionários da Coroa para a colônia, com poderes administrativos.
- Consistiu em uma forma de rebeldia das colônias em relação à Inglaterra.
- Tratava-se de um governo nas colônias, que tinha o controle dos fundos públicos e a tradição de autonomia.
- Os representantes coloniais eram eleitos e não estavam sujeitos à autoridade do Parlamento inglês.
- O "autogoverno" definia as questões econômicas da colônia.

RESOLUÇÃO:

A Inglaterra, mais preocupada com seus problemas internos, apenas confirmava algumas decisões dos governos coloniais.

Resposta: C

6 (UFMG – MODELO ENEM) – Observe o mapa em que estão representados os intercâmbios comerciais das Colônias Inglesas da América do Norte:



Considerando-se as informações desse mapa e outros conhecimentos sobre o assunto, é correto afirmar que

- as Antilhas Britânicas, com uma economia basicamente extrativista, ocupavam um papel secundário tanto para os interesses metropolitanos, quanto para os intercâmbios comerciais das Colônias Inglesas da América do Norte.
- as Colônias Inglesas do norte e do centro desenvolveram um intenso comércio intercontinental com as Antilhas, a África e a Europa, em detrimento das Colônias Inglesas do sul, que estavam isoladas.
- o comércio intercolonial e intercontinental se desenvolveu nas Colônias Inglesas da América do Norte, apesar das tentativas, ineficazes, de aplicação das Leis de Navegação por parte da metrópole.
- os comerciantes metropolitanos compravam diversos produtos manufaturados da América Inglesa, onde a atividade fabril era intensa, em razão da abundância de matérias-primas e de mão de obra barata.
- os comerciantes das Colônias Inglesas do sul da América do Norte conseguiram acumular capitais para investir na futura industrialização dos Estados Unidos.

RESOLUÇÃO:

O mapa apresenta as diversas formas de comércio triangular (praticamente, um contrabando) feito pelas colônias da Nova Inglaterra e que serviram como importante fonte de acumulação de capitais naquela região.

Resposta: C

Módulo

44

Absolutismo francês

Palavras-chave:

- Guerras de religião • Huguenotes
- Rei-Sol • Edito de Nantes

1. Introdução

No final do século XV e início do XVI, a monarquia francesa era uma das mais fortes no contexto europeu. Em 1494, a França tinha a extensão de 459 mil km²; em 1559, tinha 465 mil km². Os limites dos Estados eram imprecisos e geravam inúmeras discussões. A população girava em torno de 18 milhões de habitantes, tendo a Espanha de 8 a 10 milhões e a Inglaterra por volta de 4 milhões na mesma época.

Na área territorial do país, os grandes feudos, imunes ao poder real, desapareciam progressivamente. Em 1523,

os territórios do Duque de Bourbon, no Maciço Central, foram confiscados.

A partir da política interna, desenvolveram-se as relações exteriores: Carlos VIII (1483-1498), Luís XII (1498-1515) e Francisco I (1515-1547) preocuparam-se em expandir as fronteiras do reino, embora nem sempre com êxito.

Esses reis, completando a obra dos ancestrais dos últimos três séculos, organizaram a corte e o poder central. Em torno do rei, aglomeravam-se os conselheiros: príncipes, senhores feudais, bispos e militares. Esses nobres foram atraídos à corte, deixando suas propriedades para viver com o monarca.



Henrique de Guise,
chefe da Liga Católica.



Henrique IV, o
iniciador da Dinastia Bourbon.



Francisco I, o rei que
assinou a Concordata de Bolonha.

2. A organização do poder real

O **Conselho do Rei** era um órgão de grande importância, embora não tivesse atribuições fixas nem composição permanente. Era também chamado Conselho Privado ou Conselho de Estado, ocupando-se dos principais problemas relativos à política interior e exterior.

A grande dificuldade do exercício do poder estava nas províncias. A efetivação das **ordenações** reais encontrava nessas áreas sérios obstáculos: a oposição dos senhores, **ciãos** de suas prerrogativas; as liberdades das províncias, que vinham da Idade Média; os privilégios adquiridos de longa data pelas cidades e vilas; a distância que separava as regiões e colaborava para o isolamento, em decorrência das condições difíceis de comunicação. Mesmo assim, a organização progrediu. A distribuição da justiça foi melhorada, com a criação de dois tribunais chamados **Parlamentos**, que funcionavam em Rennes e Aix-en-Provence, limitando bastante a justiça feudal e eclesiástica. A ordenação de 1539 substituiu o latim pelo francês na redação dos julgamentos e **atas notárias**.

No setor financeiro, foi criado o **Tesouro Central**, incumbido de receber as contribuições tributárias. Em 1542, foram instituídas as **Intendências**, encarregadas de arrecadar os impostos localmente. O problema fundamental dessa administração era o cargo vitalício e hereditário. Um administrador não podia ser afastado de seu cargo, podendo transferir a terceiros ou deixar a herança a quem designasse.

Pela **Concordata de Bolonha**, realizada em 1516, o rei Francisco I adquiriu o direito de nomear os bispos e abades do reino. Havia a necessidade de confirmação papal, mas tratava-se de mera formalidade. O alto clero passou a ser controlado pelo rei, sendo dele dependente.

3. As guerras de religião

Depois de Henrique II (1547-1559), sucessor de Francisco I (1515-1547), o poder real esfacelou-se em virtude das guerras religiosas. Por volta de 1520, apareceram na França os primeiros protestantes. Seu número aumentou rapidamente em todas as camadas sociais, mas principalmente entre os burgueses e nobres opostos à centralização excessiva do poder real. A França tinha 18,5 milhões de habitantes, dos quais os protestantes representavam apenas 1,5 milhão. Com Francisco II (1559-1560), o poder era exercido praticamente pela família De Guise, que liderava o partido católico.

Os protestantes tentaram atrair o rei para o seu partido durante a conspiração de Amboise, que terminou com uma violenta reação católica de Antônio De Guise, massacrando os protestantes em Vassy. Com a ascensão de Carlos IX (1560-1574), menor de idade, as coisas se complicaram ainda mais. A rainha-mãe, Catarina de Médici, tentava conduzir a política do trono, equilibrando-se entre protestantes e católicos.

O casamento de um príncipe da casa Bourbon com a rainha protestante de Navarra abriu perspectiva para que o herdeiro, Henrique de Navarra e Bourbon, pudesse chegar ao trono. O medo de uma conspiração protestante levou Catarina de Médici e o líder católico De Guise a convencerem Carlos IX de que havia uma



Catarina de Médici, a mãe de Carlos IX, que, com o líder católico Henrique De Guise, amou a trama da Noite de São Bartolomeu.

Ordenação: ato ou efeito de ordenar, investir.

Cioso: que tem ciúme; ciumento.

Ata notária: documento firmado por um escrivão público.

Exortado: aconselhado; induzido; persuadido.



A guerra religiosa na França, no século XVI, culminou com o massacre de centenas de protestantes na Noite de São Bartolomeu.

conspiração protestante. Dois mil protestantes foram assassinados na **Noite de São Bartolomeu**, em 24 de agosto de 1572, entre os quais estava o almirante Gaspar de Coligny. A guerra entre os dois partidos tornou-se violenta, com a participação de voluntários de toda a Europa, **exortados** pelo papa.

4. A ascensão dos Bourbon

Henrique IV (1589-1610)

Com a ascensão de Henrique III (1574-1589), irmão de Carlos IX, continuava a tutela exercida pela "Santa Liga Católica", de Catarina de Médici e da família De Guise. Amedrontado, Henrique III mandou assassinar Henrique De Guise, provocando uma rebelião dos católicos. Apoiado por Henrique de Navarra, líder protestante, Henrique III tentou reconquistar Paris, mas foi assassinado. Seu herdeiro legal era Henrique de Navarra, que precisou **abjurar** o protestantismo para ascender ao trono. A frase "**Paris bem vale uma missa**", pronunciada pelo rei, confirmou seu interesse pelo poder.

Dessa forma, teve início a dinastia Bourbon, em substituição à dinastia Valois. Pelo **Edito de Nantes** (1598), o novo rei, Henrique IV (1589-1610), concedeu liberdade religiosa aos protestantes, dando-lhes o direito de manter algumas praças-fortes.



O Cardeal de Richelieu foi figura fundamental para o absolutismo francês.

Abjurar: renunciar solenemente a religião ou a crença.

Luís XIII (1610-1643)

Quando Henrique IV morreu, subiu ao trono Luís XIII. Seu governo foi inicialmente conduzido por Maria de Médici e pelo primeiro-ministro, Cardeal de Richelieu, que tomou as primeiras medidas para conseguir a centralização do poder e tornar a França uma potência na Europa.

Internamente, perseguiu nobres e protestantes que colocassem em risco o poder real. Destruuiu a fortaleza (praça-forte) de La Rochelle, onde os protestantes se refugiavam, acabando com seus direitos políticos e militares, mantendo apenas sua liberdade de culto.

Externamente, participou da **Guerra dos Trinta Anos** (1618-1648) para diminuir o poder dos Habsburgos e garantir os interesses da França na Europa.

A teoria do poder absoluto, em franco progresso, delineou os princípios fundamentais do poder de fato e de direito divino. O rei era apresentado como representante de Deus na Terra, estabelecendo o caráter sagrado do seu poder.



Saiba mais

Considerado por muitos o pai das fábulas modernas, **Jean de La Fontaine (1621-1691)** acrescentava uma forte carga moral em seus escritos.

Escreveu e reeditou muitas fábulas (entre elas, algumas de Esopo): *A Lebre e a Tartaruga*, *O Menino e a Mula*, *O Leão e o Rato*, *O Carvalho e o Caniço*, *A Reunião dos Ratos*, *A Gansa dos Ovos de Ouro* (e não a galinha), *A Cigarra e a Formiga*, *A Raposa e as Uvas*, entre outras.

Alexandre Dumas (1802-1870) ambientou um de seus famosos romances na época de Richelieu – *Os Três Mosqueteiros*.

A obra conta a história de um jovem proveniente da Gasconha, D'Artagnan, que vai a Paris buscando se tornar membro do corpo de elite dos guardas do rei, os mosqueteiros. Chegando lá, após acontecimentos singulares, ele conhece três mosqueteiros chamados "os inseparáveis": Athos, Porthos e Aramis. Juntos, os quatro enfrentarão grandes aventuras a serviço do rei da França, Luís XIII, e principalmente da rainha, Ana d'Áustria.

Encontram seus inimigos na pessoa do Cardeal Richelieu e seus guardas, além de Milady, uma bela mulher a serviço de Richelieu, que já foi casada com Athos. Essa lista também inclui os huguenotes e os ingleses, inimigos da Coroa Francesa.

No fim, vencendo todos os perigos que os esperavam, distinguindo-se nas guerras contra os inimigos da França e salvando a rainha Ana d'Áustria, despedem-se, ficando apenas D'Artagnan a serviço da rainha, entre os mosqueteiros reais.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Tr%C3%AAs_Mosqueteiros)



O cardeal italiano Giulio Mazzarino, sucessor de Richelieu no cargo de primeiro-ministro, durante a menoridade de Luís XIV.



Luís XIII, tutelado pelo cardeal Richelieu, faleceu com pouca idade.

Luís XIV: um Sol governa a França (1643-1715)

Luís XIV subiu ao trono aos cinco anos de idade, sob a regência de sua mãe e do primeiro-ministro, cardeal Mazzarino, que continuou a obra de Richelieu, conseguindo manter a França, na política externa, como potência hegemônica da Europa, sombreando a Espanha a partir do Tratado dos Pirineus, em 1659.

Na política interna, Mazzarino conviveu com uma guerra civil que se alastrou por mais de quatro anos, conhecida como as guerras da Fronda, em que a burguesia de Paris e a nobreza lutavam contra a excessiva centralização imposta pelo cardeal.

Com a morte de Mazzarino, em 1661, Luís XIV assumiu as funções de rei e ministro, fazendo recuar as instituições governamentais que cresceram na época do ministério de Mazzarino. Afastou dos altos postos do governo os ministros permanentes e os conselhos, base do governo no período anterior, relegados a um plano secundário. Dirigiu o Estado com o auxílio de secretários e do diretor-geral das finanças, Colbert, alcançando em seu governo o auge do absolutismo. Era visto como herói, protetor das artes, defensor da Igreja, legislador e defensor dos fracos contra os fortes.

Por meio das *lettres de cachet* (cartas régias) e dos comissários, o rei impôs sua vontade aos particulares e às instituições. O Exército mercenário, pago pelo Estado e a serviço do rei, garantia a execução das leis. Suas ideias absolutistas foram sintetizadas na célebre frase "**L'État c'est moi**" (O Estado sou eu).

No plano social, Luís XIV promoveu a ascensão da burguesia, escolhendo seus ministros nesta classe. Equiparou os grandes ministros aos nobres tradicionais. A nobreza foi domesticada, atraída a Versalhes, onde se arruinou pelo luxo da corte, incompatível com suas rendas reduzidas. Os nobres que se acervavam do rei obtinham pensões, postos de comando no Exército e o direito de governar províncias. A guerra era um meio de lhes dar condições de subsistência. Em suma, o rei equilibrava-se sobre as duas ordens sociais, com ligeiro favoritismo para a burguesia.

Durante o reinado do Rei-Sol, sob um poder central grandemente fortalecido, incrementaram-se a industrialização e o comércio interno da França. As importações foram restringidas, estimulando-se as exportações. A abertura de vias terrestres e fluviais facilitava as comunicações.

No plano internacional, a França adotou uma política de constante agressão aos países vizinhos, em busca da hegemonia europeia, o que desestabilizou as finanças francesas. A revogação do Edito de Nantes, em 1685, acabou debilitando ainda mais o erário francês, pois provocou a saída de quase 200 mil huguenotes do país, em sua maioria ligados à economia: industriais, comerciantes, artesãos etc.



Luís XIV, o Rei-Sol. Considerado o maior de todos os reis bourbons.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M312**

5. Cronologia do período estudado

1453: Fim da Guerra dos Cem Anos.

1461-1483: Reinado de Luís XI.

1572: Massacre dos protestantes franceses na Noite de São Bartolomeu.

1589: Início da dinastia Bourbon, com Henrique IV.

1598: Promulgação do Editto de Nantes, por Henrique IV, dando liberdade religiosa aos protestantes na França.

1643-1715: Reinado de Luís XIV, o Rei-Sol.

1685: Revogação do Editto de Nantes por Luís XIV.

Exercícios Resolvidos

1 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “A corte de Luís XIV era numerosa e precisava obedecer a um rigoroso cerimonial. Todos os atos do monarca constituíam um ritual, desde seu despertar, pela manhã, até à hora em que ia dormir. Ele praticamente não tinha vida privada, como concebemos hoje. Até mesmo sua vida íntima era compartilhada por pessoas que o acompanhavam no dia a dia.”

(Luiz Koshiba)

O reinado de Luís XIV é considerado

- a) o início da decadência do absolutismo francês, quando o rei se viu forçado a convocar a Assembleia dos Estados Gerais para pôr fim à crise econômica que ameaçava o Estado.
- b) o do “Rei-Sol”, a época de maior prosperidade política e econômica na História da

França, quando não se travou nenhuma guerra.

- c) o auge da ação revolucionária da burguesia parisiense, que deixou de aceitar os privilégios da nobreza e derrubou a Bastilha para pôr fim às arbitrariedades do governo.
- d) o ponto alto do absolutismo na França, que contou com Jean-Baptiste Colbert como ministro das finanças, responsável por manter a economia em grande atividade.
- e) a fase mais violenta das guerras de religião na França, como ficou assinalado com o episódio conhecido como “A noite de São Bartolomeu”.

Resolução

Luís XIV, considerado modelo de monarca absolutista, sustentou o Estado Moderno francês através do mercantilismo “industrial” (produção de artigos de luxo) implementado por Colbert.

Resposta: D

2 (PUC-MG – MODELO ENEM) – “O Estado sou eu.” Essa frase de Luís XIV, rei de França, expressa de fato

- a) a indefinição de funções no Antigo Regime.
- b) o conceito de nação nos Tempos Modernos.
- c) o nacionalismo exacerbado da transição feudo-capitalista.
- d) o poder ilimitado dos reis no Estado Absolutista.
- e) a identificação dos monarcas com suas nações.

Resolução

Luís XIV (conhecido também como o “Rei-Sol”) é considerado a personificação do absolutismo, da centralização do poder real, sem quaisquer limites institucionais reconhecidos.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 O que foi a Noite de São Bartolomeu, ocorrida no reinado de Carlos IX na França?

RESOLUÇÃO:

Foi o massacre executado por católicos contra os protestantes nas ruas de Paris, dentro do contexto das guerras de religião.

2 Quando Henrique de Navarra assumiu o trono francês, com o título de Henrique IV, pronunciou uma frase célebre: “Paris bem vale uma missa.”

Qual o significado dessa expressão?

RESOLUÇÃO:

Henrique IV decidira abjurar do protestantismo para se tornar católico e assim assumir como rei da França.

3 Durante o reinado de Luís XIII, na França (1610-1643), o país foi dirigido pelo Cardeal de Richelieu, que se destacou, entre outras realizações,

- a) pela oposição ao mercantilismo e o estímulo a uma política econômica liberal na França.
- b) pela perseguição religiosa contra os protestantes, não permitindo a liberdade de culto.
- c) pela eliminação do poder político da nobreza, consolidando o absolutismo.
- d) pelo isolamento da França na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).
- e) pela perseguição à burguesia, desalojando-a de suas atribuições econômicas.

RESOLUÇÃO:

Richelieu desenvolveu uma política de fortalecimento do poder real, que fora abalado pelas guerras de religião.

Resposta: C

4 A política de Richelieu, durante o reinado de Luís XIII, na França, visou

- evitar qualquer envolvimento nos conflitos entre a nobreza e a burguesia emergente.
- reprimir grupos protestantes, como efetivamente o fez na Noite de São Bartolomeu.
- criar condições para pôr um fim à chamada “Guerra dos Três Henriques”.
- criar condições para a implementação dos dispositivos do Edito de Nantes.
- aumentar o poder real, abalado que fora pelas guerras e disputas religiosas.

RESOLUÇÃO:

Os nobres católicos e protestantes constituíram verdadeiros exércitos no contexto das guerras de religião e impediram a plenitude do poder real.

Resposta: E

5 A consolidação do absolutismo real, na França, resultou da ação de seu primeiro-ministro Richelieu.

Externamente, o cardeal

- liquidou o poder naval da Inglaterra.
- iniciou a colonização francesa na América.
- enfraqueceu a Dinastia de Habsburgo, atacando-a durante a Guerra dos Trinta Anos.
- aliou-se à Espanha contra a Holanda.
- formou, com a Inglaterra e a Rússia, a Tríplice Entente contra o Império Germânico.

RESOLUÇÃO:

A guerra resultou no enfraquecimento da Espanha e do Sacro Império e na ascensão da França e da Inglaterra como potências.

Resposta: C

6 (UFRGS – MODELO ENEM) – Observe a figura a seguir, que representa a construção da imagem do Rei-Sol.



Luís XIV assumiu o poder monárquico francês em 1661 e, em pouco tempo, impôs à França e à Europa a imagem pública de um Rei-Sol todo poderoso. Toda uma máquina de propaganda foi colocada a serviço do rei francês. Escritores, historiadores, escultores e pintores foram convocados ao exercício da sua glorificação. O mito de Luís XIV foi criado em meio a mudanças socioeconômicas e políticas na França do século XVII.

A esse respeito, considere as seguintes afirmações:

- Luís XIV, rei por direito divino, suscitou a admiração de seus pares europeus, Versalhes foi copiada por toda a Europa, o francês consolidou-se como língua falada pela elite europeia. Porém, sombras viriam a ofuscar o Rei-Sol, visto que a oposição exilada começou a denunciar a autocracia do monarca francês.
- Para restabelecer a paz no reino, após a rebelião da Fronde e a Guerra dos Trinta Anos, e dedicar-se à consolidação da cultura francesa como universal, Luís XIV devolveu o poder das províncias às grandes famílias aristocráticas.
- A fim de criar uma imagem pública positiva e democrática, Luís XIV organizou a partilha do poder de Estado com o Parlamento e com o Judiciário, dando início à divisão dos três poderes, cara a Montesquieu e fundamental para os novos rumos da política europeia.

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas II.
- Apenas III.
- Apenas I e III.
- Apenas II e III.

RESOLUÇÃO:

A afirmativa II está incorreta, porque Luís XIV concentrou o poder em suas mãos, esvaziando o poder da nobreza e tornando-a dependente do Estado.

A afirmativa III está incorreta, porque contraria o enunciado da questão, tendo em vista que Luís XIV internamente investiu na construção da imagem de um rei forte e poderoso; e na política externa procurou impor a hegemonia francesa na Europa.

Resposta: A

ARTES

Educação Artística - Módulos

- 17 – Rococó
- 18 – Neoclassicismo
- 19 – Romantismo
- 20 – Realismo
- 21 – O *Art Nouveau*
- 22 – Impressionismo



Jardim de Monet em Giverny
A luminosidade e a cor transmitindo alegria

Módulo

17

Rococó

Palavras-chave:

- Concha
- Estilo regênciã • Decorativo

1. Introdução

A palavra “rococó” vem do francês *rocaille*, ou seja, “concha”, motivo predileto da ornamentação do século XVIII, particularmente entre 1715 (morte de Luís XIV) e 1730. Esse estilo entrou em vigor, portanto, durante a regência de Felipe de Orleans, entre o reinado de Luís XIV e Luís XV, e na França passou a ser chamado de “estilo regênciã”.

O grande século da história e da civilização francesa, o século XVII, foi também a época em que a França vivenciou uma experiência de arte autônoma, o seicentismo, em absoluta coerência com seu momento histórico, no período absolutista de Luís XIV.

O Rococó é um maneirismo, essencialmente decorativo, derivado do Barroco, que se desenvolveu depois do primeiro quartel do século XVIII e se prolongou até o final do século. O movimento dominou quase todas as cortes europeias, especialmente na França e na Alemanha. No entanto, também deixou marcas profundas na Espanha, Portugal, Itália e nos Países Baixos, sendo o último estilo universal da Europa.

O Rococó pode ser considerado uma “arte pela arte”, com ritmos **assimétricos**, curvas e contracurvas, linhas leves, alegres e graciosas. É uma arte sensual, erótica, o último estilo em que o “belo” e o “artístico” são sinônimos.



Boucher (1703-1770), na tela Diana depois da Caçada, mostra toda a sensualidade feminina.

Assimétrico: que não apresenta simetria.

Tentando representar a beleza e a alegria sem maiores compromissos, o Rococó acompanhou o espírito do seu tempo, refletindo a atitude natural de uma sociedade passiva, **frívola** e cansada, que se voltou para a arte a fim de que esta lhe desse prazer e repouso.

2. Pintura

As cores leves do **pastel** – cinza, prata, rosa e verde, em seus vários matizes – foram adotadas. Os fundos são naturais, assim como as roupagens e as perucas, e os rostos se avivam como **carmim**. Os quadros do estilo apresentam pequenas dimensões, podendo-se dizer agora que a pintura deseja ser, acima de tudo, agradável e sugerir o prazer da vida.

Os maiores expoentes do período na Itália foram Piazzetta e Guardi. Na França, destacaram-se Watteau, Boucher (considerado o mestre do gênero erótico), Fragonard, Chardin e Nattier, retratistas cujos quadros transpareciam leveza e frivolidade ímpares.

3. Arquitetura

A arquitetura, não esquecida da Renascença Italiana e aplicando a dinâmica e os ímpetus barrocos italianos, criou formas solenes, por suas dimensões, proporções e ordens.

O classicismo do estilo Luís XIV desapareceu progressivamente. Na França, o Barroco tornou-se gracioso, cabendo ao Rococó maior desenvolvimento na decoração dos interiores.

No aspecto externo dos edifícios, as ordens clássicas perderam importância, dando-se destaque a pequenas dimensões típicas do estilo. Uma sala pequena substituiu as imensas salas do período Luís XIV. Os



Fragonard (1732-1806), *Banhistas*, óleo sobre tela.



Chardin (1699-1779), *A Boa Educação*.

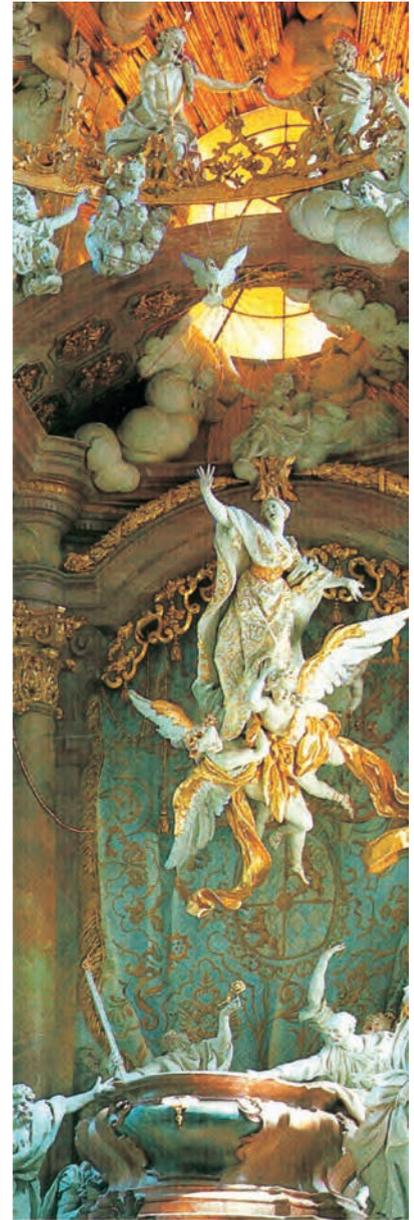
grandes espaços dos palácios são substituídos pela intimidade dos pequenos apartamentos. Em lugar das grandes estruturas internas, aparecem muitas paredes dividindo os ambientes com estreitas faixas verticais, que separam painéis com motivos naturalistas.

O Rococó manifestou-se principalmente na decoração dos espaços interiores, que se revestiram de abundante e delicada decoração.

4. Escultura

O estilo rococó substituiu os volumes que indicam o vigor e a energia do Barroco por linhas suaves e graciosas. A escultura tornou-se intimista e, geralmente, procurou retratar as pessoas mais importantes da época, como os iluministas esculpidos por Houdon.

Durante o século XVIII, os escultores rococós criaram modelos para a manufatura de estatuetas, reproduzindo temas mitológicos, bucólicos e da sociedade cortesã, incluindo-se o uso da porcelana, muito difundida na Europa desde o século XVII.



Cosmas Damian Asam (1686-1739) e Egid Quirin Asam (1692-1750), irmãos, arquitetos e decoradores do Rococó alemão, *Assunção de Nossa Senhora*, em Rohr.

Frívolo: sem importância; sem valor; fútil; leviano, volúvel.

Pastel: pigmentos pulverizados e misturados com goma em forma de bastões para desenhar; pintura ou esboço feito com esse tipo de lápis;

cor de tom leve e claro.

Carmim: matéria corante, de um vermelho muito vivo.



1. O Rococó e a era da razão

2. Watteau

1. O Rococó e a era da razão

No século XVIII, as instituições inglesas e o gosto inglês tornaram-se os modelos admirados de todos os povos da Europa que ansiavam pelo governo da Razão, pois na Inglaterra a arte não tinha sido usada para enaltecimento do poder e a glória de governantes por direito divino. O público servido por Hogarth, até as pessoas que posavam para os retratos de Reynolds e Gainsborough, eram mortais comuns. Recorde-se que também na França a maciça grandiosidade barroca de Versalhes tinha passado de moda no começo do século XVIII, a favor dos efeitos mais delicados e íntimos do rococó de Watteau. Todo esse mundo de deslumbramento aristocrático começava agora a declinar. Os pintores passavam a observar a vida dos homens e mulheres comuns de seu tempo, a desenhar episódios comoventes ou divertidos que pudessem ser desenrolados numa história. O maior deles foi Jean Siméon Chardin (1699-1779), um pintor dois anos mais moço do que Hogarth. (O quadro *Le Bénédicité – Oração de Graças*, 1739 – um quadro simples com uma mulher pondo o jantar na mesa e pedindo a duas crianças que rezem à Ação de Graças.) Chardin gostava desses tranquilos vislumbres da vida de pessoas comuns. Assemelha-se ao holandês Vermeer, no modo como sente e preserva a poesia de uma cena doméstica,

sem cuidar de efeitos impressionantes ou alusões significativas. Mesmo a sua cor é calma e comedida, e, em comparação com as pinturas cintilantes de Watteau, as suas obras podem parecer que carecem de brilho. Mas, se as estudarmos no original, logo descobrimos nelas uma discreta mestria na sutil gradação de tons e no arranjo aparentemente ingênuo da cena que fazem de Chardin um dos mais adoráveis pintores do século XVIII.

(E. H. Gombrich. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. pp. 371-372)

2. Watteau

Pode-se compreender que ao norte dos Alpes, não menos do que na Itália, as artes individuais fossem arrebatadas na orgia de decoração e perdessem muito de sua importância independente. Houve, é claro, pintores e escultores distintos no período de 1700, mas talvez só existisse um mestre cuja arte se compara à dos grandes pintores da primeira metade do século XVII. Esse mestre foi Antoine Watteau (1684-1721). Watteau era oriundo da Bélgica, mas instalou-se em Paris, onde faleceu aos 37 anos de idade. Também projetou decorações de interiores para os palácios da nobreza, a fim de fornecer o fundo apropriado para as festas da sociedade cortesã. Mas dir-se-ia que as festas reais não satisfaziam a imaginação

do artista. Ele começou a pintar suas próprias visões de uma vida divorciada de todas as privações e trivialidades, uma vida fictícia de alegres piqueniques em parques de sonho onde nunca chove, de saraus musicais onde todas as damas são belas e todos os enamorados graciosos, uma sociedade em que todos se vestem de refulgentes sedas sem ostentação, e onde a vida dos pastores e pastoras parece ser uma sucessão de minuetos. De uma tal descrição poder-se-ia ter a impressão de que a arte de Watteau é excessivamente amaneirada e artificial. Para muitos, passou a refletir o gosto da aristocracia francesa do começo do século XVIII, que é conhecido como o período rococó – a predileção por cores e decorações delicadas que sucederam ao gosto mais robusto do período barroco e que se expressou em alegre frivolidade. Mas Watteau era um artista grande demais para ser um mero expoente das modas de seu tempo. Pelo contrário, foram os seus sonhos e ideais que ajudaram a modelar o estilo rococó. Assim como Vandyke, ajudara a criar a ideia de desenvoltura cavalheiresca que associamos às pessoas de nobre estirpe, também Watteau enriqueceu o nosso cabedal de imaginação, graças à sua visão de galanteria espirituosa.

(E. H. Gombrich. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. pp. 357-358)

Exercícios Resolvidos



- 1 (MODELO ENEM) – Com base na observação do quadro ao lado, é possível afirmar que
- o quadro apresenta uma temática política, pela disposição dos personagens. A nobreza está sendo derrubada por elementos populares que a puxam para baixo.
 - apresenta o espírito do seu tempo, refletindo a atitude natural de uma sociedade passiva, frívola e cansada.
 - destaca-se o contraste entre o claro e o escuro, e a temática religiosa do Barroco francês.
 - representa um quadro típico do Renascimento, pela forma equilibrada como os personagens estão dispostos e pela temática evidentemente clássica.
 - evidencia os princípios de racionalidade, de proporção, de medida, de ordem e de limpidez dentro da temática Impressionista.

Resolução

O Rococó tenta representar a beleza e a alegria sem maiores compromissos, acompanhando o espírito do seu tempo, refletindo a atitude natural de uma sociedade aristocrática.

Resposta: B

Jean Honore Fragonard – imagem disponível em <http://www.artnet.com/artwork/424550655/424322656/la-coquette-fixee.html>

2 (MODELO ENEM) – O Rococó entrou em vigor durante a regência de Felipe de Orleans, entre o reinado de Luís XIV e Luís XV, e por isso, na França, passou a ser chamado de “estilo regência”. O movimento dominou quase todas as cortes europeias, especialmente na França e na Alemanha. No entanto, também deixou marcas profundas na Espanha, Portugal, Itália e nos Países Baixos, sendo o último estilo universal da Europa. É uma arte sensual, erótica, o último estilo em que o “belo” e o “artístico” são sinônimos. Tentando representar a beleza e a alegria sem

maiores compromissos, este estilo acompanhou o espírito do seu tempo, refletindo a atitude natural de uma sociedade passiva, frívola e cansada, que se voltou para a arte a fim de que esta lhe desse prazer e repouso.

A respeito do texto é correto afirmar que

- a) o estilo regência é o nome pelo qual o Rococó é conhecido em toda a Europa.
- b) Rococó é um estilo presente apenas na França.
- c) o estilo pode ser identificado com as práticas religiosas existentes em Portugal e na Espanha.

- d) o Rococó pode ser entendido como uma arte que reflete a vida da corte.
- e) o vigor, o racionalismo e o engajamento político são as características mais marcantes desse período.

Resolução

O estilo rococó refletia os valores aristocráticos, principalmente os fúteis, buscando oferecer pela arte algum prazer que levasse ao esquecimento dos problemas reais.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 De uma maneira geral, caracterize o Rococó.

RESOLUÇÃO:

O estilo rococó pode ser caracterizado como requintado, aristocrático e decorativo.

2 Qual a relação entre o Rococó e a aristocracia?

RESOLUÇÃO:

O Rococó refletia os valores aristocráticos, principalmente os fúteis, buscando oferecer na arte algum prazer que levasse ao esquecimento dos problemas reais.

3 Como é a arquitetura Rococó?

RESOLUÇÃO:

Possui uma fachada que reflete influências do Barroco ou, em certos casos, o estilo clássico dos renascentistas; seu interior é rico em elementos decorativos, com salões ovais e pintura no estuque.

4 Quais as transformações na pintura durante o Rococó?

RESOLUÇÃO:

Desaparecem os contrastes do Barroco, claro-escuro, passando-se a usar as tonalidades claras e luminosas, bem como a técnica do pastel.

5 Qual a relação do Rococó com o Barroco?

- a) Ambos foram considerados “arte religiosa” no Concílio de Trento.
- b) O Barroco exerceu uma forte influência no Rococó.
- c) Ambos os estilos foram “perseguidos” pela Contrarreforma.
- d) Alguns autores consideram o Rococó um desenvolvimento do Barroco.
- e) Não há nenhuma relação.

Resposta: D

6 São pintores do Rococó:

- a) Da Vinci e Dalí.
- b) Fragonard e Watteau.
- c) Chardin e Chagall.
- d) Da Vinci e Donatello.
- e) El Greco e David.

Resposta: B

7 (MODELO ENEM) – “Literalmente, é um movimento artístico europeu (...), é o Barroco levado ao exagero, e apareceu primeiramente na França, entre o Barroco e o Arcadismo. Visto por muitos como a variação ‘profana’ do Barroco, surge a partir do momento em que o Barroco se liberta da temática religiosa e começa, por exemplo, a incidir-se na arquitetura de palácios civis.”

Estamos nos referindo ao

- a) Romantismo.
- b) Neoclassicismo.
- c) Maneirismo.
- d) Rococó.
- e) Classicismo.

RESOLUÇÃO:

A expressão “Rococó” tem origem na palavra francesa *rocaille*, traduzida em português como “concha”, por estar associada a certas fórmulas decorativas e ornamentais.

Resposta: D

1. Introdução

A reação contra o Barroco e o Rococó teve início na segunda metade do século XVIII, quando um fenômeno estético-cultural chamado Neoclassicismo se difundiu pela Europa e pelas Américas.

Ao gosto precedente, o Neoclassicismo contrapôs a pureza e o equilíbrio do ideal clássico. Roma e, sobretudo, a Grécia foram retomadas por modelo. Os cânones antigos foram reelaborados sob novos princípios de **racionalidade**, de proporção, de medida, de ordem e de limpidez.

Para determinar a eclosão dessa transformação radical, concorreram os pensadores iluministas, com o êxito das escavações arqueológicas e a mudança do regime político da França, considerada o berço do Neoclassicismo.



François Gérard (1770-1837), Amor e Psique.

O movimento expandiu-se a partir da Itália, no século XVIII, passando para a França e para outros países europeus, incluindo a Rússia. Na França, o movimento teve início primeiro com a Revolução Francesa, ansiosa por abater a própria arte da Monarquia de Luís XVI, e depois com Napoleão, que no Neoclassicismo esperou reencontrar os **faustos** do Antigo Império, tomando o nome de “estilo império”, que se manteve até meados do século XIX.

2. Pintura

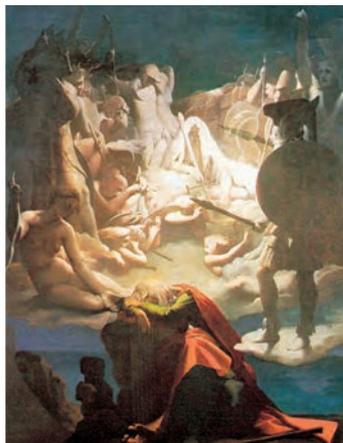
A pintura teve inspiração da cultura clássica (greco-romana), da cultura helenística e do Renascimento Italiano, sobretudo em Rafael. Demonstrou força e independência maior durante a Revolução Francesa e durante o período napoleônico.

Jacques-Louis David (1748-1825) foi o mais clássico dos artistas franceses, conseguindo a união entre o culto da natureza e a tradição clássica. Entre suas obras, destacam-se: *O Juramento dos Horácios*; *As Sabinas*,



Jacques-Louis David (1748-1825), As Sabinas, obra na qual o pintor utiliza a História Antiga como tema.

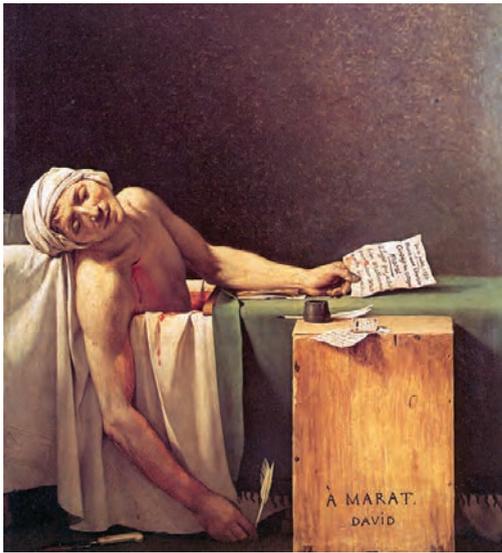
que se encontra no Museu do Louvre; *Coroação de Napoleão*, quadro de grande valor histórico, pois representa mais de quinhentas figuras da época. David foi o retratista oficial da corte, exercendo grande influência na pintura da época, pois seus quadros retratam um grande realismo e emoção. Teve uma ativa participação na Revolução Francesa, controlando durante alguns anos as atividades artísticas; nesse período, pintou sua maior obra, *A Morte de Marat*, retratando a morte de um dos líderes da Revolução, assassinado em sua banheira. Fundou diversas escolas, nas quais surgiram vários discípulos que, apesar de manterem o Classicismo e o respeito pela tradição greco-latina, já vislumbravam o Romantismo.



Ingres (1780-1867), O Sonho de Ossian.



Ingres (1780-1867), O Banho Turco.



Jacques-Louis David (1748-1825), *A Morte de Marat*.



Jacques-Louis David (1748-1825), *Retrato de Madame Récamier*.

No século XIX, apesar das novas tendências artísticas que influenciavam os pintores da época, destacou-se Jean Auguste Dominique Ingres (1780-1867), que havia recebido forte influência de seu mestre, David.

3. Arquitetura

Tal como a pintura, a arquitetura neoclássica foi influenciada pelos modelos greco-romanos, principalmente após as escavações de Pompeia e Herculano, cidades romanas soterradas pelo Vesúvio em 79 d.C.

Na França, destaca-se o *Panteão Nacional*, abrigo dos restos mortais dos heróis franceses, igreja transformada em memorial pelos revolucionários de 1789, e o *Arco do Triunfo*, de Carroussel e Etoile, ambos em Paris; nos Estados Unidos, o *Capitólio*, em Washington; na Alemanha, a *Porta de Brandenburgo*; na Itália, o *Teatro Scala* de Milão.

A arquitetura do Neoclassicismo também apresenta superfícies planas, na simetria e na exatidão geométrica; por isso, o convencionalismo e o tecnicismo reinaram nas academias de belas-arts até serem questionados pelo advento da arte moderna.



Jacques Germain Soufflot (1713-1780), *O Panteão Nacional*.



Karl Langhans (1732-1808), *A Porta de Brandenburgo, em Berlim*.



David e a pintura neoclássica

Em 1785, o Salon, a exposição oficial de arte anualmente realizada em Paris, foi dominado por um quadro imediatamente reconhecido como revolucionário: *O Jramento dos Horácios*, de Jacques-Louis David (1748-1825). Um crítico qualificou-o

como “o mais belo quadro do século”. Contudo, é uma obra curiosamente despojada, sem grande encanto na cor e austera no desenho – dificilmente o gênero de quadro que se julgaria capaz de agradar ao mundo refinado da França

setecentista. De fato, satisfazia uma exigência que foi crescendo nos vinte ou trinta anos anteriores por uma arte que refutasse a frivolidade e a graça do rococó e objetivasse padrões elevados de seriedade didática e severidade estética. Outros,

como Greuze e o mestre de David, Vien, tinham partido nessa direção, mas aqui estava uma obra que satisfazia plenamente a ambos os padrões. Seu tema é aquele momento em que os irmãos juram lutar até a morte para livrar a cidade do tirano que a atacava. David encenou-o com a mais rigorosa economia e clareza. Os três jovens fundem-se numa silhueta, equilibrada à direita pelo grupo mais solto de mulheres e crianças. Todas as figuras e a ação ocupam um plano no espaço nu e em forma de caixa da arquitetura do quadro. O resultado é a grande concentração psicológica no acontecimento. Estilisticamente, este quadro deriva dos relevos romanos e das pinturas de Poussin, embora David tenha ido muito mais longe, ao construir sua composição em linhas quase gritantemente geométricas. Subentendida na imponência do tema está a situação da França. O país às vésperas da revolução, e aí estava um quadro celebrando o vigor moral da Roma republicana.

Em quadros subsequentes, David voltou repetidamente aos temas extraídos da História Antiga para iluminar a situação da França. Seu estilo tornou-se mais elaborado e ele utilizou as mais recentes descobertas arqueológicas para produzir um efeito de exatidão histórica. As mulheres de Paris começaram a imitar os trajes e penteados das mulheres retratadas nos quadros; os fabricantes franceses de mobiliário inspiraram-se em seus quadros e em suas fontes. David tornou-se política e culturalmente poderoso e atuou como ditador artístico até a queda de Robespierre, quando foi encarcerado por alguns meses. Foi então que concebeu o tema para um quadro que celebrasse a paz e o amor: *As Sabinas* (1796-99), mos-

trando essas mulheres, que tinham sido raptadas, impondo corajosamente a paz entre seus maridos-captures e seus pais e antigos maridos. A obra transcendia as facções políticas e foi grandemente admirada. O próprio David a considerou um grande avanço em relação à solidez primitiva dos *Horácios*, e tão grega quanto o quadro mas antigo era romano. Modelou as principais figuras segundo as esculturas helenísticas que o General Bonaparte estava enviando da Itália para a França, e deixou seus combatentes despidos, à maneira grega. Poussin está ainda subentendido no caráter geral da composição, mas, novamente, David concentrou com firmeza a atenção na ação principal e abstraiu a multidão e seu enquadramento em linhas firmes e geométricas.

Com obras como essas, David fez do Neoclassicismo um estilo revolucionário, levando-o muito além do classicismo dos séculos XVI e XVII na exatidão de fatura, na severidade da apresentação e no didatismo sem disfarces. O que também separa o Neoclassicismo do Classicismo do Renascimento, e ilustra a situação crucial de toda a arte no começo da era romântica, é o ar de artificialismo que paira até nos melhores esforços de David e seus seguidores. Na época do Alto Renascimento, o Classicismo, excepcionalmente desenvolvido, de Rafael, parece um fruto natural da arte de seu tempo, ajudado por circunstâncias especiais e inclinações pessoais; e o mesmo se pode dizer do movimento de Poussin em direção ao Classicismo, dentro da mais vasta corrente da arte barroca. Mas o Classicismo de David não foi herdado de Vien, cujos ensinamentos tinham antes o efeito de diminuir o Classicismo aos olhos

de David. Disse este em 1774, ao partir para Roma: “O antigo não me seduzirá; falta-lhe ação e não agita as emoções”. O que ele viu em Roma persuadiu-o a escolher o Classicismo e seu êxito levou outros a escolher o mesmo estilo, pouco depois. O culto da precisão arqueológica serviu para sublinhar esse artificialismo. À parte das questões estilísticas, o Neoclassicismo também serviu, nas mãos de David, para expurgar a pintura de uma prodigalidade de desenho e cor que, em todos os pintores, salvo os de maior estatura artística, se tinha tornado enjoativa. Em seus retratos, David pôde conseguir uma surpreendente objetividade, em que os elementos estilísticos desempenham papel relativamente diminuto. Quando trabalhou como pintor principal de Napoleão – quer dizer, quando atuou como pintor da corte de um grande chefe e se encontrou, portanto, numa situação semelhante à de alguns dos grandes pintores barrocos – David pôde aproximar-se do Barroco em grandiloquência e esplendor. Sua enorme *Coroação* (1802-07), em que mostra Napoleão coroando Josefina, imperatriz, elimina a lacuna entre as entusiásticas reproduções de pompa real do Barroco e os mais prosaicos retratos de corte dos tempos vitorianos. David estava interessado numa grande abertura de arte, estudando particularmente Rubens, a fim de tornar mais leve sua paleta. Como principal pintor da França, tinha um grande número de discípulos selecionados e ensinou-os com uma liberalidade de gosto que era incomum nos círculos neoclássicos.

(Norbert Lynton. *O Mundo da Arte*. Editora Expressão e Cultura. p. 11)

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Roma e, sobretudo, a Grécia foram retomadas por modelo. Os cânones antigos foram reelaborados sob novos princípios de racionalidade, de proporção, de medida, de ordem e de limpidez. O estilo está contextualizado na época do iluminismo, das escavações arqueológicas de Pompeia e Herculano e pela Revolução Francesa. Trata-se do

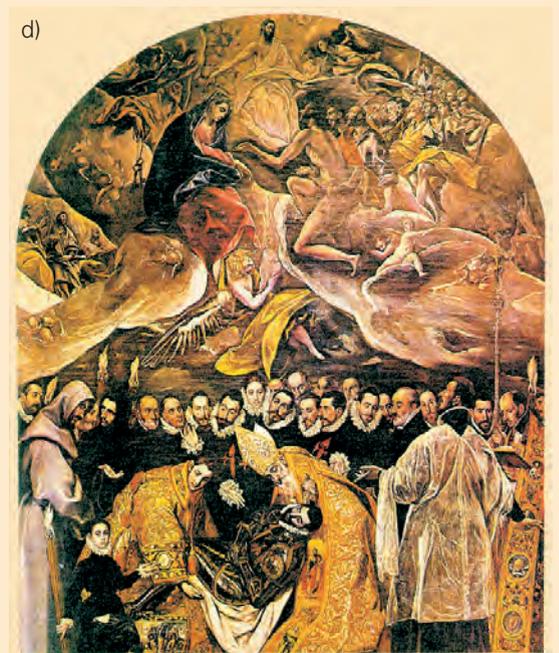
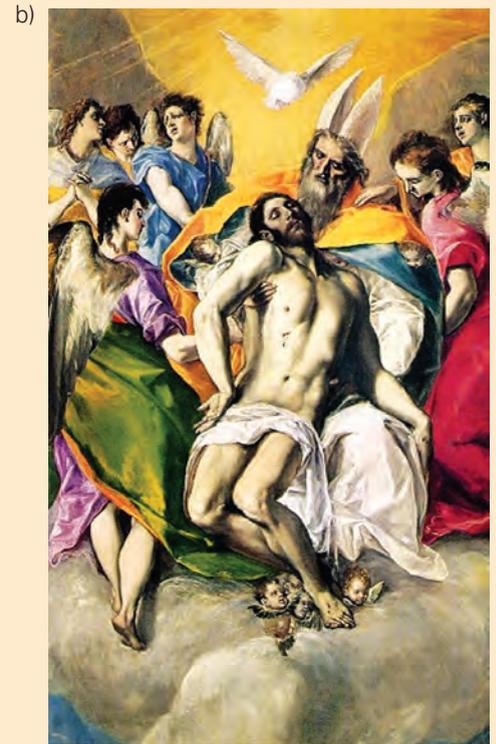
- a) Barroco b) Renascimento c) Neoclassicismo d) Romantismo e) Rococó

Resolução

Quando é dito no texto que “Roma e, sobretudo, a Grécia foram retomadas por modelo”, poderia-se sugerir o Renascimento. Entretanto, o contexto em que surgiu o estilo em questão não deixa dúvidas de que se trata do Neoclassicismo.

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – De fato, satisfazia uma exigência que foi crescendo nos vinte ou trinta anos anteriores por uma arte que refutasse a frivolidade e a graça do Rococó e objetivasse padrões elevados de seriedade didática e severidade estética. Outros, como Greuze e o mestre de David, Vien, tinham partido nessa direção, mas aqui estava uma obra que satisfazia plenamente ambos os padrões. Seu tema é aquele momento em que os irmãos juram lutar até a morte para livrar a cidade do tirano que a atacava. David encenou-o com a mais rigorosa economia e clareza. Os três jovens fundem-se numa silhueta, equilibrada à direita pelo grupo mais solto de mulheres e crianças. Todas as figuras e a ação ocupam um plano no espaço nu e em forma de caixa da arquitetura do quadro. O resultado é a grande concentração psicológica no acontecimento. Estilisticamente, este quadro deriva dos relevos romanos e das pinturas de Poussin, embora David tenha ido muito mais longe, ao construir sua composição em linhas quase gritantemente geométricas. Subentendida na imponência do tema está a situação da França. O país às vésperas da revolução, e aí estava um quadro celebrando o vigor moral da Roma republicana. Trata-se da figura presente na alternativa



Resolução

O quadro descrito no texto é o *Juramento dos Horácios* de autoria de Jacques-Louis David, artista francês e um dos principais expoentes do estilo neoclássico.

Resposta: A



Exercícios Propostos

1 Por que o nome Neoclassicismo?

RESOLUÇÃO:

Porque, após o Barroco e o Rococó, foi retomada como base a arte greco-romana, também chamada de clássica.

2 Em que época da história está inserido o Neoclassicismo?

RESOLUÇÃO:

Insere-se no quadro das revoluções burguesas, sobretudo do iluminismo, Independência dos EUA, Revolução Francesa e Era Napoleônica, quando observamos o fortalecimento e afirmação da burguesia, que lentamente assumiu o controle da sociedade europeia.

3 O Neoclassicismo surgiu como reação a quais estilos?

RESOLUÇÃO:

Aos estilos barroco e rococó, a partir da metade do século XVIII.

4 Disserte sobre a pintura neoclássica.

RESOLUÇÃO:

A pintura inspirou-se nas culturas clássica e helenística e no estilo do pintor renascentista italiano Rafael. Os maiores representantes desse estilo de pintura foram David e Ingres.

5 Qual o outro nome usado para o Neoclassicismo?

- a) Antiguidade Nova.
- b) Reclássico.
- c) Academicismo.
- d) Moderno Final.
- e) Renascimento Tardio.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

6 São pintores do Neoclassicismo:

- a) Max Ernest e Ingres.
- b) David e Dalí.
- c) Goya e Dalí.
- d) David e Ingres.
- e) Delacroix e Houdin.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

7 **(MODELO ENEM)** – Foi o movimento cultural que surgiu no fim do século XVII e está identificado com a retomada da cultura clássica por parte da Europa Ocidental em reação ao estilo barroco. No entanto, propõe a discussão dos valores clássicos, em contraposição ao Classicismo renascentista, que apenas replicava os princípios antigos sem críticas aprofundadas. A concepção de um ideal de beleza eterno e imutável não se sustenta mais.

O estilo ao qual o texto se refere chama-se

- a) Romantismo.
- b) Neoclassicismo.
- c) Maneirismo.
- d) Rococó.
- e) Impressionismo.

RESOLUÇÃO:

Foi o estilo artístico que apresentou um novo interesse pela arte da Antiguidade Clássica.

Resposta: B

- Sensibilidade
- Emoção • Nacionalismo

1. Introdução

O nome Romantismo deriva da palavra “romance”, que na segunda metade do século XIX estava muito em **voga** na Europa. Os temas eram, em sua maioria, medievais, tais como: O Anel dos Nibelungos, A Canção de Rolando e o Rei Artur. Verifica-se, então, uma valorização da Idade Média, tão desconsiderada durante a Idade Moderna.

Nascido na Inglaterra, o Romantismo apresentou: as reivindicações do indivíduo, da sua personalidade móvel; a exacerbação da sensibilidade, da emoção e dos valores interiores em detrimento do frio domínio da razão, manifestada nas paixões e na fantasia. Mostra frequentemente uma atmosfera misteriosa, terrífica, sinistra e sanguinária. São privilegiados os temas dramáticos, sentimentais, inspirados pela literatura, pela história e por qualquer anedotismo descritivo. Procuram-se no conteúdo, mais do que os valores de arte, os efeitos emotivos. As bases do Romantismo foram inspiradas na fantasia, sentimento, paixão e imaginação.

Ao lado dessas características, outros valores compuseram a estética romântica, tais como o sentimento do presente, o nacionalismo e a valorização da natureza, esta com uma visão especial e diferente do neoclássico.

O Romantismo apareceu como reação ao Neoclassicismo, pois, enquanto este era uma volta aos padrões da cultura greco-romana, o novo estilo dava maior liberdade de expressão aos seus artistas, valorizando os princípios da criação artística.

2. Pintura

Diferentemente dos demais estilos de arte, o Romantismo praticamente só desenvolveu a pintura, com paisagens e quadros com temas de exaltação nacional.

Um elemento que se pode notar nos quadros românticos é a composição em diagonal, que sugere instabilidade e dinamismo ao observador. Há uma revalorização da cor, ressurgindo os contrastes claro-escuro, o que produz um efeito de dramaticidade.



Goya (1746-1828), *A Bela Desnuda*.

Apesar de os temas serem fatos reais da história nacional e contemporânea dos artistas, estes davam um toque pessoal ao compor a obra, como se manipulassem a natureza dos fatos.

Entre os precursores do Romantismo na pintura, **Francisco de Goya y Lucientes** (1746-1828) foi um dos mais expressivos, vivendo em uma época turbulenta, marcada pela ocupação da Espanha pelas tropas napoleônicas. Tornou-se o retratista oficial da corte espanhola decadente de Carlos IV, destacando-se entre suas obras: *A Bela Desnuda*, que retoma o tema da Vênus; *As Execuções de 3 de Maio*, representando o fuzilamento dos espanhóis que resistiram aos invasores franceses; *Família de Carlos IV*.



Goya (1746-1828), *As Execuções de 3 de Maio*.

Eugène Delacroix (1798-1863) foi o grande representante da pintura romântica na França, tendo como obras, entre outras, *A Barca de Dante* e *A Liberdade Guiando o Povo*, na qual retrata o movimento revolucionário de 1830, que teve como apoteose a queda do rei Carlos X.



Delacroix (1798-1863), *A Liberdade Guiando o Povo*.

Na Inglaterra, **Joseph Turner** (1775-1851) testemunhou um amor romântico pela natureza, interessando-se cada vez mais pelas cores e pela luz que reproduzia por meio de massas semelhantes a **remoinhos** de matéria colorida, como as obras: *O Grande Canal*; *Chuva, Vapor e Velocidade*.

Voga: divulgação; popularidade; grande aceitação, uso atual, moda.

Remoinho: movimento em círculo causado pelo cruzamento de ondas ou ventos contrários; distribuição natural espiralada dos fios do cabelo, rente à raiz.



Goya (1746-1828), A Vindima.



Goya (1746-1828), A Sombrinha.



Turner (1775-1851), Chuva, Vapor e Velocidade.



Turner (1775-1851), Veneza.



Charles Garnier (1825-1898), Ópera de Paris.

4. Escultura

A tentativa de reviver o estilo gótico (como na pintura e arquitetura) ocorreu, na escultura, a partir de uma lenta adaptação do estilo neoclássico, com novas finalidades por parte dos escultores.

Entre os destaques, citam-se: o francês Jean Antoine Houdon, que também tem ligações com o Neoclassicismo; Antonio Canova, italiano que esculpiu *Pauline Borghese como Vênus*, irmã de Napoleão Bonaparte; Jean Baptiste Carpeaux, cuja obra mais famosa é *A Dança*.



Antonio Canova (1757-1822), Pauline Borghese como Vênus, escultura em mármore, tamanho natural.



O Destaque



Goya

O espanhol Goya, por exemplo, poderia parecer um pintor tão público quanto qualquer outro, visto que era o principal pintor de Carlos IV da Espanha. Contudo, a maior parte de sua obra e, certamente, a sua obra mais gigantesca, é profundamente pessoal no caráter – por isso mesmo, surpreende o reconhecimento de que seu talento desfrutou. Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828), contemporâneo chegado de David, iniciou sua carreira num mundo de Rococó vacilante e numa corte decadente. O Neoclassicismo era a alternativa revolucionária para o Rococó, uma arte pública e impessoal de reconstrução. Mas Goya preferiu, em vez de oferecer visões de um mundo mais nobre, registrar as enfermidades do seu próprio mundo e, para tal fim, desenvolveu um estilo gráfico e pictórico que deriva de Tiepolo, Velásquez e Rembrandt.

Foi o primeiro, e não seria o último, a usar sua arte para nela espelhar os males de seu tempo, e o seu tempo forneceu-lhe males excepcionais. Deu a uma Espanha decadente a guerra, insurreição e exemplos de selvageria bastante anormais, até mesmo para o nosso próprio século.

(Norbert Lynton. *O Mundo da Arte*. Editora Expressão e Cultura, p. 14)

3. Arquitetura

Apesar de não ter características próprias, pois os arquitetos românticos reviveram a arte medieval, não houve um abandono dos hábitos renascentistas de representação. Destacam-se alguns famosos conjuntos arquitetônicos, como o *Parlamento inglês* e a *Ópera de Paris*.



1. A fotografia romântica

2. Retratos

1. A fotografia romântica

Em 1822, um inventor francês chamado Joseph Nicéphore Niépce conseguiu, aos 57 anos, fazer a primeira imagem fotográfica permanente, embora a mais antiga de suas fotos que chegou até nós seja de 1826. Na época, Niépce juntou suas forças às de um jovem chamado Louis Jacques Mandé Daguerre, que havia criado uma câmara improvisada. Depois de mais de dez anos de pesquisas químicas e mecânicas, o daguerreótipo, usando exposições positivas, foi trazido a público em 1839, dando origem à era da fotografia. O anúncio estimulou o inglês William Henry Fox Talbot a completar os trabalhos relativos ao seu próprio processo fotográfico, que envolvia um negativo em papel, a partir do qual podiam ser obtidas imagens positivas, um processo em que ele já vinha trabalhando independentemente desde 1833.

O que terá motivado os pais da fotografia? Estavam em busca de uma técnica artística, e não de um artifício de utilidade prática. Embora Niépce não fosse um artista, mas sim um pesquisador químico, sua proeza resultou de seus esforços para aperfeiçoar o processo de litografia. Daguerre era um pintor talentoso que provavelmente se voltou para a câmara com o objetivo de acentuar o ilusionismo de seus enormes dioramas pintados, que foram a sensação de Paris durante as décadas de 1820 e 1830. Fox Talbot via na fotografia um substituto para o desenho, depois de ter utilizado, em suas férias, uma câmara como instrumento para esboçar paisagens. O interesse que todos esses homens tinham pelo potencial artístico da técnica que haviam criado refletiu-se em suas fotografias.

O fato de essa nova técnica ter um aspecto mecânico era praticamente apropriado. Era como se a Revolução Industrial, tendo alterado para sempre o modo de vida do homem, tivesse agora de inventar seu próprio método de registrar-se a si própria. A química e os mecanismos básicos da fotografia já eram, porém, conhecidos havia muito tempo. A câmara escura, uma caixa com pequena abertura em uma de suas extremidades, foi amplamente utilizada como um recurso auxiliar para o desenho de cenas arquitetônicas na década de 1720, a mesma época em que se descobriu que os sais de prata eram sensíveis à luz. Por que, então, foram necessários mais cem anos para que alguém combinasse esses conhecimentos? A fotografia não era nem inevitável na história da tecnologia, nem necessária para a história da arte; no entanto, era uma ideia cuja época havia claramente chegado. Se tentarmos, por um momento, imaginar que a fotografia foi inventada cem anos antes, acharemos tal fato impossível, num nível especificamente artístico que deixe de levar em consideração os aspectos tecnológicos: o século XVIII foi uma época excessivamente voltada para a fantasia para que pudesse se interessar pela linearidade da fotografia. A

pintura rococó de retratos, por exemplo, preocupava-se mais em criar uma imagem que favorecesse o modelo, do que em reproduzi-lo com exatidão, e o registro objetivo da câmara seria algo totalmente fora de contexto.

A invenção da fotografia foi uma resposta aos anseios artísticos e forças históricas subjacentes ao Romantismo. Grande parte do impulso veio de uma busca do Verdadeiro e do Natural. O desejo de obter “imagens criadas pela Natureza” já pode ser visto no quadro *A Morte de Marat*, de David, que pregava a causa da verdade sem adornos; o mesmo se dá com Louis Bertin, que estabeleceu os padrões de realidade física e representação pictórica da personalidade que viriam a ser seguidos pelos fotógrafos.

2. Retratos

A arte romântica foi, em grande parte, uma arte voltada para a classe média, que substituiu a aristocracia como principal forma de patrocínio à cultura. Como a litografia, que só foi inventada em 1797, a fotografia satisfazia às exigências da florescente classe média, ávida por imagens de todos os tipos. Por volta de 1800, grande parte da burguesia mandava fazer retratos seus, e foi nos retratos que a fotografia obteve sua aceitação mais imediata. Logo após a introdução do daguerreótipo, os estúdios fotográficos surgiram por toda parte. Qualquer um podia ser retratado com facilidade, e a um preço acessível. Ao longo do processo, o homem comum passou a ser, ele também, notável. A fotografia tornou-se, assim, uma projeção dos valores democráticos incentivados pelas revoluções francesa e americana.

Havia também uma acirrada competição entre os fotógrafos, para conseguir que as pessoas famosas posassem para os seus retratos. Gaspard Félix Tournachon, mais conhecido como Nadar, conseguiu atrair a maior parte dos luminares franceses ao seu estúdio. Como muitos fotógrafos anteriores, ele começou como artista, usando a câmara inicialmente para captar as feições de 280 modelos dos quais fez caricaturas numa enorme litografia chamada *Le Panthéon Nadar*; com o tempo, substituiu os pincéis pela lente. A atriz Sarah Bernhardt posou para ele várias vezes, e as fotos dela são os ancestrais diretos da moderna fotografia glamourosa. Com sua pose e expressão românticas, ela é o equivalente das sensíveis donzelas que habitam grande parte da pintura do século XIX. Nadar tratou-a em termos admiravelmente esculturais: de fato, o jogo de luz e o movimento do drapejamento são reminiscências dos bustos esculpidos que eram tão populares entre os colecionadores da época.

(H. W. Janson e Anthony F. Janson. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1988. pp. 424-427.)

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Ao compararmos os dois quadros, podemos afirmar que



Museu do Prado – A Bela Vestida (1800-05) e A Bela Desnuda (1797-1800) de autoria de Francisco de Goya y Lucientes

- a) apresentam a capacidade criativa que só os pintores românticos possuíam.
- b) identificam a interferência do Santo Ofício espanhol, atuante ainda no século XIX.
- c) expressam a luta das mulheres pela liberação sexual no século XIX.
- d) caracterizam um barroco tardio, exemplificado pelo contraste na luminosidade da tela.
- e) representam o moralismo do protestantismo espanhol, que exigiu que a tela fosse vestida.

Resolução

A Inquisição abriu um processo contra Goya por considerar obscena a sua *A Bela Desnuda*, mas o pintor conseguiu livrar-se, sendo-lhe restituída a função de "Primeiro Pintor"

Resposta: B

2 (MODELO ENEM) – Os dois quadros apresentam temáticas



A Liberdade Guiando o Povo – Eugène Delacroix



As execuções de três de maio – Francisco de Goya y Lucientes

- a) políticas.
- b) religiosas.
- c) lúdicas.
- d) aristocráticas.
- e) filosóficas.

Resolução

O Romantismo está relacionado com a difusão do liberalismo político (não confundir com o liberalismo econômico do século XVIII) na Europa do século XIX.

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 Explique as origens do nome Romantismo.

RESOLUÇÃO:

A palavra vem dos "romances" – histórias de aventuras medievais muito em moda no fim do século XVIII –, assim chamados por serem escritos em "românico", e não em latim; daí o interesse por um passado gótico.

2 Cite os propósitos (características) do Romantismo.

RESOLUÇÃO:

O romantismo buscava qualquer experiência, real ou imaginária, desde que fosse forte e derrubasse os artifícios que barravam o caminho a "um regresso à natureza".

3 Relacione o desenvolvimento da pintura no Romantismo em detrimento da arquitetura.

RESOLUÇÃO:

Em razão do individualismo do Romantismo, aparecem mais variedades de estilos na pintura e nas artes plásticas em geral do que na arquitetura, sendo esta mais pública e comunitária.

4 Qual das frases abaixo não condiz com a pintura do Romantismo?

- a) A pintura romântica negou a estética neoclássica.
- b) A pintura romântica aproximou-se das formas barrocas.
- c) Na pintura, houve um interesse maior pelos fatos reais da história nacional e contemporânea de seus artistas.
- d) “Ora calma, ora agitada”, a natureza nas telas do Romantismo apresenta um dinamismo equivalente às emoções humanas.
- e) Os artistas românticos tiveram um grande interesse pelos temas mitológicos greco-romanos.

Resposta: E

5 O Romantismo iniciou-se

- a) no século XIX, na Alemanha.
- b) no século XVIII, na França.
- c) no século XIX, na Inglaterra.
- d) no século XVIII, na Alemanha.
- e) no século XIX, na Espanha.

Resposta: C

6 Não é(são) característica(s) da relação entre o Romantismo e a Natureza

- a) aspectos da Idade Moderna.
- b) a liberdade e o poder.

- c) o amor e a violência.
- d) aspectos da Idade Média.
- e) o entusiasmo.

Resposta: A

7 (MODELO ENEM) – Nascido na Inglaterra, o estilo apresentou: as reivindicações do indivíduo, da sua personalidade móvel; a exacerbação da sensibilidade, da emoção e dos valores interiores em detrimento do frio domínio da razão, manifestada nas paixões e na fantasia. Mostra frequentemente uma atmosfera misteriosa, terrífica, sinistra e sanguinária. São privilegiados os temas dramáticos, sentimentais, inspirados pela literatura, pela história e por qualquer anedotismo descritivo. Procuram-se no conteúdo, mais do que os valores de arte, os efeitos emotivos.

O texto refere-se ao

- a) Barroco.
- b) Rococó.
- c) Neoclassicismo.
- d) Romantismo.
- e) Realismo.

RESOLUÇÃO:

As bases do Romantismo foram inspiradas na fantasia, sentimento, paixão e imaginação. Ao lado dessas características, outros valores compuseram a estética romântica, tais como o sentimento do presente, o nacionalismo e a valorização da natureza, esta com uma visão especial e diferente do neoclássico.

Resposta: D

Módulo

20

Realismo

Palavras-chave:

- Objetividade • Materialismo

1. Introdução

O Realismo originou-se na França, na segunda metade do século XIX, com o artista Gustave Courbet. Caracterizou-se pela reação à fuga da realidade provocada pelo Romantismo e surgiu com base no cientificismo e no industrialismo decorrentes da segunda fase da Revolução Industrial, que se propagava pela Europa.

O movimento foi marcado pela representação da realidade objetiva de coisas e/ou pessoas, com um certo domínio da natureza, reflexo dos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade industrial da época, bem como por uma observação **empírica** da natureza.

Pelo fato de ser considerado um “retorno” à realidade, ao materialismo, o Realismo esqueceu a emotividade humana, característica marcante do Romantismo, movimento ao qual se opôs, havendo um embate entre a subjetividade romântica e a objetividade realista.

2. Pintura

Deixando de lado temas mitológicos, bíblicos, históricos ou literários, o Realismo teve como objetivo a criação da realidade imediata e não imaginada. Esta volta ao real

deu aos artistas, como consequência, a politização. Seu desenvolvimento artístico deu origem a uma manifestação artística: o Impressionismo.

Gustave Courbet (1819-1877) é considerado o criador do realismo social na pintura. Sua carreira artística teve início como pintor do Romantismo, mas após as Revoluções Burguesas do século XIX sentiu que a importância dada à temática romântica era como uma fuga à realidade da época. Entre suas obras, destacam-se *O Semeador* e *Os Quebradores de Pedra*.



Courbet (1819-1877),
O Homem do Cachimbo.

3. Arquitetura

Ao tentarem adaptar-se ao novo contexto social, os arquitetos realistas procuraram adequar as construções às novas necessidades urbanas, criadas pela industrialização das cidades, que não exigiam mais palácios ou templos, e sim construções simples e funcionais.

Empírica: baseada apenas na experiência e, portanto, sem caráter científico.



Gustave Courbet (1819-1877), *O Atelier do Pintor*.

4. Escultura

Uma manifestação dentro do Realismo que não seguiu à risca suas **premissas** foi a escultura, que não era fiel à idealização da realidade, e sim a uma recriação dos seres tais como eles são. A escultura realista, muitas vezes, assumia uma intenção política em suas obras.

Um dos maiores escultores, sem dúvida, foi **Auguste Rodin** (1840-1917), cujas obras despertam várias polêmicas. Até os nossos dias, existe uma discussão quanto à sua classificação: alguns autores o consideram realista e outros o consideram impressionista.



Rodin (1840-1917), *Os Burgueses de Calais*.



1. Courbet e Daumier 2. As origens da arte moderna

1. Courbet e Daumier Courbet

O Realismo de um gênero ou outro tornou-se, porém, a dominante da pintura francesa nos anos intermédios do século. Uma boa parte era ainda do gênero de elaborada narrativa histórica ou episódica que, durante muito tempo, continuou gozando do incansável e desinformado apoio das classes médias e era pintado por homens que, se vivessem hoje, talvez estivessem realizando filmes de segunda classe. Gustave Courbet (1819-1877) ganhou a antipatia do público artístico do seu tempo com um realismo que ultrapassou de longe os limites das boas maneiras. Seu anti-intelectualismo e anticlericalismo, seu enfoque não sentimental de um tema tão privilegiado como a figura feminina, sua paixão pela presença física e sua convicção de que tudo o mais era uma evasão, uma fuga à verdade, converteram Courbet no mais atacado artista de seu tempo. Suas mais belas obras são as paisagens, mas seu âmbito era vasto e incluiu naturezas mortas, nus, uma representação retratista monumental de um *Enterro em Omans* (1850) – uma cena da vida rural apresentada com a grandiloquência que David reservara a Napoleão coroando sua mulher – e uma quantidade de grandes quadros celebrando a grandeza e a humanidade de Courbet. *O Atelier do Artista* (1855) sintetiza seus interesses. De um lado do grande quadro, há camponeses, caçadores furtivos e mendigos; do outro, alguns de seus amigos. No centro, entre uma criança admiradora e um modelo nu, cuja presença no estúdio repleto de gente era uma afronta à decência, está sentado o próprio pintor, concluindo uma paisagem com belos

gestos líricos.

Daumier

Honoré Daumier (1808-1879) era um realista de outra espécie. Filho de um vidraceiro, cresceu em Paris. Aprendeu o ofício de litografia e em 1831 começou trabalhando para o jornal *La Caricature*. Em 1832, foi preso por causa de uma de suas caricaturas políticas, mas voltou ao trabalho, após seis meses no cárcere. Em 1834, *La Caricature* foi suprimido e desde então Daumier trabalhou para Charivari. De um artista mais ou menos inexperiente, converteu-se num dos maiores desenhistas da arte ocidental. À sua extraordinária fluência e poder de traço somaram-se um profundo sentido da injustiça social e uma compreensão pessoal das ambições e da pobreza urbanas. Seus ataques políticos não poderiam ter sido tão amargos, se entre Daumier e as massas não houvesse estreita afinidade. Suas litografias foram admiradas por artistas de renome, como Corot e Delacroix. Balzac, o romancista, que também trabalhou para Charivari, disse dele: “Este moço tem algo de Miguel Ângelo sob a pele.” Quase ninguém se apercebeu de que Daumier era também notável pintor, e utilizava as tintas com uma liberdade desconhecida de seus contemporâneos.

(Norbert Lynton. *O Mundo da Arte*. Editora Expressão e Cultura. p. 35-36.)

2. As origens da arte moderna

Foi no Salão dos Recusados, em 1863, à margem do Salão Oficial da Academia, que alguns pintores jovens, que viriam a ser os impressionistas, tiveram consciência das suas aspirações comuns. *O Almoço*

na Relva, de Manet, tinha causado escândalo. O público indignava-se perante essa arte viva que, todavia, se limitava a retomar moderadamente um velho tema clássico querido a Giorgione e a Ticiano. Se o termo “impressionismo” surgiu na boca dum jornalista trocista a propósito duma tela de Claude Monet, *Impressão: Sol Nascente*, pode realmente definir a estética que corresponde aos acontecimentos sociais, culturais e científicos acerca de 1870. O futuro pertencia à ciência; as grandes invenções sucediam-se: Bell descobria o telefone, Edison, a lâmpada de incandescência, Pasteur, as leis da assepsia; as linhas de caminho de ferro multiplicavam-se. Uma vez que a invenção da fotografia punha ao alcance de todos a reprodução fiel do mundo visível, tornava-se necessário ir mais longe do que o realismo de Courbet. Por outro lado, as pesquisas de Chevreul no domínio da óptica e da cor mostravam que a luz se dividia em cores fundamentais, as quais eram registradas na retina segundo determinadas leis, pois os olhos apenas detectam manchas luminosas modeladas pela cor.

Assim, os pintores impressionistas, para captarem melhor a realidade óptica essencialmente luminosa e momentânea, acabaram por se interessar principalmente pela natureza, pela luz incessantemente mutável da paisagem, pelos espetáculos mais fugidios: as reverberações da água, as nuvens. Abandonando o *atelier*, instalando-se ao ar livre, aplicam a cor pura em pequenas manchas separadas, reconstituindo assim toda a luminosidade e movimento das coisas.

Entretanto, Manet desconfia do “ar-livrismo”; já sabemos que ele gosta do jogo dos negros e dos brancos, dos

Premissa: fato ou princípio que serve de base ao raciocínio; cada uma das primeiras proposições de um argumento.

mistérios da sombra e da luz, dos cinzentos. A procura dos tons puros feita pelos seus amigos impressionistas nunca o afastará dessas preferências. A *Olimpia* é uma variação sobre o claro-escuro; a pincelada fluida brinca nos brancos quentes da pele, no marfim do xale e no branco azulado do lençol. As diversas texturas são apenas sugeridas; o artista não procurava indicar todos os fios do tecido. Uma pintura

tão fresca, tão clara e tão direta teria que ofuscar a Academia, a qual considerava o quadro apenas como um esboço.

Contudo, esta obra-prima tratava um assunto frequentemente exposto nos Salões, o nu; mas os nus oficiais eram adocicados e idealizados, enquanto o de Manet é duro e realista; a carne parece viva e sólida, ao passo que os pintores tradicionais parecia que enchiam os

modelos com algodão. Além disso, os nus acadêmicos, sempre alegóricos, eram pessoais, pretendendo representar a Verdade, a Primavera ou a Alvorada, enquanto o de Manet é individualizado e, nessa época, identificável, pois é o retrato de um modelo profissional muito conhecido.

(Everard M. Upjohn. *História Mundial da Arte*. Portugal. Livraria Bertrand, 1976. pp. 114-116)

Exercício Resolvido



(Os quebradores de pedra – Gustave Courbet)

Resolução

O quadro composto pelo criador do realismo social na pintura, Gustave Courbet, apresenta uma crítica à sociedade capitalista. Nesta tela, dois trabalhadores – cujos rostos estão velados (poderia ser qualquer um) – realizam um trabalho incompatível com suas idades; um, de joelhos, com muita idade para realizar aquele serviço; e o outro, em pé, jovem demais para estar carregando pedras.

Resposta: D

- 1 (MODELO ENEM) – Sobre o quadro ao lado é possível afirmar que
- representa o ideal burguês, ao estimular o trabalho como fonte geradora de riqueza do indivíduo.
 - apresenta uma visão romântica a respeito da família, que trabalhando mantém sua unidade consanguínea.
 - caracteriza o ideal de perfeição grega, retomada nesta tela pelos neoclássicos.
 - demonstra uma visão realista a respeito do trabalho, que não exclui os indivíduos das diversas faixas etárias.
 - manifesta equilíbrio e perfeição com os personagens distribuídos pela tela de forma harmônica.

Exercícios Propostos

- 1 Qual a origem do nome Realismo?

RESOLUÇÃO:

Vem do latim *res*, que significa coisa material.

- 2 Em qual contexto histórico o Realismo está inserido?

RESOLUÇÃO:

Está inserido no contexto da metade do século XIX, com a Primavera dos Povos (1848), a Segunda Revolução Industrial, e o desenvolvimento de ideias sociais e políticas que criticavam a sociedade burguesa.

- 3 Cite três características do Realismo.

RESOLUÇÃO:

A objetividade na descrição de coisas e/ou pessoas, a observação empírica da natureza e a representação do cotidiano.

- 4 Qual a relação entre o Realismo e o Romantismo?

RESOLUÇÃO:

O Realismo nega a subjetividade do Romantismo.

- 5 O que veio a ser o “Manifesto do Realismo”, de Courbet?

RESOLUÇÃO:

Nesse documento, Courbet propunha a superação do clássico e do romântico anunciando o realismo integral, uma abordagem direta da realidade independente de qualquer poética previamente constituída.

- 6 Sobre a arquitetura realista, é correto afirmar que

- Rodin e Houdin foram seus principais expoentes.
- tem no Palácio de Versalhes sua maior obra.
- não tem grande destaque, por se integrar ao contexto de sua época.
- foi obscurecida pela arquitetura neoclássica.
- possui grandes obras nas cidades, principalmente nas projetadas.

Resposta: C

- 7 Sobre a escultura, pode-se dizer que
- teve em Houdin seu maior expoente.
 - não teve muita importância.
 - foi uma cópia exata da realidade.
 - se diferenciou e muito da realidade social de sua época.
 - teve características políticas em muitas de suas obras.

Resposta: E

- 8 O grande precursor da pintura realista foi
- Gustave Courbet.
 - Jean Clouet.
 - Albrecht Durer.
 - Francisco de Goya.
 - Peter Paul Rubens.

Resposta: A

9 **(MODELO ENEM)** – “Nascido na Inglaterra, apresentou: as reivindicações do indivíduo, da sua personalidade móvel; a exacerbação da sensibilidade, da emoção e dos valores interiores em detrimento do frio domínio da razão, manifestada nas paixões e na fantasia. Mostra frequentemente uma atmosfera misteriosa, terrífica, sinistra e sanguinária. São privilegiados os temas dramáticos, sentimentais, inspirados pela lite-

ratura, pela história e por qualquer anedotismo descritivo.”
 “Deixando de lado temas mitológicos, bíblicos, históricos ou literários, teve como objetivo a criação da realidade imediata e não imaginada. Esta volta ao real deu aos artistas, como consequência, a politização. O movimento foi marcado pela representação (...) objetiva de coisas e/ou pessoas, com um certo domínio da natureza, reflexo dos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade industrial da época, bem como por uma observação empírica da natureza.”

Os dois textos apresentam respectivamente

- Barroco e Neoclassicismo.
- Romantismo e Realismo.
- Rococó e Maneirismo.
- Barroco e Realismo.
- Romantismo e Neoclassicismo.

RESOLUÇÃO:

Enquanto o Romantismo valoriza o sentimento, a imaginação e a originalidade subjetiva, o Realismo se apresenta como um movimento contrário e reativo.

Resposta: B

Módulo

21

O Art Nouveau

Palavras-chave:

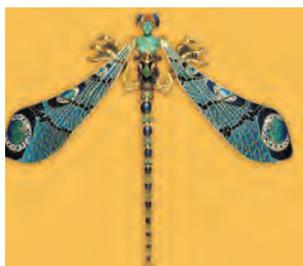
- Decorativo
- Novos materiais • Várias tendências

1. Introdução

Na segunda metade do século XIX, surgiu um novo movimento artístico, resultante de uma reunião das mais variadas **tendências**, tais como: as ideias da industrialização; o Movimento das Artes e Ofícios, influenciado pelas ideias de um jovem sociólogo e arquiteto inglês, William Morris (1834-1896); a Arte Oriental, que penetrava na Europa por causa do Neocolonialismo; as Artes Decorativas e as Iluminuras Medievais.

O movimento difundiu-se pela Europa, tendo várias designações nos diversos países onde ocorreu: *Art Nouveau*, na França; *Jugendstil*, na Alemanha; *Stile Floreale*, na Itália; *Modern Style*, *Style Liberty* ou *New Art*, na Inglaterra.

Houve uma corrente também nas chamadas “artes aplicadas”, ou seja, a produção de objetos para o uso cotidiano, com a decoração de interiores, em grande difusão nos Estados Unidos.



René Lalique (1860-1945), A Mulher Libélula.



René Lalique (1860-1945), Joia em forma de cabeça de mulher.

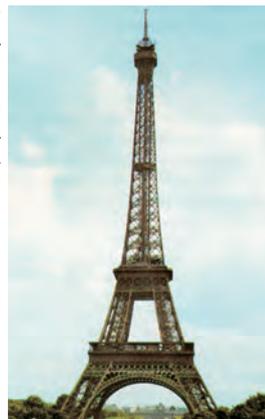
Com uma visão ampla, o *Art Nouveau* procurou preservar o contato do artista com a natureza e desenvolver um artesanato habilidoso. Sua maior conquista foi promover uma unidade das artes e, sendo assim, os objetos do dia a dia e o próprio edifício passaram a ser criados com base em uma mesma tendência decorativista.

2. Arquitetura Nouveau

Na arquitetura, manteve-se a tendência decorativista, segundo a qual era possível criar novas formas com o ferro e o vidro. Com isso, deu-se origem também à pesquisa em direções diversas na arte de construir.

Esse movimento apoiou-se no **primitivismo** e integrou a arquitetura com a pintura e a escultura.

Os principais expoentes da arquitetura *Nouveau* foram Antonio Gaudí, Victor Horta e Hector Guinard.



Gustave Eiffel (1832-1923), A Torre Eiffel, feita para a Exposição Internacional de Paris de 1889. Em razão do uso do ferro como material básico, desmontou-se a galeria que compunha o conjunto arquitetônico, restando apenas a torre.

Tendência: inclinação, propensão; vocação, intenção, disposição.

Primitivismo: qualidade de primitivo; tendência artística que adota por modelo a ingenuidade de forma e o sentimento da arte dos povos primitivos.



Modernismo

A luta entre engenheiros e arquitetos terminou por volta de 1890, com o nascimento do chamado *Art Nouveau*, *Modern Style*, *Jugendstil*, *Liberty* ou *Modernismo*. Este movimento, que pregava uma absoluta independência dos estilos históricos, impulsionou em toda a Europa uma arte à base de linhas curvas e sinuosas, localizadas no solo, na arquitetura, na decoração e no desenho de pequenos objetos. William Morris, na Inglaterra, havia lançado os alicerces para o ressurgimento do artesanato como arte nobre. Este ideal frutificou com Henri van de Velde, Hanken e Victor Horta, principalmente na Bélgica. A *Casa Solvay*, a *Casa Tassel*, *La Maison du Peuple* (demolida em 1966), obras de Horta, são exemplos deste estilo, que na França teve como representante Hector Guinard, autor das estações do metrô de Paris, e na Itália apresentou o chamado estilo *Liberty*. Na Áustria, Otto Wagner e Olbrich criaram o movimento chamado de *Secessão*, inspirando-se um pouco no Barroco tradicional do país. Na Espanha, especialmente na Catalunha, Luís Doménech e Montaner e José Puig e Cadafalch criaram uma versão especial do modernismo, cada um com seu estilo. Movimento de tipo romântico, que atingiu a todas as formas de arte com edifícios notáveis como o *Palácio da Música* e a *Casa das Punxes*, de Barcelona.

Nesta época assinala-se nesta cidade a presença de Antonio Gaudí, o arquiteto mais pessoal e que mais sobressaiu na Europa de princípios do século XX. Isolado das correntes contemporâneas, iniciou sua carreira debaixo da proteção do conde de

Guell, construindo edifícios inspirados na arte *mudéjar* espanhola, de raízes profundamente populares, em que encontra a solução de muitos problemas construtivos graças à habilidade dos pedreiros, mestres no manejo do tijolo e da carpintaria. Seu estilo atingiu completo desenvolvimento com a famosa *Pedrera*, ou *casa Milà*, no passeio de Gràcia, em Barcelona, onde dispôs uma estrutura de pilares de pedra e vigas metálicas, que lhe permitiram traçar uma planta absolutamente livre com um jogo verdadeiramente delirante de tabiques. A coberta, semelhante à da *Casa Batlló*, tem a superfície entortada pelos jogos dos desvãos formados sobre arcos parabólicos de alturas diferentes, construídos com tabiques de ladrilhos. As chaminés são o verdadeiro arremate do edifício, e nelas a imaginação gaudiniana transborda abundante e fecunda. Na cripta de *Santa Coloma de Cervelló* experimentou soluções com pilares inclinados e abóbadas de paraboloides hiperbólicos, que obtiveram na *Sagrada Família* forma definitiva e surpreendente. O sentido intuitivo das estruturas e sua viva imaginação fizeram de Gaudí o profeta da arquitetura moderna e do urbanismo, ensaiado na cidade-jardim do Parque Guell.

Na França, além de Guinard, salientam-se Baudot, Tony Garnier e Auguste Perret, que usaram na arquitetura um novo elemento: o cimento armado. Na *igreja de São João*, de Montmartre, no matadouro de Lyon e na casa 25 bis da Rua Franklin, de Paris, cada um desses arquitetos deu a medida de suas possibilidades.

Na América formou-se uma escola peculiar na cidade de Chicago, onde se construíram os primeiros arranha-céus graças ao aperfeiçoamento de elevadores. Entre os arquitetos que mais se salientaram temos W. Le Baron Jenney, Adler, Sullivan, H. Richardson, que se afastaram do ecletismo europeu, dando grandes lições de funcionalismo. O mais notável dos arquitetos desta escola foi Frank Lloyd Wright, cuja personalidade sobressaiu em todo o mundo e deu a chamada arquitetura orgânica. Sua *Falling Water House*, Racine (Wisconsin), é um monumento antológico da história da arquitetura, bem como o *Guggenheim Museum*, de Nova York, e o *Imperial Hotel*, de Tóquio. A partir de 1893, com a Exposição Universal de Chicago, o ecletismo invadiu o panorama arquitetônico norte-americano. Enquanto isso, iniciava-se na Europa uma nova época, baseada em outro modo de pensar e que levaria a arquitetura ao racionalismo, primeiro ensaio metódico de aplicação dos novos materiais para a solução dos novos problemas nascidos do desenvolvimento industrial, do crescimento da população e do urbanismo integral. Foram os alemães Adolf Loos, Peter Behrens e Bruno Taur que iniciaram este novo momento. Loos, singularmente com seus edifícios de rotundas formas cúbicas (*casa Steiner*, de Viena) e suas janelas alongadas, é quem melhor encarna o nascente racionalismo.

(J. Bassegoda Nonell. *Atlas de História da Arte*. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano. 1977. p. G4)

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – *Art Nouveau* foi de várias maneiras uma resposta à Revolução Industrial. Alguns artistas festejavam o progresso tecnológico e abraçavam as possibilidades estéticas oferecidas pelos novos materiais, como o ferro fundido. Outros, entretanto, lamentavam a péssima qualidade dos produtos fabricados em série e queriam produzir artigos exclusivos que elevassem a decoração ao nível de arte, aplicando as melhores técnicas do artesanato e ofícios para produzir objetos do cotidiano. Os participantes do movimento da *Art Nouveau* também acreditavam que todas as artes deveriam trabalhar em harmonia para criar uma "obra de arte total", ou seja: edificações, mobiliário, têxteis, roupas e joias, todos de acordo com os princípios da *Art Nouveau* (adaptado de http://www.nga.gov/feature/nouveau/exhibit_intro.shtm; acessado em 13/03/2010).

Dentre as imagens abaixo, selecione aquela que se identifica com a *Art Nouveau*:



Resolução A alternativa a é aquela que melhor representa a *Art Nouveau*, pois, além do seu valor intrínseco (joia = adorno), possui um elevado valor artístico (obra de arte). **Resposta: A**



2 (MODELO ENEM) – Templo Expiatório da Sagrada Família é um monumento que começou a ser construído no dia 19 de março de 1882 com base no projeto do arquiteto Francisco de Paula del Villar (1828-1901). No final de 1883, Villar encarregou Gaudí de continuar a obra, o que ele o fez até a sua morte, em 1926. A partir de então, diversos arquitetos têm tocado a obra seguindo a ideia original de Gaudí.

O edifício está localizado em Barcelona, e ao longo dos anos tornou-se um dos símbolos mais universais da identidade da cidade e do país. Anualmente é visitado por milhões de pessoas e muitos são também aqueles que estudam o seu conteúdo arquitetônico e religioso.

(Adaptado de <http://www.sagradafamilia.org/>. Acessado em 12/03/2010.)

A partir da imagem e do texto, é possível afirmar que

- a) esta obra de Gaudí se reveste de um significado meramente religioso.
- b) somente espanhóis e barceloneses consideram que o templo é um patrimônio cultural.
- c) todos reconhecem que o projeto arquitetônico da igreja foi criado por Gaudí.
- d) é um monumento que possui significado arquitetônico, religioso e cultural .
- e) Gaudí conseguiu ver sua obra acabada antes de morrer.

Resolução

Mera interpretação de texto, que afirma o simbolismo universal, nacional e local da construção, além de possuir significância arquitetônica e religiosa.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 O que veio a ser o Movimento das Artes e Ofícios?

RESOLUÇÃO:

Foi um movimento ligado à Segunda Revolução Industrial, influenciado por William Morris, onde os artistas desenvolveram a prática de desenhar objetos a serem produzidos em série pela indústria.

2 Qual o motivo principal da denominação *Art Nouveau*?

RESOLUÇÃO:

O nome está ligado a uma nova estética, surgida no contexto da Segunda Revolução Industrial, que utilizava novos materiais (como ferro e vidro) no design e na arquitetura.

3 Qual a principal relação artística dentro do *Art Nouveau*?

RESOLUÇÃO:

Ligar os objetos ornamentais de espaços interiores com a arquitetura.

4 Comente a respeito da escultura *Art Nouveau*.

RESOLUÇÃO:

Foi pouco desenvolvida, pois estava presa à representação da figura humana, não mais usando elementos da arquitetura, como linhas retas e ângulos.

5 A mais famosa obra arquitetônica do *Art Nouveau* foi:

- a) o Il Gesù, em Roma.
- b) a Torre Eiffel, em Paris.
- c) o Palácio de Versalhes, em Paris.
- d) o Capitólio, em Washington.
- e) a Catedral de Notre-Dame, em Paris.

Resposta: B

6 São artistas do *Art Nouveau*:

- a) Goya e Rubens.
- b) Da Vinci e Dalí.
- c) Tiffany e Dalí.
- d) Tiffany e Lalique.
- e) Gaudí e Braque.

Resposta: D

7 (MODELO ENEM)



Louis Comfort Tiffany (18 de fevereiro de 1848 – 17 de janeiro de 1933) foi um artista americano e *designer* que trabalhou nas artes decorativas e é mais conhecido por seu trabalho em vitrais.

Tiffany era afiliado a uma prestigiada irmandade de *designers* conhecidos como Associated Artists, que incluiu Lockwood de Forest, Candace Wheeler e Samuel Colman. Tiffany projetou vitrais e luminárias, mosaicos de vidro, vidro soprado, cerâmicas, joias, metais e esmaltes.

O movimento artístico do qual Tiffany participou era conhecido como

- a) Simbolista.
- b) Decorista.
- c) *Art Nouveau*.
- d) Romântico.
- e) Realista.

RESOLUÇÃO:

Tiffany é o artista americano que melhor representa o estilo *Art Nouveau*, por utilizar metais, vidros e cerâmica na composição de objetos que possuem valor decorativo e artístico.

Resposta: C

Módulo

22

Impressionismo

Palavras-chave:

- Luminosidade • Pinceladas
- Lugares abertos • Cenas do cotidiano

1. Introdução

Com a Revolução Francesa, teve início a Idade Contemporânea, em um período de seguidas crises. Com isso, desenvolveu-se uma cultura agitada, com constantes mudanças de valores durante todo o século XIX. Tudo era sentido na passagem da exaltação do Romantismo à objetividade do Realismo, indo até a Revolução Impressionista.

O Impressionismo foi o último movimento artístico do século XIX, mais especificamente na sua segunda metade. Foi um movimento que para muitos autores saiu diretamente do Realismo, passando por uma curta fase, cujo grande expoente foi Monet.

2. Pintura

O início do Impressionismo: Manet

Foi do ateliê de Gustave Courbet que saiu um quadro que provocou um escândalo na sociedade da época. A obra era de um pintor chamado **Édouard Manet**, e o quadro, *O Almoço sobre a Relva*, causou um profundo choque na burguesia, pois era composto de uma mulher nua na companhia de dois senhores de sobrecasaca, tendo no fundo outra mulher vestida lavando-se no rio, ou lago.

O motivo da ofensa foi a justaposição do nu e das figuras vestidas em um ambiente ao ar livre. Para os



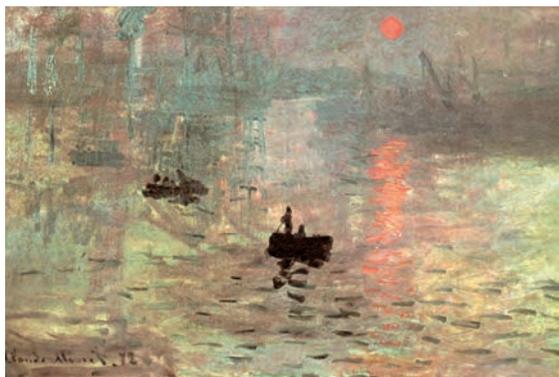
Manet (1832-1883), *O Almoço sobre a Relva*.



Manet (1832-1883), *O Tocado de Pífaro*.

padrões da moralidade da época, a obra era uma afronta, apesar de para muitos ser considerada “revolucionária”, pois já era sabido que ela veio de uma gravura de Rafael Sanzio chamada *O Juízo de Paris*, a qual por sua vez se inspirou em um conjunto de estátuas de um sarcófago romano do século III chamado *Deuses Fluviais*. Foi com Manet que a ética artística mudou, estabelecendo que a pintura deveria obedecer às suas próprias leis, sendo estas diferentes daquelas da realidade. Nasceu assim a doutrina da “arte pela arte”, o que gerou profundas controvérsias entre os liberais ou progressistas, que apoiavam a nova manifestação artística, e os conservadores da arte, que viam nessa nova temática uma afronta. Manet ignorava completamente essas discórdias.

Segundo Courbet, os quadros de Manet pareciam cartas de baralho, por serem lisos. Isso é facilmente notado no quadro *O Tocado de Pífaro*, pois a obra não contém sombras, apesar de passar uma impressão de tridimensionalidade.



Monet
(1840-1926),
Impressão: o
Nascer do Sol.

Monet
(1840-1926),
Campo de Papoulas



“A Revolução da Mancha de Cor”

Talvez tenha vindo de Hals, Velázquez e Goya a preocupação com a pincelada, a luz e a cor, como uma técnica total, a valorização desses recursos e a necessidade de fazê-los competir com a fotografia. Mudou-se a acentuação da tela pintada, sendo esta somente feita para ser olhada, e não para se “olhar através dela”.

Se Manet abriu a brecha para um novo estilo, foi **Claude Monet** o verdadeiro líder da Revolução Impressionista, apresentando o mundo como um jogo de superficialidades, com uma forte luminosidade sob a decomposição cromática, chegando a tirar a importância do objeto. Ele recusou o termo “Impressionista” para sua pintura, mas a expressão já havia sido dada por seus discípulos, possivelmente por um crítico que tenha visto um quadro de Monet intitulado *Impressão: o Nascer do Sol*.

O mundo dos espetáculos e entretenimentos, representado por cenas de salões de dança, festas, cafés, concertos e teatro, entre outros, foi o assunto predileto dos autores impressionistas, destacando-se: **Auguste Renoir** (1841-1919), que, entre várias obras importantes, chama a atenção pelos pares de namorados de seu quadro *O Moinho de la Galette*; **Edgar Degas** (1834-1917), com seu sentido de caráter humano e suas bailarinas, cuja obra tem como ápice o quadro *A Banheira*; **James Whistler** (1834-1903), nos Estados Unidos.



Degas (1834-1917), Dançarinas em Azul.

Os Pré-Rafaelitas

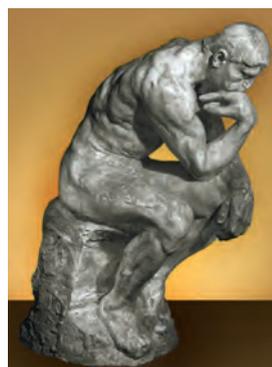
Em 1848, foi criada uma sociedade de nome Fraternidade Pré-Rafaelitas, em que um conjunto de pintores, principalmente alemães, cultuadores de um estilo denominado “medieval”, queria lutar contra a arte frívola de seu século, surgindo assim o que se chamou de “Revivência Gótica”. Divorciaram-se do Romantismo pelo desejo de reformar o mundo a partir da arte, sobressaindo-se nesta escola: Walter Crane (1845-1915), *designer* e ilustrador de livros; William Morris (1834-1896). Era a época da “arte feita pelo povo e para o povo”.



Renoir (1841-1919), Banhista.

3. Escultura

A escultura impressionista chegou bem perto da pintura, apesar de muitos estudiosos da arte terem o costume de afirmar que o Impressionismo não revitalizou a escultura. Tal afirmação é errônea, pois desde Bernini não aparecia um notável escultor como **Auguste Rodin** (1840-1917), que iria fazer um projeto ambicioso chamado *As Portas do Inferno*, inspirado no Inferno de Dante Alighieri, e tem como principais obras *O Pensador* e *O Beijo*. Destaca-se como a sua mais ousada criação *O Monumento a Balzac*, de aparência fantasmagórica, feita em gesso, com quase 3 metros de altura.



Rodin (1840-1917),
O Pensador.



Rodin
(1840-1917), O Beijo.

4. Outras áreas

Ao que parece, foi no final do século XIX que a arquitetura começou a se distanciar da pintura e da escultura, achando seu rumo próprio.

Na música, Claude Debussy (1862-1918) criou o recurso das “manchas sonoras”, timbres orquestrais que procuravam representar a neve, a chuva, os rios e as árvores, ou seja, a natureza.



Impressionismo

O Impressionismo também foi uma revolta, um ataque movido por homens de gênio contra a inflada posmidose da arte oficial acadêmica. Sob o título de *Vinte Anos de Grande Art*, ou *As Lições da Loucura*, Francis Jourdain publicou uma coleção de pinturas que tiveram prêmios oficiais na França no último quartel do século XIX. Em apêndice ao livro, é publicada uma relação de artistas franceses que, no mesmo período, não tiveram prêmios e não gozaram do reconhecimento oficial, entre os quais estão Degas, Sisley, Pissarro, Cézanne, Monet, Renoir, Rousseau, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Bonnard, Matisse, Rouault e Dufy. A arte destes homens sobreviveu ao tempo deles. A coleção de obras dos acadêmicos, por outro lado – a coleção de obras que tiveram a aprovação e o aplauso oficial – é um conglomerado de peças que se caracterizam pela insignificância pomposa e por uma hipocrisia bem nutrida. Nelas encontramos fragatas e bergantins históricos lado a lado com graciosas cenas de batalhas, soldados galantes fazendo continência e mulheres nuas cuja carne evoca irresistivelmente a gelatina, retratos polidos de homens de Estado (nos quais a dignidade do ofício que exercem transpira de cada poro) e medalhões barbados sendo solicitados pelas musas para uma viagem do Moulin Rouge ao Parnaso, ninfas dengosas e santos recém-saídos do salão de beleza para o martírio.

A arte acadêmica é o classicismo que se esvaziou. É o desperdício de velhas formas cujo conteúdo há muito se exauriu. Com seu grosseiro idealismo, com a sua lacrimante sentimentalidade, com as emoções falsas que provoca pela exibição artificiosa de um seio ou uma perna feminina, a arte acadêmica foi um

dos produtos mais repelentes do mundo burguês em processo de desintegração. Compu-nha-se de mentiras, de frases ocas e de uma hipócrita invocação das tradições clássicas e renascentistas, transplantando-as para um contexto no qual a respeitabilidade delas é prostituída pela franca comercialização. O academicismo, de resto, não se encontra apenas na arte, mas em toda parte: no político reacionário que blasona sobre “liberdade, igualdade e fraternidade” domingo à tarde, usando a bandeira tricolor da Revolução como guardanapo para cobrir o estômago, ele só difere no grau de cruza de impudência do academicismo do pintor que rouba as formas e tons do classicismo a fim de empulhar o público, mistificando-o quanto à natureza do mundo em que vive. Esses heróis acadêmicos que degradaram Ticiano e Racine à condição de clichês, que têm sempre “o belo” e “o sublime” nos lábios e nas suas criações, que ardem de indignação ante a “decadência” dos outros, têm sido eles próprios a corporificação da pior e mais vergonhosa forma de decadência. Pois é decadência esclerótica, num mundo desarticulado, o comportar-se como se tudo estivesse em perfeita ordem e o esforçar-se por repetir, com todo tipo de floreios polidos, o que os clássicos utilizaram para se expressar e para expressar com vigor e originalidade a verdadeira experiência do tempo deles.

Foi contra essa contrafação artística, laureada com medalhas e enfeitada com folhas de louro, que o Impressionismo se rebelou. Quando Courbet, que mais tarde viria a tomar parte na Comuna de Paris, escreveu sua orgulhosa carta ao Ministro das Belas-Artes, rejeitando a Cruz da Legião de Honra que lhe fora oferecida, foi como se uma corda nova estivesse sendo ferida:

“Em tempo algum, em caso algum, eu a teria aceitado. Muito menos a teria podido aceitar hoje, quando a perfídia se multiplica de toda parte e a consciência humana não pode deixar de se achar perturbada ante tanta insídia e deslealdade... Minha consciência de artista não podia deixar de repelir o galardão com que a mão do governo procura pressionar-me. O Estado não é competente em matéria artística.”

Mais adiante, na carta, Courbet afirma ser fatal para a arte que seja “forçada a entrar na respeitabilidade oficial e condenada à mediocridade estéril”. Era uma declaração de guerra à arte oficial, acadêmica. Courbet, que havia rompido com a “respeitabilidade oficial”, que havia pintado camponeses e trabalhadores, paisagens, frutas e flores com vigoroso naturalismo, manejando o seu pincel como uma trolha de pedreiro, não era um impressionista, porém o seu salto das salas de museu para a natureza, para o meio do povo, para o frescor da luz e das cores, constituiu um exemplo para os impressionistas. Cézanne disse dele:

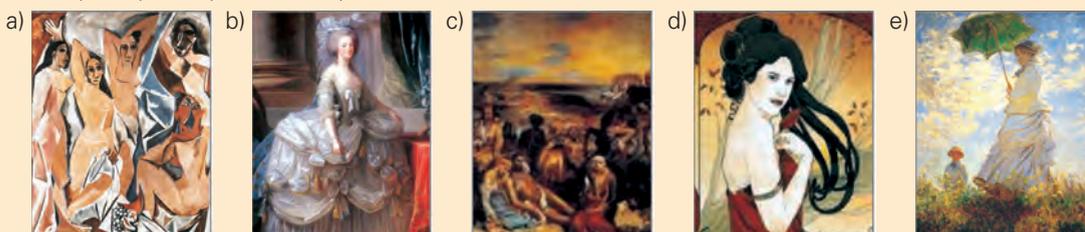
“Um pedreiro. Um tosco e rude caia dor de paredes. Um moedor de cores... Não há outro que possa eclipsá-lo neste século. Ele pode arregaçar as mangas, tombar o chapéu sobre uma das orelhas e deitar abaixo a Coluna Vendôme: seu toque é o de um clássico... É profundo, sereno, gentil. Há nus dele, dourados como o milho maduro: sou louco por esses nus. Suas cores possuem a fragrância do milho... Aquelas mulheres! Um *élan*, uma amplitude, um langor feliz, um repouso que Manet jamais nos deu no seu *Déjeuner*.”

(Ernest Fischer. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. pp. 83-85)

Exercício Resolvido

1 (UEL – MODELO ENEM) – Os autores impressionistas não estavam mais preocupados com os preceitos do Realismo ou do Academicismo. A busca pelos elementos fundamentais de cada arte levou os pintores impressionistas a pesquisar a produção pictórica não mais interessados em temáticas nobres ou no retrato fiel da realidade, mas em ver o quadro como obra em si mesma. Utilizando pinceladas soltas, a luz e o movimento tornam-se os principais elementos da pintura, sendo que, geralmente, as telas eram pintadas ao ar livre para que o pintor pudesse capturar melhor as variações de cores da natureza.

Identifique o quadro que melhor expressa essas ideias.



Resolução

O quadro *Dama com o guarda-sol*, de Claude Monet, contém as características descritas no enunciado da questão (“pinceladas soltas”, luminosidade e pintura ao ar livre).

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Qual a ligação entre o Impressionismo e o Realismo?

RESOLUÇÃO:

O Impressionismo veio diretamente do Realismo, do qual herdou o espírito científico, combatendo as convenções da arte oficial.

2 Que observação fez Courbet ao ver uma obra de Manet? E que obra foi essa?

RESOLUÇÃO:

A obra foi o *Tocador de Pífaro*, e a observação de Courbet foi que o quadro se assemelhava a uma carta de baralho, pois não continha sombras.

3 Cite os precursores do uso dos recursos da luz e da cor.

RESOLUÇÃO:

Franz Hal, Diego Velázquez e Francisco Goya.

4 Explique a origem do nome Impressionismo.

RESOLUÇÃO:

Foi utilizado, pela primeira vez, por um crítico de arte ao ver o quadro *Impressão: o Nascer do Sol*. A partir daí os discípulos de Monet passaram a empregar esse nome, sem que o próprio mestre aceitasse a denominação.

5 Quem foram os Pré-Rafaelitas?

RESOLUÇÃO:

Foram artistas que procuraram restaurar a natureza pura da arte, lutando contra o artificialismo da arte acadêmica de seu século, tendo como inspiração os artistas florentinos do século XV (ou Quattrocento).

6 Sobre o Impressionismo, é correto dizer que

- a) é considerado a “arte pela arte”.
- b) tem influências do Romantismo.
- c) não se relaciona com o uso das técnicas da “luz e cor”.
- d) tem em Courbet e Manet seus principais expoentes.
- e) reviveu a arte medieval.

Resposta: A

7 Sobre a escultura impressionista, é **errado** afirmar que

- a) Auguste Rodin foi seu maior expoente.
- b) Rodin, assim como Manet e Monet, redefiniu a escultura.
- c) desde Bernini não aparecia um grande nome na escultura, e esse nome foi Rodin.
- d) *As Portas do Inferno* deveriam ser um conjunto de esculturas feitas por Rodin, inspiradas na *Divina Comédia*, de Dante.
- e) a escultura impressionista foi a manifestação artística mais desenvolvida no Impressionismo.

Resposta: E

8 São pintores do Impressionismo:

- a) Da Vinci e Cézanne.
- b) Monet e Renoir.
- c) Caravaggio e Cassatt.
- d) Chagall e Cassatt.
- e) Rodin e Manet.

Resposta: B

9 (MODELO ENEM) – Observe estes quadros:



A natureza, o mundo dos espetáculos e entretenimentos, cenas de salões de dança, festas, cafés, concertos e teatros, cenas do cotidiano, passeios, entre outros, foram os temas prediletos dos pintores

- a) realistas.
- b) românticos.
- c) impressionistas.
- d) rococós.
- e) barrocos.

RESOLUÇÃO:

Os impressionistas preferiam pintar ao ar livre, aproveitando ao máximo a luminosidade natural, e assim captar melhor as variações das cores.

Resposta: C